



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras – IL

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP

Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL

Representações discursivas de mulheres negras em textos literários de autoria feminina negra brasileira de livros didáticos de língua portuguesa do 1º ano do ensino médio do Programa Nacional do Livro Didático - PNLD 2018

Marissol de Oliveira Barreto Mendes

Brasília – DF
2021

Marissol de Oliveira Barreto Mendes

Representações discursivas de mulheres negras em textos literários de autoria feminina negra brasileira de livros didáticos de língua portuguesa do 1º ano do ensino médio do Programa Nacional do Livro Didático - PNLD 2018

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Linguística, área de concentração Linguagem e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Francisca Cordelia Oliveira da Silva

Brasília – DF
2021

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

dM342r de Oliveira Barreto Mendes, Marissol
Representações discursivas de mulheres negras em textos literários de autoria feminina negra brasileira de livros didáticos de língua portuguesa do 1º ano do ensino médio aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático - PNLD 2018 / Marissol de Oliveira Barreto Mendes; orientador Francisca Cordelia Oliveira da Silva. -- Brasília, 2022. 149 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Linguística) -- Universidade de Brasília, 2022.

1. Análise de Discurso Crítica. 2. Representação Social.
3. Identidade. 4. Mulheres negras. 5. Educação Antirracista.
I. Oliveira da Silva, Francisca Cordelia , orient. II.
Título.

Marissol de Oliveira Barreto Mendes

Representações discursivas de mulheres negras em textos literários de autoria feminina negra brasileira de livros didáticos de língua portuguesa do 1º ano do ensino médio do Programa Nacional do Livro Didático - PNLD 2018

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Linguística, área de concentração Linguagem e Sociedade.

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora Doutora Francisca Cordelia Oliveira da Silva (Orientadora/Presidente)
Universidade de Brasília (UnB)

Professora Doutora Veruska Ribeiro Machado
(Membro efetivo externo)
Instituto Federal de Brasília (IFB)

Professora Doutora Juliana Freitas Dias (Membro efetivo interno)
Universidade de Brasília (UnB)

Professora Doutora Janaína de Aquino Ferraz (Membro suplente)
Universidade de Brasília (UnB)

Aos meus filhos, Luíza e Rafael.

A todas as mulheres de minha família. Às que vieram antes de mim e às que ainda virão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as professoras e professores que participaram da minha formação, especialmente ao professor André Luís Gaspari Madureira – que me auxiliou quando o ingresso na Universidade de Brasília ainda era um sonho – e aos mestres do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Brasília pelos aprendizados e reflexões que me fizeram chegar onde estou.

Agradeço em especial à minha orientadora, professora Doutora Francisca Cordelia Oliveira da Silva que acreditou em meu potencial e me presenteou com sua dedicação, ensinamentos e sabedoria. Sem dúvidas, um grande exemplo de profissional e de ser humano.

Agradeço aos componentes da banca: professora Doutora Veruska Ribeiro Machado, professora Doutora Juliana de Freitas Dias e professora Doutora Janaína de Aquino Ferraz pela leitura, avaliação e contribuições a esta pesquisa.

Agradeço aos amigos do mestrado pelos momentos compartilhados de aprendizado e suporte, dividindo anseios e alegrias.

Agradeço aos meus familiares, em especial meu pai, Carlos Alberto de Oliveira, e minha mãe, Leide Santos Oliveira, por me lembrarem da importância do estudo em minha vida. Também por acreditarem sempre em meu potencial e vibrar por cada conquista, como se fossem suas.

Agradeço aos meus irmãos, Leone Sóter Santos de Oliveira e Yuri Santos de Oliveira, pela torcida na realização por meus sonhos.

Agradeço aos meus queridos filhos, Luíza e Rafael, pela paciência, pelo amor incondicional, pela doçura da presença em minha vida, por vibrarem comigo e se alegrarem com as minhas conquistas. Por eles, sou motivada a ser uma pessoa melhor a cada dia.

Agradeço ao meu querido companheiro, Lucas Barreto Mendes, por segurar a minha mão na travessia que foi escrever esta dissertação, por trazer alegria e paz nos dias mais difíceis, por acreditar em meu potencial e me estimular a nunca desistir dos meus sonhos. Seu companheirismo, amor, amizade e apoio tornaram essa trajetória mais leve.

Agradeço à minha sogra, Lúcia Barreto Mendes, por ser rede de apoio na construção dessa pesquisa, cuidando de meus filhos com toda amor, quando necessário.

Agradeço às minhas amigas de trabalho do Instituto Federal de Educação e Ciência e Tecnologia da Bahia por todo apoio e torcida.

Agradeço à minha amiga Luana Quinto Bastos pelo incentivo e pela torcida no processo de construção desta pesquisa.

Agradeço, finalmente, a Deus pela vida, pela saúde e por ter me feito forte e corajosa em tempos tão difíceis de pandemia.

RESUMO

Esta dissertação é resultado de uma pesquisa discursiva crítica que tem como objetivo geral analisar as representações discursivas de mulheres negras em textos literários de autoria feminina negra brasileira de livros didáticos de Língua Portuguesa do primeiro ano do Ensino Médio aprovados pelo PNLD 2018/2020, de modo a verificar como estas representações atendem ao proposto pela lei 10.639/2003, que prevê a inclusão obrigatória da história e cultura afro-brasileira nos currículos nacionais de educação. Para alcançar esse objetivo, são analisados cinco textos literários de autoria feminina negra brasileira: *Olhos d'água*, *Ponciá Vicêncio* e *Vozes-mulheres*, da escritora Conceição Evaristo; *Mahin amanhã*, da escritora Miriam Alves, e *Passado histórico*, da escritora Sônia Fátima. Com o *corpus* de pesquisa, pretendo atender a três objetivos específicos: 1) identificar as representações discursivas de mulheres negras nos textos literários das coleções a partir do mapeamento dos textos vinculados ao tema da pesquisa; 2) analisar as representações étnico-raciais das mulheres negras, presentes nos textos analisados, com base nas estratégias de representações discursivas mapeadas; e 3) relacionar as representações étnico-raciais de mulheres negras presentes no *corpus* e com o que dispõe a lei 10.639/2003, que prevê a inclusão obrigatória da história e cultura afro-brasileira nos currículos nacionais de educação. Para tanto, a análise é ancorada nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso Crítica (ADC), principalmente em Fairclough (1992; 2003) e Chouliaraki e Fairclough (1999); na Representação dos Atores Sociais, conforme van Leeuwen (1997); e na análise dos tropos por meio de Lakoff e Johnson (2002). Fundamenta-se também nas contribuições acerca da identidade em Silva (2013), Woodward (2000), Hall (2009); de ideologia em Thompson (2011); e do racismo estrutural em Almeida (2019). A abordagem metodológica é qualitativa, apoiada em Miles e Huberman (1994), Denzin e Lincoln (2003), Bauer e Aarts (2003), May (2004) e Brasileiro (2013). Os resultados revelam que as representações de mulheres negras no livro didático realizadas por escritoras negras apresentam esses atores em papéis de agência e com força dinâmica nas narrativas. Também foi possível perceber uma construção positiva das representações e das identidades dessas mulheres, pautada na valorização da História e da Cultura africana e afro-brasileira.

Palavras-chave: Análise de Discurso Crítica. Representação Social. Identidade. Mulheres negras. Educação Antirracista.

ABSTRACT

This master thesis is the result of a critical discursive research which aims to analyse the discursive representations of black women in literary texts by Brazilian black female authorship from Portuguese language textbooks for the first year of high school approved by PNLD 2018/2019, aiming to verify how these meet what is proposed by the law 10.639/2003. In order to achieve this objective, five literary texts by Brazilian black female authorship are analyzed: *Olhos D'água*, *Ponciá Vicêncio* and *Vozes-mulheres* by Conceição Evaristo; *Mahin amanhã* by Miriam Alves and *Passado Histórico* by Sônia Fátima. By using the corpus of this research, I intend to achieve three objectives: 1) To identify the discursive representation of black women in literary texts of the collections from mapping of the linked to the research theme; 2) To analyse the ethnic-racial representation of black women, present in the analyzed texts, based on mapped discursive representation strategies; and 3) To relate the ethnic-racial representations of black women present in the corpus with the provisions of law 10.639/2003, which provides for the mandatory inclusion of Afro-Brazilian history and culture in national education curricula. Therefore, the analysis is anchored in the theoretical assumptions of Critical Discourse Analysis (CDA), mainly Fairclough (1992; 2003) and Chouliaraki and Fairclough (1999); Social Actors Representations, according to van Leeuwen (1997); and in analysis of tropes through Lackoff and Johnson (2002). It is also based on the contributions about identity in Silva (2013), Woodward (2000), Hall (2009); about ideology in Thompson (2001); and also about structural racism in Almeida (2019). The methodology approach is qualitative, supported by Miles and Huberman (1994), Denzin and Lincoln (2003), Bauer and Aarts (2003), May (2004) and Brasileiro (2013). The results reveal that the representations of black women made by black writers in textbooks present these actors in the roles of agents and with dynamic force in the narratives. It was also possible to perceive a positive construction of the representation and identity of these women, based on the appreciation of African and Afro-Brazilian History and Culture.

Key-words: Critical Discourse Analysis. Social Representations. Identity. Black Women. Anti-racist.

Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.

(PAULO FREIRE, 2000, p.67)

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Textos do <i>corpus</i>	83
Tabela 2. Universo do <i>corpus</i>	85
Tabela 3. Livros didáticos não encontrados	86
Tabela 4. Síntese de escolha metodológicas	90
Tabela 5. Síntese da distribuição dos papéis sociais das mulheres negras nos textos analisados, conforme Van Leeuwen (1997)	111
Tabela 6. Síntese das categorias de genericização e especificação nas representações sociais das mulheres negras nos textos analisados, conforme Van Leeuwen (1997) ..	116
Tabela 7. Síntese da categoria de exclusão masculina na representação dos atores sociais negros no <i>corpus</i> , conforme Van Leeuwen (1997)	118
Tabela 8. Síntese da relação entre as representações étnico-raciais de mulheres negras no livro didático, presentes no <i>corpus</i> , e lei 10.639/2003	136

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Publicações Esmeralda Ribeiro	35
Quadro 2. Publicações Conceição Evaristo	39
Quadro 3. Publicações Miriam Alves	44
Quadro 4. Publicações Sônia Fátima	48
Quadro 5. Categorias analíticas para representação dos atores sociais	65
Quadro 6. Olhos d'água, de Conceição Evaristo	94
Quadro 7. Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo	97
Quadro 8. Vozes-mulheres, de Conceição Evaristo	99
Quadro 9. Mahin amanhã, de Miriam Alves	101
Quadro 10. Passado Histórico, de Sônia Fátima	102

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Capa do volume 1 dos <i>CN</i>	28
Figura 2. Lançamento do volume 1 dos Cadernos Negros	28
Figura 3. Capa do volume 32 dos <i>CN</i>	29
Figura 4. Escritoras que tiveram passagem pelos Cadernos Negros	30
Figura 5. Capa do volume 43 dos <i>CN</i>	32
Figura 6. Grupo Quilombhoje em 1983.....	34
Figura 7. Grupo Quilombhoje e parceiros e parceiras na Virada Cultural de 2016	34
Figura 8. Esmeralda Ribeiro	35
Figura 9. Conceição Evaristo	39
Figura 10. Miriam Alves	44
Figura 11. Sônia Fátima	48
Figura 12. Articulação no interior das práticas sociais com o discurso na intersecção entre os outros três momentos da prática (atividade material, fenômenos mentais e relações sociais), e atravessado pela estrutura e pelos eventos sociais, conforme Chouliaraki e Fairclough (1999)	58
Figura 13. Articulação entre práticas sociais, quadro comparativo entre <i>Discurso na modernidade tardia: repensando a análise crítica do discurso</i> (1999) de Chouliaraki e Fairclough e <i>Analisando discursos: análise textual para pesquisa social</i> (2003) de Fairclough	61
Figura 14. Conceição Evaristo, ilustração do livro didático <i>Veredas da Palavra</i>	93
Figura 15. Ilustração conto <i>Olhos d'água</i>	93
Figura 16. Conceição Evaristo, ilustração do livro didático <i>Trilhas e Tramas</i>	97
Figura 17. Ilustração <i>Vozes-mulheres</i>	99
Figura 18. Ilustração <i>Mahin amanhã</i>	101

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ADC	Análise de Discurso Crítica
CN	Cadernos Negros
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
LD	Livro Didático
MEC	Ministério da Educação
PCNEM	Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio
PLIDEF	Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT	8
LISTA DE TABELAS	10
LISTA DE QUADROS	11
LISTA DE FIGURAS	12
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	13
A MULHER NEGRA NO LIVRO DIDÁTICO: REPRESENTAÇÕES DE SUBALTERNIDADE OU DE PROTAGONISMO?	15
CAPÍTULO 1: CORPO QUE ESCREVE É CORPO QUE TEM VOZ	24
1.1 Escrita feminina negra: expressar é resistir	25
1.2 Esmeralda Ribeiro, Conceição Evaristo e Miriam Alves: pérolas negras em ação ..33	
1.2.1 Esmeralda Ribeiro	34
1.2.2 Conceição Evaristo.....	39
1.2.3 Miriam Alves	44
1.2.4 Sônia Fátima	48
1.3 O livro didático e a literatura afro-brasileira: veiculação e transformação social	51
CAPÍTULO 2: “O ONTEM – O HOJE – O AGORA”	56
2.1 Base teórico-metodológica: Análise de Discurso Crítica (ADC)	56
2.2 O discurso como representação	63
2.3 O discurso como estilo	68
CAPÍTULO 3: “PASSADO HISTÓRICO”	76
3.1 Sobre a temática	76
3.2 Objetivos de pesquisa	77
3.2.1 Objetivo Geral.....	77
3.2.2 Objetivos Específicos.....	78
3.3 Análise das representações discursivas de mulheres negras no Livro Didático: uma abordagem qualitativa	78
3.4 Documentos como expressão de poder social.....	80
3.5 Coleta documental, detalhamento e critérios de seleção de corpus.....	82
3.6 Categorias de análise: a transdisciplinaridade em ADC	87
3.6.1 Objetivo de pesquisa 1	87

3.6.2 Objetivo de pesquisa 2.....	88
3.6.3 Objetivo de pesquisa 3.....	88
3.7 Síntese das escolhas metodológicas.....	89
CAPÍTULO 4: “OLHOS D’ÁGUA”	91
4.1 Corpus	91
4.2 A mulher negra no Livro Didático	102
4.2.1 A distribuição dos papéis para mulheres negras nos textos que compõem o corpus de pesquisa.....	104
4.2.2 A genericização e a especificação nas representações de mulheres negras no livro didático	111
4.2.3 As exclusões masculinas na representação dos atores sociais negros no corpus de análise	115
4.3 As representações étnico-raciais das identidades de mulheres negras no corpus	118
4.3.1 As metáforas e suas relações com as representações discursivas de mulheres negras	119
4.3.2 As metonímias e suas relações com as representações discursivas de mulheres negras	124
4.3.3 Síntese da análise das categorias dos tropos: metáforas e metonímias.	131
4.4 As representações étnico-racial de mulheres negras no Livro Didático e sua relação com a lei 10.639/2003.....	133
“É AMINHÃ, LUIZA MAHIN FALÔ”	137
REFERÊNCIAS	143

A MULHER NEGRA NO LIVRO DIDÁTICO: REPRESENTAÇÕES DE SUBALTERNIDADE OU DE PROTAGONISMO?

Com esta seção, inicio a apresentação deste trabalho e dos aspectos da pesquisa construída por mim, sob a orientação da professora Doutora Francisca Cordelia Oliveira da Silva, no programa de pós-graduação em Linguística da Universidade de Brasília. A apresentação contará com a especificação do tema; problema; justificativa; objetivos; e demais aspectos teórico-metodológicos e estruturais.

Ponto que essa pesquisa vincula-se ao projeto *Discursos, Ideologias, Identidades e Representações: práticas discursivas e sociais de exclusão (2016 - 2020)*, coordenado pela professora Francisca Cordelia Oliveira da Silva no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade de Brasília e ao grupo de pesquisa Discurso, Língua e Representação (CNPq).

Meu objetivo geral é analisar as representações discursivas de mulheres negras em textos literários de autoria feminina negra brasileira dos livros didáticos de Língua Portuguesa do primeiro ano aprovados pelo PNLD 2018/2020, de modo a verificar como estas representações atendem ao proposto pela lei 10.639/2003, que prevê a inclusão obrigatória da história e da cultura afro-brasileira e africana nos currículos nacionais de educação. Nesse sentido, esta pesquisa se define como uma proposta de denúncia de uma das formas de racismo vigentes em nossa sociedade, a insuficiência de representações de mulheres negras no livro didático, e, portanto, assume uma postura antirracista.

Nesse contexto, convém mencionar que o PNLD é um programa do Ministério da Educação – MEC junto ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE que tem por objetivo a compra de material didático para distribuição nas escolas públicas brasileiras. O PNLD é o mais antigo dos programas voltados à distribuição de obras didáticas aos estudantes da rede pública de ensino e cumpre seu objetivo desde 1937. Durante esse período, o programa passou por algumas adaptações e hoje estabelece alguns princípios que orientam o processo de escolha dos materiais didáticos a serem utilizados nas redes de ensino, dentre os quais destaco três que são os mais relevantes para este estudo, a saber:

1. A promoção positiva da imagem de afrodescendentes e dos povos do campo, considerando sua participação e seu protagonismo em diferentes trabalhos, profissões e espaços de poder; (MEC, 2017, p. 12).
2. A promoção da cultura e da história afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros, dando visibilidade a seus valores, tradições, organizações, conhecimentos, formas de participação social e saberes sociocientíficos, considerando seus direitos e sua participação em diferentes processos históricos que marcaram a construção do Brasil, valorizando as diferenças em nossa sociedade multicultural; (MEC, 2017, p. 12).
3. A abordagem, no livro didático, da temática das relações étnico-raciais, do preconceito, da discriminação racial e da violência correlata, visando à construção de uma sociedade antirracista, solidária, justa e igualitária. (MEC, 2017, p. 12).

Os três princípios destacados anteriormente possuem em comum a temática étnico-racial. É oportuno mencionar que tais princípios se encontram em consonância com a lei 10.639/2003, que prevê a inclusão obrigatória da história e da cultura afro-brasileira e africana nos currículos nacionais de educação. Neste contexto da lei, entendo por cultura a representação do que somos e do que fazemos socialmente, uma dimensão do processo social, tal qual argumenta José Luiz dos Santos (1987).

Acrescento que, como processo social, é importante considerar não apenas o aspecto cultural, mas a sua diversidade, uma vez que a cultura, por sua natureza, não está imune às relações de dominação. Por isso, essa pesquisa, ao provocar uma reflexão sobre as presenças/ausências de representações de mulheres negras no livro didático, possui caráter antirracista e dialoga diretamente com o princípio apresentado pelo PNLD que orienta sobre “a abordagem, no livro didático, da temática das relações étnico-raciais, do preconceito, da discriminação racial e da violência correlata, visando à construção de uma sociedade antirracista, solidária, justa e igualitária.” (MEC, 2017, p. 12).

Convém ressaltar que, no Brasil, a partir do século XIX, a questão racial foi construída a partir de ideologias fundadas nos anseios da sociedade branca e eurocentrada da época. Desse modo, o negro foi colocado em posição social de subalternidade e o conceito de raça recebeu uma interpretação social, a qual serviu de subsídio para acentuação das diferenças sociais no país, promovendo noções de

superioridade racial, o que culmina em representações do negro como inferior ao branco, conforme ratifica Lília Moritz Schwarcz (1993, p. 24):

[...] o termo raça, antes de aparecer como um conceito fechado, fixo e natural, é entendido como um objeto de conhecimento, cujo significado estará sendo constantemente renegociado e experimentado nesse contexto histórico específico, que tanto investiu em modelos biológicos de análise. [...] em meio a um contexto caracterizado pelo enfraquecimento e final da escravidão, e pela realização de um novo projeto político para o país, as teorias raciais se apresentavam enquanto modelo teórico viável na justificação do complicado jogo de interesses que se montava. Para além dos problemas mais prementes relativos à substituição da mão de obra ou mesmo à conservação de uma hierarquia social bastante rígida, parecia ser preciso estabelecer critérios diferenciados de cidadania. É nesse sentido que o tema racial, apesar de suas implicações negativas, se transforma em um novo argumento de sucesso para o estabelecimento das diferenças sociais.

Nesse sentido, o conceito de raça subsistiu no imaginário social brasileiro como justificativa para a exclusão da população negra. Assim, o racismo se perpetuou, expressando-se através da discriminação dos sujeitos negros, seja por meio da cor da pele, seja pelas características fenotípicas como o nariz, a boca e o cabelo crespo.

A partir dessas premissas, percebo que o apagamento da história e da cultura dos povos afro-brasileiros, bem como a representação estereotipada do homem e da mulher negra, pode ter como uma de suas bases as teorias raciais do século XIX, pois, desde então, esses sujeitos foram representados como preguiçosos, violentos, como corpos prontos para uso do homem branco e com características fenotípicas associadas a representações negativas. Naquele período, características físicas serviam para definir questões associadas à criminalidade ou à genialidade, por exemplo. (SCHWARCZ, 1993, p. 64-65).

Essa construção negativa reverberou nas representações construídas desses sujeitos nos textos literários naturalistas da época e que ainda estão em voga, como *O cortiço*, de Aluísio Azevedo (1890), por exemplo, que traz personagens como Rita baiana, uma mulher negra hipersexualizada, e Bertoleza, mulher negra enganada quanto a sua carta de alforria, explorada sexualmente e laboralmente por um homem branco, e depois descartada quando não havia mais nada a oferecer a João Romão, português dono do cortiço.

A invisibilidade vivenciada pela população negra por meio do apagamento de sua história e cultura encontrou em dispositivos, como a lei 10.639/2003 (que dispõe

sobre a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nos currículos nacionais de educação), uma razão legal para deixar de existir nas escolas do Brasil. No entanto, o que se verifica é que, apesar de decorridos dezenove anos da promulgação da lei, a história e a cultura afro-brasileira são ainda pouco ou superficialmente representadas.

O guia do PNLD 2018 corrobora tal afirmação assinalando que são poucas as coleções que exploram o tema para embasar um trabalho consistente em sala de aula. Alternativa para essa questão seria a complementação das práticas docentes por meio de debates e de cursos (como parte da formação continuada) que envolvam temáticas relacionadas às culturas afro-brasileiras e indígenas, bem como a inclusão de textos de autores afro-brasileiros e indígenas, para além dos poucos que já se encontram nas coleções aprovadas no âmbito do PNLD 2018. (MEC, 2017).

A ausência de representações da cultura afro-brasileira contribui para a perpetuação dos estereótipos fixados no imaginário social brasileiro. Tal perpetuação culmina na manutenção de formas de dominação e de continuidade do racismo, uma vez que o negro é quase sempre representado em situações sociais de subalternidade.

A perpetuação dos estereótipos e a negação da diferença são formas de silenciamento e invisibilização no que concerne à representação da cultura afro-brasileira. Nesse sentido, a análise discursiva crítica das representações étnico-raciais das coleções de Língua Portuguesa de primeiro ano do PNLD 2018/2020 é uma possibilidade de avaliar em que medida esta representação foi/é retratada, silenciada ou estereotipada, uma vez que, por meio da linguagem, as significações acerca da identidade e da diferença são construídas. Visto como categoria discursiva, o conceito de raça pode ser mote para reflexões sobre racismo, desigualdades sociais, dentre outras questões socialmente estruturais, no âmbito escolar.

É importante refletir sobre as representações discursivas da mulher negra como face da cultura nacional, e, nesta perspectiva, essas representações precisam aparecer como dispositivo discursivo que represente a diferença, isto é, o outro. A cultura nacional, muitas vezes, é representada como unificada e a utilização dessa estratégia promove a manutenção de estruturas de poder que subordinam o outro e o representam como subalterno. Essas construções acontecem e são mantidas por meio da linguagem, conforme pontua Hall (2014).

Do mesmo modo, problematizar uma estrutura simbólica requer o uso do discurso como prática política de transformação das relações de poder, uma vez que

agimos sobre o mundo através da/pela linguagem. Por meio do discurso, significamos, constituímos e construímos a nossa realidade em significados. Somos interpelados socialmente pelas práticas discursivas que permeiam o mundo em que vivemos, mas também possuímos a capacidade, como sujeitos sociais, de modificar padrões discursivos, rearticulando novas ordens de discurso.

Nesse sentido, a Análise de Discurso Crítica (ADC) atua como ferramenta metodológica capaz de possibilitar o atendimento a políticas públicas de inclusão social da população negra, pois promove uma reflexão sobre as ausências de representações desse grupo nos mais variados espaços sociais. Conforme pontuam Choularaki e Fairclough (1999), o discurso é um elemento da prática social que atua como construtor de identidades sociais. Sendo assim, podemos dizer que, na constituição das identidades, há um jogo de construção de sentidos, cujas características não são encadeadas aleatoriamente e, por meio da ADC, é possível identificar as ideologias que atuam nessas relações de dominação e hierarquização.

A escolha do tema – representações discursivas de mulheres negras no livro didático – está relacionada com a tentativa de colaborar com estudos acadêmico-científicos já realizados na área, especialmente no que concerne às discussões realizadas na Universidade de Brasília. Nessa perspectiva, essa pesquisa pode ser um auxílio no preenchimento de lacunas ainda existentes em relação ao estudo do livro didático como universo de análise, sobretudo no que tange às representações da mulher negra no texto literário, como uma das faces da cultura e da história afro-brasileira, sob a perspectiva teórico-metodológica da Análise de Discurso Crítica (ADC).

Nesse sentido, trabalhos como os de Francisca Cordelia Oliveira da Silva, *A representação da raça negra no Brasil: ideologia e identidades* (2005) e *O uso de metáforas e a construção de identidades étnicas* (2009), voltam-se para um olhar acerca das representações e construções identitárias do negro na sociedade. Também os trabalhos de Marinice Natal Justino (2011) *pesquisa e recursos didáticos*; e Ferreira, Costa e Teixeira (2017) *Múltiplos olhares sobre o ensino de línguas: material didático*; tratam sobre o livro didático. Com Sousa e Souza (2017) em *O negro no livro didático: da subalternidade de papéis sociais à omissão*, temos o tratamento da temática negra inserida no didático. Esse trabalho busca preencher especificamente a lacuna acerca do tratamento das representações de mulheres negras no livro didático, sob a luz da ADC.

No que concerne à relevância social do tema, destaco que ele proporciona reflexões sobre os mecanismos de manutenção de poder, bem como de mecanismos de

ruptura com paradigmas sociais, especialmente os relacionados ao racismo estrutural¹ (ALMEIDA, 2019). Estas ações são possíveis a partir da compreensão sobre como as ideologias atuam de modo a reestruturar e a transformar relações de dominação, apresentando e construindo novos sujeitos, bem como novas relações sociais. Essas constatações são possíveis a partir das análises tanto de representações pautadas no estereótipo, e, portanto, hegemônicas, quanto de representações contra-hegemônicas, que apontam para a promoção positiva da imagem e da representação da mulher negra e que dialogam com o proposto pela lei 10.639/2003.

Do ponto de vista pessoal, esta pesquisa é uma oportunidade de dialogar com pesquisas iniciadas por mim na graduação, bem como de viabilizar, como mulher negra acadêmica, reflexões acerca das ordens de discurso vigentes que, majoritariamente, ainda nos colocam em posição de subalternidade, por meio de ideologias que permanecem promovendo exclusão.

Esta pesquisa pretende, portanto, dar visibilidade às representações que apontam para a promoção positiva da imagem, da cultura e da história da mulher negra, partindo da perspectiva da autoria negra. Pontuo, por oportuno, que as denominações negro e negra nesta pesquisa dizem respeito a pessoas classificadas como pretas e pardas e que raça é uma nomenclatura abordada em uma perspectiva discursiva. Outro ponto a ser destacado é que, ao dialogar com a abordagem teórico-metodológica da ADC, busco enfatizar a importância da linguagem na manutenção das estruturas sociais, bem como e, principalmente, o papel da linguagem na mudança social.

Como **objetivo geral**, esta pesquisa busca analisar as representações discursivas de mulheres negras em textos literários de autoria feminina negra brasileira dos livros didáticos de Língua Portuguesa do primeiro ano aprovados pelo PNLD 2018/2020, de modo a verificar como estas representações atendem ao proposto pela lei 10.639/2003, que prevê a inclusão obrigatória da história e cultura afro-brasileira nos currículos nacionais de educação.

Para alcançar o objetivo geral, os **objetivos específicos** são:

- (i) identificar as representações discursivas de mulheres negras nos textos literários das coleções a partir do mapeamento dos textos vinculados ao tema da pesquisa;

¹ Conceito trabalhado por Sílvia Almeida (2019) que aponta para o fato do racismo ser estrutural, isto é, integrar a organização econômica e política da sociedade.

- (ii) analisar as representações étnico-raciais das identidades de mulheres negras, presentes nos textos analisados, com base nas estratégias de representações discursivas mapeadas;
- (iii) relacionar as representações étnico-raciais de mulheres negras presentes no *corpus* com o que dispõe a lei 10.639/2003.

Esta dissertação, escrita sob a perspectiva teórico-metodológica da Análise de Discurso Crítica (ADC), especialmente na visão de discurso como forma de representação em Fairclough (2003), pretende estabelecer uma visão dialética entre o discurso e outras facetas extra-discursivas do mundo social, construindo, a partir de uma síntese de teorias sociais e linguísticas, um quadro teórico-metodológico que operacionaliza as construções teóricas do discurso.

Com o arcabouço teórico de Chouliaraki e Fairclough (1999), encontrei suporte para refletir:

- primeiro, o problema (como as representações discursivas de mulheres negras expressas nos livros didáticos dialogam com a lei 10.639/2003);
- segundo, quais os obstáculos que esse problema encontra (construções discursivas baseadas no racismo estrutural, por exemplo);
- terceiro, as funções do problema na prática (transformar as relações sociais, muitas vezes pautadas na subalternidade vivenciada pela população negra no Brasil e, em especial, no contexto educacional);
- quarto, buscar maneiras de superar obstáculos (a escolha de livros didáticos do PNLB que tragam textos que veiculem discursos relacionados às representações étnico-raciais pautadas no protagonismo, respeitando a importância dos povos negros para a formação do Brasil, por exemplo);
- e, quinto, uma reflexão sobre a minha prática, como pesquisadora e professora de Língua Portuguesa de uma instituição pública federal, e as práticas analisadas, destacando o papel da linguagem e dos linguistas nas transformações sociais e culturais da nossa sociedade.

A pesquisa contará como universo oito dos onze² livros didáticos de Língua Portuguesa do primeiro ano do ensino médio aprovados pelo PNLD 2018 e a amostra será formada por textos literários escritos por mulheres negras que apresentem representações discursivas de mulheres negras. A escolha dos livros aprovados pelo PNLD foi realizada pensando em estabelecer um recorte que considerasse o padrão definido e institucionalizado de difusão de material didático nas escolas da rede pública brasileira. Por se tratar de um número extenso de coleções, optei por analisar apenas os livros de primeiro ano do ensino médio. A escolha em relação à disciplina pedagógica dialoga com a minha inserção na área de Letras e com a intenção de continuar estudos iniciados na graduação.

Neste contexto, o livro didático (LD) surge como instrumento pedagógico veiculador de conteúdos, mas, também, como ferramenta que traduz e dialoga diretamente com a realidade social. Ao discutir minorias, o LD atende aos seus mais diversos usuários e suas respectivas demandas, contextualizando e buscando a inserção das vivências dos estudantes nas práticas da educação.

Esta dissertação foi estruturada em quatro capítulos mais introdução e considerações finais:

Introdução — “A mulher negra no livro didático: representações de subalternidade ou de protagonismo”, apresentação da pesquisa desenvolvida: o tema; o problema; a justificativa; os objetivos; e os aspectos teórico-metodológicos e estruturais.

Capítulo 1 — “Corpo que escreve é corpo que tem voz”, apresento os percursos percorridos por algumas mulheres negras escritoras na literatura afro-brasileira, bem como a transformação social a partir da veiculação da escrita feminina negra no livro didático.

Capítulo 2 — “O ontem – o hoje – o agora”, discussão dos pressupostos teórico-metodológicos nos quais se pauta esta pesquisa, com autores da ADC e de áreas afins (teorias sociais e linguísticas).

Capítulo 3 — “Passado histórico”, apresentação das estratégias metodológicas utilizadas no desenvolvimento da pesquisa, com respectivas justificativas acerca das

² O universo de pesquisa corresponde a oito dos onze livros aprovados, pois não foi possível ter acesso a todos os livros didáticos, apesar dos meus esforços em contatar as editoras, escolas públicas e secretárias de educação.

escolhas metodológicas que orientam a investigação, o detalhamento do *corpus* analisado e a introdução das categorias selecionadas para a análise.

Capítulo 4 — “Olhos d’água”, apresentação e discussão dos resultados alcançados na análise do *corpus*, pautados pelas questões de pesquisa e pelos objetivos pretendidos.

Considerações finais — “É aminhã, Luiza Mahin falô”: considerações finais decorrentes da pesquisa teórica e da análise dos textos literários selecionados. Também, reflexões acerca das contribuições desta pesquisa para a sociedade, a comunidade acadêmica e a comunidade docente que integra, especialmente, a educação básica, na busca de soluções locais ou globais quanto à representação dos sujeitos negros no livro didático e suas implicações nas práticas docentes.

CAPÍTULO 1

CORPO QUE ESCREVE É CORPO QUE TEM VOZ

Nesse capítulo, apresentarei alguns aspectos importantes - como as representações positivas de mulheres negras na literatura, a partir do olhar autoral de escritoras negras - para a compreensão dos dados e das análises da pesquisa que será desenvolvida nos próximos capítulos. Os aspectos apresentados terão relação com características dos textos do *corpus* que dialogam com a lei 10.639/2003, que trata do ensino de história e cultura afro-brasileira, pois retratam uma mulher negra insurgente, protagonista e dona de sua história.

Este estudo tem por **objetivo geral** analisar as representações discursivas de mulheres negras em textos literários de autoria feminina negra brasileira dos livros didáticos de Língua Portuguesa do primeiro ano aprovados pelo PNLD 2018/2020, de modo a verificar como estas representações atendem ao proposto pela lei 10.639/2003, que prevê a inclusão obrigatória da história e cultura afro-brasileira nos currículos nacionais de educação. Por essa razão, farei a contextualização trazendo questões acerca da lei 10639/2003; reflexões sobre o Programa Nacional do Livro Didático - PNLD; e comentários acerca da escrita feminina negra.

No decorrer da pesquisa e da análise dos dados, notei que as representações positivas de mulheres negras que surgiam nos livros didáticos analisados possuíam autoria feminina negra. O *corpus* apresentou também mais dois textos que traziam representações de mulheres negras: um fragmento de *Negrinha* de Monteiro Lobato³ e o fragmento *Minha vida de menina* do diário de Helena Morley⁴. Devido à relevância dessa constatação, que coloca a escrita feminina negra como ferramenta de resistência e combate ao racismo estrutural no Brasil, optei por iniciar a contextualização desta dissertação analisando o percurso e as contribuições de mulheres negras para a literatura brasileira, especialmente as escritoras: Esmeralda Ribeiro, Conceição Evaristo, Miriam Alves e Sônia Fátima.

³ Nesse texto a mulher negra aparece em situação social de subalternidade com visibilidade e destaque ao passado de escravização, a personagem é descrita como “fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados”.

⁴ No texto de Helena Morley há menção a uma personagem, Cesarina, descrita como “crioulinha”. Seu nome aparece em apenas um momento do texto e a construção da narrativa se dá a partir do apagamento do sujeito negro, quase como se esse sujeito fosse desprovido de humanidade.

Na sequência, recorro a discussão para as questões relacionadas ao livro didático (LD) e ao Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), responsável pelo processo de escolha e distribuição de livros didáticos para uso nas escolas públicas nacionais, com atenção especial à importância da veiculação da escrita feminina negra no LD como possibilidade de transformação social. Nesse sentido, este capítulo de contextualização será desenvolvido a partir dos seguintes tópicos:

- (a) escrita feminina negra: expressar é resistir;
- (b) Esmeralda Ribeiro, Conceição Evaristo, Miriam Alves e Sônia Fátima: pérolas negras em ação, e;
- (c) o livro didático e a literatura afro-brasileira: veiculação e transformação social.

A seguir, apresento o tópico que trata da escrita feminina negra como ferramenta de resistência e combate ao racismo estrutural no Brasil.

1.1 Escrita feminina negra: expressar é resistir

A escrita feminina negra brasileira surge em um país que se desenvolveu a partir da exploração da mão de obra escravizada indígena e, sobretudo, a partir da exploração da mão de obra escravizada africana; aludo a esse fato, pois ele é relevante para entender os posicionamentos assumidos por escritoras negras, especialmente as que serão apresentadas posteriormente nesse capítulo. Essa exploração culminou na construção de uma sociedade essencialmente racista, fundamentada inicialmente por meio das teorias raciais do século XIX, que investiram em modelos biológicos de análise para justificar o estabelecimento das diferenças sociais.

Essas teorias surgem como forma de subsídio para um novo projeto político no país pautado nos ideais liberais, conforme elucida Lilia Moritz Schwarcz (1993). Embora tenham encontrado declínio no início do século XX, essas teorias raciais contribuíram para a exclusão das pessoas negras. Essa discriminação se expressa,

sobretudo, pelas características do fenótipo: cabelo, boca, nariz ou pele. Quanto mais retinta for uma pessoa, mais marginalizada ela será⁵.

Tendo em vista que o racismo se expressa na vida social de forma estrutural, podemos dizer que, nesse sentido, ele integra a organização econômica e política da sociedade. Sílvia Almeida (2019, p.32) defende essa tese afirmando que:

o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam.

Conforme aponta Sílvia Almeida (2019), é por meio do racismo que a reprodução das formas de desigualdade e violência, que moldam a vida social contemporânea, encontram sentido, lógica e tecnologia. Portanto, é por meio do racismo que se fundamenta, por exemplo, o fato de a população negra seguir ocupando espaços de subalternidade e, conseqüentemente, tendo seus direitos negados. Os espaços de subalternidade destinados a nós permanecem os mesmos desde a diáspora⁶ e se estendem por todas as manifestações da vida social, ou seja, nos espaços de poder, na televisão, na literatura, na ciência, entre outros. O fato é que a produção intelectual e artística do povo negro existiu, existe e resiste; apesar de todos os esforços em invisibilizar e deslegitimar nossa cultura e história, nós permanecemos contribuindo para construção e o desenvolvimento da sociedade, da ciência e cultura brasileira.

A escrita feminina negra é uma dessas expressões de resistência que contribui para a formação da cultura brasileira. Como produção de conhecimento, é possível identificar na literatura produzida por mulheres negras um espaço de resistência, uma vez que essa literatura revela o compromisso com a valorização e a disseminação da cultura afro-brasileira, e com a desconstrução dos estereótipos que sempre nos colocam em situação social de subalternidade.

Exemplos dessa produção são encontrados nos *Cadernos Negros* (CN), periódico que surge no final da década de setenta como a primeira manifestação literária

⁵ Considerando que há diversos tons de pele negra, leituras sobre colorismo ajudam a entender como o tom da pele pode determinar o quanto uma pessoa possa vir a ter privilégios e acesso facilitado a diversos espaços sociais. Alessandra Devulsky (2021) trata sobre esse assunto no livro *Colorismo*.

⁶ A diáspora aqui é entendida como o deslocamento forçado de povos africanos durante o tráfico de escravizados. Esse processo culminou na redefinição identitária desses povos, tema desenvolvido na obra *Da diáspora: identidades e mediações culturais* de Stuart Hall (2013).

organizada por homens e mulheres negras e que possui caráter dissidente e panfletário, portanto, insere-se fora da lógica do mercado editorial da época. Nele é perceptível a insurgência do povo negro brasileiro por meio das vozes dos escritores e escritoras, que revelam suas vivências, e, sobretudo, valorizam a cultura afro-brasileira. Outro detalhe perceptível no periódico é a preocupação estética com a palavra, sua principal ferramenta, ressignificando vocábulos como “negro” e “pixaim”, que passam a ter acepções positivas nos contos e poemas presentes nos *CN*.

Em se tratando das questões abordadas pelo periódico *Cadernos Negros*, é oportuno mencionar o que Sueli Carneiro (2009, p.53), em *Mulheres negras e poder: um ensaio sobre a ausência*, pontua:

[...] o racismo, o ceticismo e a exclusão social a que as mulheres negras estão submetidas se potencializam e se retroalimentam para mantê-las numa situação de asfixia social, que põe em perspectiva as condições mínimas necessárias para o empoderamento de mulheres negras em nossa sociedade.

Carneiro (2009), ao tratar das questões relacionadas às políticas públicas, aponta para a ausência de mulheres negras em cargos públicos de poder, como juízas, ministras, etc., alertando que tal fato possibilita uma forma de representatividade étnico-racial e de gênero. As reflexões delineadas por Carneiro, voltadas para o espaço público de poder, possibilitam refletir acerca da importância da representatividade como mecanismo que promove o empoderamento e a formação consciente de mulheres negras. Nesse sentido, a literatura surge como uma aliada no processo de transformação e empoderamento para os sujeitos marginalizados, modificando paradigmas e transformando a sociedade.

Essa desconstrução de estereótipos é tema recorrente em poemas e contos veiculados nos *Cadernos Negros* (figuras 1 e 3), pois o periódico, desde os primeiros números, buscava combater os estigmas herdados do processo violento de escravização dos povos africanos no Brasil colonial. Chamo a atenção para esse dado, devido à necessidade de pontuar que as escritoras negras que compõem os textos literários do *corpus* dessa pesquisa (Conceição Evaristo, Miriam Alves e Sônia Fátima) tiveram passagem, e, de certa forma, formaram-se a partir das diretrizes difundidas pelos *CN*, que, conforme pontuado, têm o compromisso ideológico de desconstruir os estereótipos e as imagens negativas destinadas aos corpos negros.

Essas mulheres, por meio da palavra, buscavam criar novas significações para as suas existências e para as existências dos seus, bem como combatiam a “asfixia social” a que estavam submetidas, conforme pontua Carneiro no ensaio citado anteriormente. Nesse sentido, o *Cadernos Negros* surge como uma oportunidade para que essas mulheres façam reverberar as suas vozes, uma vez que, antes dos CN, estas escritoras tinham espaço insuficiente no mercado editorial brasileiro.

A seguir apresento a capa do volume 1 do periódico (figura 1), o registro de seu lançamento (figura 2) e a capa do volume 32 (figura 3), o qual traz uma mulher negra em destaque. Vejo essa escolha como uma forma de valorização da estética negra e de protagonismo, não apenas para homens negros, mas também para mulheres negras.

Figura 1: capa do volume 1 dos *CN*



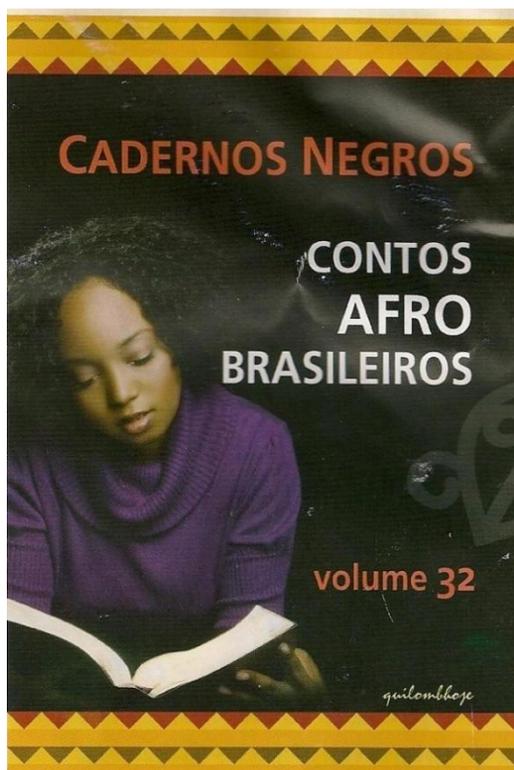
Fonte: <https://www.quilombhoje.com.br/site/cadernos-negros/> . Acesso em: 02 jun. 2021.

Figura 2: Lançamento do volume 1 dos Cadernos Negros



Fonte: <https://www.quilombhoje.com.br/site/cadernos-negros/> . Acesso em: 02 jun. 2021.

Figura 3: capa do volume 32 dos CN



Fonte: <https://deboraalmeidaportfolio.wordpress.com/2009/12/21/lancamento-de-cadernos-negros-32-contos-afro-barsileiros/>. Acesso em: 02 jun. 2021.

Os CN foram publicados pela primeira vez em 1978, e, desde a primeira publicação, havia participação de mulheres no periódico. É importante mencionar esse fato, pois, como já sinalizado, o periódico possibilitou a divulgação da produção literária de mulheres negras no Brasil, fato negado por muito tempo a essas escritoras que ficavam a mercê de um mercado editorial que atendia a interesses hegemônicos, favorecendo principalmente homens brancos. Sobre essa característica dos *Cadernos Negros*, Florentina da Silva Souza (2005, p.95-96) afirma:

[...] o primeiro número, ‘uma brochura de bolso, com 52 páginas, saiu a público numa tiragem de mil exemplares’, trazendo poemas de oito escritores, assim nomeados no índice: Cunha, Angela, Eduardo, Hugo, Célia, Jamu, Osvaldo e Cuti.

Na maioria das vezes, a participação de mulheres se deu em menor quantidade em relação aos homens. No caso do primeiro número, duas escritoras para seis escritores. Por bastante tempo, esse dado se manteve nos números subsequentes que se alternavam entre poemas, nas publicações em número ímpar, e contos, nas publicações em número par. Conforme Pereira (2016), dentre as escritoras que fizeram parte dos primeiros dez anos do periódico, temos: Angela, Célia, Maga, Neuza Maria, Sônia de Fátima, Celinha, Geni Guimarães, Anita Realce, Esmeralda Ribeiro, Miriam Alves, Zula Gibi, Marta, entre outras que foram lançadas no periódico no decorrer dos anos. O mosaico a seguir traz alguns rostos de escritoras cujos dados biográficos foram possíveis de serem localizados na internet.

Figura 4: escritoras que tiveram passagem pelos Cadernos Negros⁷



Fonte: elaborado pela autora

Citado em vários trabalhos acadêmicos no Brasil e também estudado no exterior, o periódico *Cadernos Negros* (CN) representa um divisor de águas na história da literatura no Brasil, pois, antes dos CN, os escritores negros que publicavam de forma independente, por conta do racismo estrutural, não conseguiam alcançar espaço no mercado editorial nem a visibilidade necessária para fazer seus trabalhos circularem e serem reconhecidos.

Um exemplo disso foi o caso de Maria Firmina dos Reis, escritora negra maranhense, professora pública (a primeira a ser aprovada em concurso público no Maranhão) e fundadora da primeira escola mista para meninos e meninas no Brasil. Reis é considerada a primeira romancista brasileira e a primeira romancista negra da América Latina, publicou o romance *Úrsula*, em 1859, que se manteve “esquecido” até o ano de 1962, quando foi localizado pelo historiador Horácio de Oliveira em um sebo do Rio de Janeiro e republicado em 1975 por José Nascimento Morais Filho. Também publicou o romance *Gupeva* (1861), o livro de poesias *Cantos à beira-mar* (1871), o conto *A escrava* (1887) e compôs o *Hino de libertação dos escravos* (1888), conforme

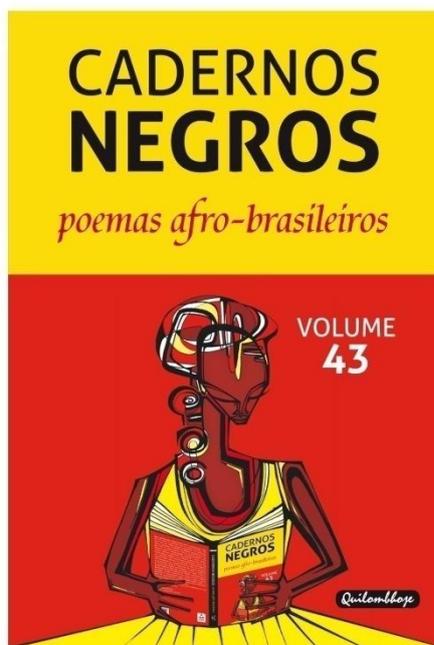
⁷ Da esquerda para direita e de cima para baixo temos: Esmeralda Ribeiro, Neuza Maria, Geni Guimarães, Elizandra Souza, Mel Adún, Sônia Fátima, Cristiane Sobral, Raquel Almeida, Miriam Alves, Lia Vieira e Conceição Evaristo.

publicado na edição de *Úrsula* (2004) da editora PUCMINAS. Apesar da vasta obra, Maria Firmina dos Reis não obteve espaço no meio literário nacional e certamente seu gênero e sua cor foram fundamentais nesse processo de invisibilização. Outro caso intrigante é o do escritor Machado de Assis, que, encontrou notoriedade, mas, por conta do racismo, teve sua imagem “embranquecida” para ter aceitabilidade e compor o cânone literário brasileiro.

Antes dos CN, outros escritores também enfrentaram dificuldades na publicação de suas obras e suas carreiras, como Lima Barreto, Luís Gama, Solano Trindade, Carolina Maria de Jesus, entre outros. Após os CN, houve grande mudança no cenário literário nacional, pois, além de encontrar um local para publicação, os escritores e as escritoras negras puderam encontrar um espaço de transformação social que possibilitou o surgimento de carreiras independentes e de sucesso, como ocorreu com Conceição Evaristo, Cuti, Miriam Alves, Cristiane Sobral, entre outras. Após os CN, houve também o surgimento de editoras independentes que tratam da temática étnico-racial, como a Editora Malê e a Oriki. Além disso, os CN permitiram aos escritores negros uma visibilidade que culminou em abertura e em possibilidade de ocupação em meios como o livro didático.

Em quarenta e três anos de história e após quarenta e três volumes publicados, os *Cadernos Negros*, que, em sua primeira edição, contava com oito escritores, na sua quadragésima terceira edição, *Cadernos Negros Volume 43* (2021), conta com sessenta e cinco escritores de vários estados brasileiros, o que nos revela ainda mais a sua potência, a seguir ilustração da capa do CN volume 43.

Figura 5: capa do volume 43 dos *CN*



Fonte: <https://www.quilombhoje.com.br/livraria/index.php/produto/cadernos-negros-volume-43-poemas-afro-brasileiros/>. Acesso em: 02 jun. 2021.

Após apresentação da importância da escrita feminina negra e dos *Cadernos Negros* como veículo de publicidade dessa escrita, apresentarei no próximo tópico algumas escritoras negras que se destacaram no cenário da literatura afro-brasileira.

1.2 *Esmeralda Ribeiro, Conceição Evaristo e Miriam Alves: pérolas negras em ação.*

No tópico anterior, tratei da relevância dos *Cadernos Negros* como divisor de águas na história da literatura no Brasil e na vida profissional de muitos dos escritores e escritoras que passaram pelo periódico. É importante salientar que, conforme dito anteriormente, homens e mulheres negras sempre escreveram. Sempre fizeram uso de sua voz, porém com os CN muitos desses escritores e escritoras puderam finalmente ter as suas vozes ouvidas, ou, pelo menos, acolhidas.

A partir desse ponto, darei continuidade a esse primeiro capítulo, apresentando quatro escritoras negras que passaram pelos CN. Essas mulheres fizeram história e

marcaram suas gerações, inspirando e impulsionando a resistência através da arte literária, ofício de todas elas. Escolhi quatro escritoras, dentre tantas, pela importância que representam para essa pesquisa, por integrar o quadro de autoras aqui analisadas e por terem escrito para os CN, são elas: Esmeralda Ribeiro, mulher presente na história dos CN e que até hoje integra o coletivo, coordenando e mantendo vivo esse movimento de luta e transformação social; Conceição Evaristo, Miriam Alves e Sônia Fátima.

Início apresentando Esmeralda Ribeiro e darei sequência com a apresentação das histórias de Conceição Evaristo, Miriam Alves e Sônia Fátima, respectivamente. É importante ressaltar que o levantamento apresentado a seguir é fundamental no sentido de estabelecer um parâmetro entre a ampla produtividade dessas autoras em face de sua baixa representatividade nos LDs.

1.2.1 *Esmeralda Ribeiro*

Para nós, afro-brasileiros, viver é um “jogo de capoeira”, quer nós queiramos ou não. São rasteiras, são rabos de arraia, são martelos, mas nós nos esquivamos, nos levantamos e com astúcia vamos vivendo.

(Esmeralda Ribeiro, 2015)

A escritora Esmeralda Ribeiro é natural de São Paulo, formada em jornalismo e, desde muito cedo, militante de movimentos de combate ao racismo⁸. Em 1982, Ribeiro ingressou no Quilombhoje, instituição que não possui fins lucrativos e é destinada a fomentar a pesquisa e os diagnósticos sobre a cultura afro. O Quilombhoje foi fundado em 1980 por Cuti, Oswaldo de Camargo, Paulo Colina, Abelardo Rodrigues e outros, com o objetivo de discutir a vivência afro-brasileira na literatura. Em 1982, com a entrada de Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa, Miriam Alves e Oubi Inaê Kibuko, o grupo assumiu a organização dos Cadernos Negros⁹. Ainda hoje, Ribeiro faz parte do coletivo, como uma de suas coordenadoras. A seguir, ilustração do grupo em 1983 (figura 6), em 2016 (figura 7) e da escritora Esmeralda Ribeiro (figura 8).

⁸ Biografia elaborada a partir de Pereira (2016) e de informações do Portal Literafro (UFMG). Disponível em: < <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/244-esmeralda-ribeiro> > Acesso: 05 maio 2021.

⁹ Para saber mais, acessar o site da instituição: <https://www.quilombhoje.com.br/site/>.

Figura 6: Grupo Quilombhoje em 1983.



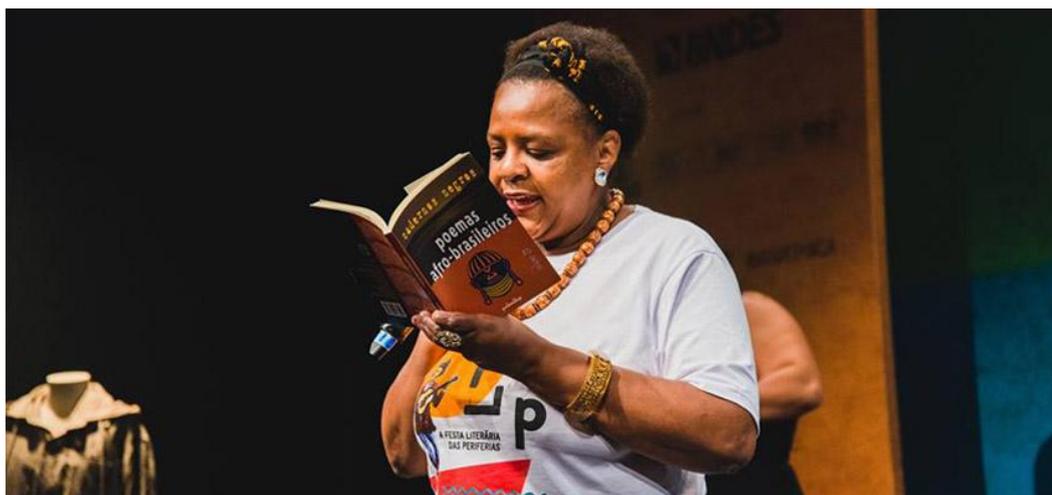
Fonte: <https://www.quilombhoje.com.br/site/quilombhoje/>. Acesso 02 jun. 2021

Figura 7: Grupo Quilombhoje e parceiros e parceiras na Virada Cultural de 2016.



Fonte: <https://www.quilombhoje.com.br/site/quilombhoje/>. Acesso 02 jun. 2021

Figura 8: Esmeralda Ribeiro



Fonte: <https://almapreta.com/sessao/cotidiano/cadernos-negros-a-gente-pode-falar-da-nossa-afetividade>. Acesso 02 jun. 2021

As primeiras experiências de Esmeralda Ribeiro como escritora datam de 1982, quando publicou quatro poemas nos *Cadernos Negros*. É autora de *Malungos e milongas* (1988) e *Orukomi - meu nome* (2007), e de escritos não ficcionais voltados para discussão sobre literatura, atuando em temas que envolvem questões étnico-raciais e de gênero. A seguir, apresento um quadro ilustrativo acerca das produções de Esmeralda Ribeiro:

Quadro 1: Publicações Esmeralda Ribeiro

PUBLICAÇÕES
Obra individual <i>Malungos e milongas</i> . São Paulo: Edição da autora, 1988. (Contos) <i>Orukomi - meu nome</i> . Ilustrações de Edmilson Quirino dos Reis. São Paulo: Quilombhoje, 2007.
Não Ficção “Literatura infanto-juvenil”. In: <i>Reflexões sobre a literatura afro-brasileira</i> . São Paulo: Quilombhoje, 1982; Conselho de Desenvolvimento e participação da Comunidade negra, 1985 (artigo). p.25-29. “A Escritora negra e o seu ato de escrever participando”. In Silva, Luiz (Cutí), Alves, Miriam; e Xavier, Arnaldo (orgs.) <i>Criação crioula, nu elefante branco</i> . São Paulo: Secretaria de Estado e Cultura, 1987 (Trabalho apresentado no I Encontro Nacional de Poetas e Ficcionalistas Negros Brasileiros). p.59-65. “A obra de Carolina Maria de Jesus”. In: DUARTE, Constância, DUARTE, Eduardo e BEZERRA, Kátia (orgs.) <i>Gênero e representação na literatura Brasileira</i> , Col. Mulher & Literatura, Vol. 2. Belo Horizonte: UFMG, 2002. <i>Gostando mais de nós mesmos</i> . São Paulo: Ed. Gente, 1999. (Depoimentos) A narrativa feminina publicada nos Cadernos Negros sai do quarto de despejo”. In: DUARTE, Constância Lima et al. (orgs.) <i>Gênero e representação na literatura brasileira</i> . Vol. II. Belo Horizonte: UFMG, 2002, p. 229-233. <i>The afro-brasilian mind – a mente afro-brasileira: contemporary afro-brasilian literary and cultural criticism</i> . (Co-organização, com Niyi Afolabi e Márcio Barbosa). Trenton-NJ / Asmara-Eritrea: África World Press, 2007. <i>Cadernos Negros - Black Notebooks: contemporary afro-brasilian literary movement</i> . (Co-organização,

com Niyi Afolabi e Márcio Barbosa). Trenton-NJ / Asmara-Eritrea: África World Press, 2007.
Cadernos Negros: três décadas. (Co-organização, com Márcio Barbosa). São Paulo: Quilombhoje / SEPPPIR, 2008.

Coautoria / Antologias

Cadernos negros 5. Org. Cuti. São Paulo: Ed. dos Autores, 1982.
Cadernos negros 7. Org. Quilombhoje. São Paulo: Edição dos Autores, 1984.
Cadernos negros 8. Org. Quilombhoje. São Paulo: Edição dos Autores, 1985.
Cadernos negros 9. Org. Quilombhoje. São Paulo: Edição dos Autores, 1986.
Cadernos negros 10. Org. Quilombhoje. São Paulo: Edição dos Autores, 1987.
Pau de Sebo – coletânea de poesia negra. Org. Júlia Duboc. Brodowski: Projeto memória da cidade, 1988.
Cadernos negros 11. Org. Quilombhoje. São Paulo: Edição dos Autores, 1988.
Cadernos negros 12. Org. Quilombhoje. São Paulo: Edição dos Autores, 1989.
Cadernos negros 13. Org. Quilombhoje. São Paulo: Edição dos Autores, 1990.
Cadernos negros 14. Org. Quilombhoje. São Paulo: Edição dos Autores, 1991.
Cadernos negros 15. Org. Quilombhoje. São Paulo: Edição dos Autores, 1992.
Cadernos negros 16. Org. Quilombhoje. São Paulo: Edição dos Autores, 1993.
Cadernos negros 17. Org. Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje: Editora Anita, 1994.
Moving beyond boundaries. International Dimension of Black Women's Writing. Edited by Carole Boyce Davies and Molara Ogundipe-Leslie. London: Pluto Press, 1995.
Cadernos negros 18. Org. Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje: Editora Anita, 1995.
Finally Us. Contemporary Black Brazilian Women Writers. Edited by Mirian Alves and Carolyn R. Durham, edição bilingüe português/inglês. Colorado: Three Continet Press, 1995.
Callaloo, vol. 18, number 4. Baltimore: The Johns Hopkins University press, 1995.
Ancestral House. Edited by Charles H. Rowell. Colorado: Westview press, 1995.
Cadernos negros 19. Org. Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje: Editora Anita, 1996.
Cadernos negros 20. Org. Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje: Editora Anita, 1997.
Cadernos negros: os melhores contos. Org. Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje, 1998.
Cadernos negros 21. Org. Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje, 1998.
Cadernos negros 22. Org. Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje, 1999.
Terras de palavras. Org. Fernanda Felisberto. Rio de Janeiro: Pallas: Afirma, 2004.
Cadernos Negros 23. Org. Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2000.
Quilombo de palavras: a literatura dos afrodescendentes. Org. Jônatas Conceição e Lindinalva Amaro Barbosa. 2 ed. Ampl. Salvador: CEAO/UFBA, 2000.
Cadernos Negros 24. Org. Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2001.
Fourteen Female Voices from Brazil: interviews and works. Org. Elzbieta Szoka. Austin: Texas: Host Publications, Inc., 2002, p. 238-244.
Cadernos Negros 25. Org. Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2002.
Cadernos Negros 26. Org. Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2003.
O corpo inscrito. In Brasil / Brazil: Revista de Literatura Brasileira / A Journal of Brazilian Literature. Org. Maria José Somerlate Barbosa, 2004.
Cadernos Negros 27. Org. Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2004.
Terras de palavras. Org. Fernanda Felisberto. Rio de Janeiro: Pallas: Afirma, 2004.
Cadernos Negros 28. Org. Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2005.
Women righting – mulheres escrevendo: afro-brazilian women's short fiction. Edited by Miriam Alves e Maria Helena Lima. Bilingual edition. London: Mango Publishing, 2005.
Cadernos Negros 29. Org. Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2006.
Cadernos Negros 30. Org. Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2007.
Cadernos Negros 31. Org. Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2008.
Cadernos Negros 32. Org. Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2009.
Cadernos Negros 33. Org. Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2010.
Antologia de poesia afro-brasileira: 150 anos de consciência negra no Brasil. Org. Zilá Bernd. Belo Horizonte: Mazza edições, 2011.
Cadernos Negros 34. Org. Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2011.
Cadernos Negros 35. Org. Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2012.
Cadernos Negros 36. Org. Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2013.
Cadernos Negros 37. Org. Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2014.
Cadernos Negros 38. Org. Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2015.

Cadernos Negros 39. Org. Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2016.
Cadernos Negros 40. Org. Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2017.
Cadernos Negros 41. Org. Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2018.
Cadernos Negros 42. Org. Márcio Barbosa, Esmeralda Ribeiro. São Paulo: Quilombhoje, 2019.

Fonte: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/244-esmeralda-ribeiro> Acesso 02 jul. 2021

Através de personagens dos seus textos ficcionais, Esmeralda Ribeiro questiona a marginalização das pessoas negras na sociedade, apresentando personalidades com posicionamentos críticos que rejeitam o lugar social da subalternidade atribuído ao negro. Seus personagens reagem ao discutir e promover reflexões sobre o seu lugar no mundo. Assim, Ribeiro possibilita a construção de representações positivas, especialmente para as mulheres negras, rompendo com uma tradição que visa marginalizá-las.

Uma personagem de destaque da escritora é Clara dos Anjos, uma reconstrução da personagem de Lima Barreto no romance também intitulado *Clara dos Anjos* (1948). Faz-se necessário lembrar que, no romance de Lima Barreto, Clara é uma moça negra, filha única, que mal sai de casa. Ela conhece, em um dos seus aniversários, Cassi Jones, homem branco e sedutor. Os dois começam a trocar cartas e, em uma madrugada, Cassi Jones invade o quarto de Clara e, conforme o texto, a "desonra", abandonando-a em seguida grávida e humilhada. No conto *Guarde segredo* (1991), Esmeralda Ribeiro reconstrói e atualiza a narrativa, apresentando uma Clara que não aceita o lugar da submissão e da humilhação, reagindo ao que lhe acontece.

A protagonista de Ribeiro revida, sabe dos seus direitos, mas ainda encontra barreiras, ainda tentam silenciá-la. Diferentemente da primeira Clara, a segunda é consciente de suas escolhas, revida e contesta os lugares marginais que a sociedade tenta lhe impor. Na história de Ribeiro, o final trágico é destinado a Cassi Jones, que é atacado por Clara ao descobrir uma traição. Clara foge devido ao ataque, porém com a certeza de que “não devemos aceitar o destino com resignação”, conforme lhe alertou a personagem vovó Olívia.

Essa contestação aparece não apenas em seus textos literários, mas também em registros não ficcionais, como nos textos *A Escritora negra e o seu ato de escrever participando*, publicado em *Criação crioula, nu elefante branco*, obra organizada por Luiz Silva (Cuti), Miriam Alves e Arnaldo Xavier. Nesse ensaio Ribeiro aponta para a necessidade de união entre homens e mulheres negras escritoras como forma de

fortalecimento na luta pela formação de uma nova consciência nacional. Vejo esse desejo como uma forma de buscar o respeito e a garantia de direitos a todos, de combater o racismo e de se libertar, por meio do texto literário (uma prática antirracista), das amarras de exclusão na sociedade.

1.2.2 Conceição Evaristo

A nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.

(Conceição Evaristo, 2007, p.21)

Dando continuidade à apresentação de escritoras negras engajadas com as causas de gênero e raça e que passaram pelo periódico *CN*, apresento Maria da Conceição Evaristo de Brito, ou simplesmente Conceição Evaristo (figura 6), natural de Belo Horizonte. Evaristo, que, além de escritora, é professora e crítica literária, teve origem em uma família com poucos recursos econômicos, por isso, ainda criança, trabalhou como empregada doméstica e conheceu desde cedo as dificuldades enfrentadas por mulheres negras pobres. Contudo, apesar das adversidades, Evaristo conseguiu estudar e se formou em Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sendo hoje doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Figura 9: Conceição Evaristo



Fonte: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/> Acesso 02 jun. 2021

Sua bibliografia inclui poesias, contos e romances, dentre os quais destaco *Ponciá Vicêncio* (2003), traduzido para o inglês, *Becos da Memória* (2006), *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008), e *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011). Desde o ano de 1990, teve espaço para publicação nos *Cadernos Negros*, em que fez sua estreia como escritora. Também publicou textos não ficcionais, nos quais encontramos reflexões acerca da literatura. A seguir, apresento um quadro ilustrativo acerca das produções de Conceição Evaristo:

Quadro 2: Publicações Conceição Evaristo

PUBLICAÇÕES
Obra individual <i>Ponciá Vicêncio</i> . Belo Horizonte: Mazza, 2003; 2. ed., 2006. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017. (Romance). <i>Becos da Memória</i> . Belo Horizonte: Mazza, 2006. 2. ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 2013. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017. (Romance). <i>Poemas da recordação e outros movimentos</i> . Belo Horizonte: Nandyala, 2008. 2. ed. 2010. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017. <i>Insubmissas lágrimas de mulheres</i> . Belo Horizonte: Nandyala, 2011. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016. (Contos). <i>Olhos d'água</i> . Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2014. (Contos). <i>Histórias de leves enganos e pareanças</i> . Rio de Janeiro: Malê, 2016. 2.ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017. (Contos e novela). <i>Canção para ninar menino grande</i> . São Paulo: Ed. Unipalmars, 2018. (Novela).

Azizi, o menino viajante. São Paulo: Kidsbook Itaú, 2017. Disponível em: www.euleioparaumacrianca.com.br/ Acesso em: 29 de jun. 2020.

Não me deixe dormir o profundo sono. Revista Piauí, 167, ano 14, ago. 2020.

"Fio de prumo". *Um piano Já Dulcina*. 1º Disponível em: <https://medium.com/@folhetimsescpompeia/fio-de-pruma>. Acesso em: 17 set. 2020.

Não Ficção

Samba-favela. In: *O Diário*. Belo Horizonte, 18/101974. Seção: Documentação Católica.

Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. Dissertação (mestrado) – PUC-RJ, Rio de Janeiro, 1996.

Poemas malungos – cânticos irmãos. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

A literatura negra. Rio de Janeiro: CEAP, 2007.

Da afasia ao discurso insano em Nós matamos o cão-tinoso. In: SALGADO, Maria Teresa; SEPÚLVEDA, Maria do Carmo (Org.). *África & Brasil: letras em laços*. Rio de Janeiro: Atlântica, Yendis, 2000.

Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza M. de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade, diáspora*. João Pessoa: Idéia/Editora Universitária – UFPB, 2005.

Da representação à auto apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. In: *Revista Palmares – Cultura Afro-brasileira*. Brasília: Fundação Palmares/Minc, Ano 1, nº. 1, Agosto, 2005.

Dos risos, dos silêncios e das falas. In: SCHNEIDER, Liane; MACHADO, Charliton (Org.). *Mulheres no Brasil: resistências, lutas e conquistas*. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, 2006.

Vozes Quilombolas: Literatura Afro-brasileira. In: GARCIA, Januário (Org.). *25 anos do Movimento Negro*. Brasília, Fundação Palmares, 2006.

Da grafia-desenho de Minha Mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antonio (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

Escrevivências da Afro-brasilidade: História e Memória. In: *Releitura*, Belo Horizonte, Fundação Municipal de Cultura, nº 23, novembro 2008.

Questão de pele para além da pele. In: RUFFATO, Luiz. (Org.). *Questão de pele*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.

Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. In: *Scripta*, Belo Horizonte, Editora PUC Minas, v. 13, n. 25, 2º semestre 2009.

Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.). *Um tigre na floresta de signos*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

Mãe Beata de Yemonjá. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, vol. 2, Consolidação.

Nei Lopes. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, vol. 2, Consolidação.

Poemas malungos: cânticos irmãos. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

Lembranças de águas primordiais. (Prefácio). In: NATÁLIA, Lívia. *Correntezas e outros estudos marinhos*. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2015. p. 13-17.

Prefácio. In: MARCELINA, Elaine. *Mulheres incríveis*. 3. ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2016.

Em legítima defesa. (Prefácio). In: CARNEIRO, Sueli. *Escritos de uma vida*. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

Texto de apresentação. In: BARAT, Frank (Org.). Trad. Heci Regina Candiani. *Angela Davis: a liberdade é uma luta constante*. São Paulo: Boitempo, 2018.

Prefácio. In: DUARTE, Mel (Org.). *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta*. São Paulo: Planeta, 2019.

Antologias

Cadernos Negros 13. Org. Quilombhoje. São Paulo: Ed. dos Autores, 1990.

Cadernos Negros 14. Org. Quilombhoje. São Paulo: Ed. dos Autores, 1991.

Vozes mulheres – mural de poesias. Niterói/RJ: Edição coletiva, 1991.

Cadernos Negros 15. Org. Quilombhoje. São Paulo: Ed. dos Autores, 1992.

Cadernos Negros 16. Org. Quilombhoje. São Paulo: Ed. dos Autores, 1993.

Gergentwurf. Org. de Moema Parente Augel. Berlin: São Paulo: Edition Diá, 1993.

Cadernos Negros 18. Org. Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje: Ed. Anita, 1995.

Moving beyond boundaries. International Dimension of Black Women's Writing. Edited by Carole Boyce Davies and Molara Ogundipe-Leslie. London: Pluto-Press, 1995.

Finally US. Contemporary Black Brazilian Women Writers. Edited by Miriam Alves and Carolyn R. Durham. Edição bilingue português/inglês. Colorado: Three Continent Press, 1995.

Callaloo, vol. 18, number 4. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1995.

Cadernos Negros 19. Org. Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje: Ed. Anita, 1996.

Cadernos Negros 21. Org. Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa e Sônia Fátima da Conceição. São Paulo: Quilombhoje: Editora Anita, 1998.

Cadernos Negros: os melhores contos. São Paulo: Quilombhoje, 1998.

Cadernos Negros: os melhores poemas. São Paulo: Quilombhoje, 1998.

Cadernos Negros 22. Org. Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje: Editora Okan, 1999.

Cadernos Negros 25. Org. Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2002.

Fourteen Female Voices from Brazil. Austin-Texas: Host Publications, Inc., 2002.

Cadernos Negros 26. Org. Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2003.

Abdias Nascimento, 90 anos de memória viva. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, ed. bilingue, 2004.

Women righting: afro-brazilian Women's short fiction. Edited by Miriam Alves and Maria Helena Lima. London: 2005.

Cadernos Negros 28. Org. Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2005.

Brasil e África - como se o mar fosse mentira. Org. de Rita Chaves, Carmen Secco e Tânia Macedo. São Paulo-Luanda: UNESP/CAXINDE, 2006.

A Section from Ponciá Vicêncio. In: *The Dirty Goat*, Austin, Texas, Host Publications, 2006.

Cadernos Negros 30. Org. Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2007.

Revista *Callaloo* Colorado, USA: Three Continetal Press, 2007.

Textos poéticos Africanos de Língua Portuguesa e Afro-Brasileiros. Org. Elisalva Madruga Dantas et alli. João Pessoa: Idéia, 2007.

Cadernos Negros: Três Décadas. São Paulo: Quilombhoje: Secretaria Especial de Promoções da Igualdade Racial, 2008.

Cadernos Negros/ Black Notebooks – Contemporary Afro-Brazilian Literary Movement. Edited by Niyi Afolabi, Márcio Barbosa & Esmeralda Ribeiro, Asmara, Eriteia, Africa Word Press, 2008.

Questão de pele. Org. Luiz Ruffato. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.

Contos do mar sem fim: Angola, Brasil, Guiné-Bissau. Org. Eduardo de Assis Duarte (Brasil). Rio de Janeiro: Pallas; Guiné-Bissau: Ku Si Mon; Angola: Chá de Caxinde, 2010.

Cadernos Negros 34. Org. Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2011.

Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica. Org. Eduardo de Assis Duarte. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. Vol. 2, Consolidação.

Je suis Rio. Paris: Anacaona, 2017.

Do Índico e do Atlântico: contos brasileiros e moçambicanos. Organização de Vagner Amaro e Dany Wambire. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

Amor e outras revoluções, Grupo Negrícia: antologia poética. Organização de Éle Semog. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

Clarice Lispector, personagens reescritos. (Conto: "Macabéa, flor de Mulungu"). Org. Mayara Guimarães e Luis Maffei. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2012.

Cartas Negras - Ocupação Conceição Evaristo. São Paulo: Itaú Cultural, 2017.

Livre. (Conto: "Do lado do corpo, um coração caído"). Org. Beatriz Leal Craveiro. Belo Horizonte: Moinhos, 2018.

Olhos de azeviche. (Contos: "Di Lixão" e "Amores de Kimbá"). Org. Vagner Amaro. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

Do Índico e do Atlântico: contos brasileiros e moçambicanos. (Conto: "Os pés do dançarino"). Org. Vagner Amaro. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

Escritoras de Cadernos Negros: contos e poemas afro-brasileiros. (Poema: "Eu-mulher"; Conto: "De Mãe"). Org. Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2019.

Vozes insurgentes de mulheres negras. (Poema: "Vozes-mulheres"). Org. Bianca Santana. Belo Horizonte: Mazza, 2019.

Cartas para Conceição. Org. Camila Baccine Sara Maria Fontes. São Paulo: UNESP; Fortaleza: Assembleia do Estado do Ceará, 2020.

Círculo de Leitura no Ensino Médio: vivências e recepções com o texto literário. Org. Elza Sueli Lima da Silva. Lançamento FLIFS Virtual 2020, em 24/09/2020.

Fonte: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo> Acesso 02 jul. 2021

Conceição Evaristo expressa em sua obra ficcional uma percepção de mundo a partir da perspectiva da mulher negra, representando medos, dúvidas, frustrações, mas também as alegrias de ser mulher, negra e brasileira. As temáticas são bastante variadas, incluindo maternidade, violência, ancestralidade, sexualidade, racismo, sexismo, questões de classe, amor, entre outras. A autora evidencia uma representação feminina que, apesar da violência institucionalizada contra seus corpos, revela-se insubmissa e independente.

Uma obra da autora que ilustra esse tipo de representação de mulher é *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, livro de contos composto por histórias que marcaram e transformaram a vida de mulheres, que são apresentadas como protagonistas das narrativas. A antologia é o resultado da transcrição ficcional dos relatos de treze mulheres negras, colhidos através de entrevistas pela própria Conceição Evaristo. Esses relatos são descritos por uma narradora que se autodefine como ouvinte capacitada para preencher textualmente as lacunas deixadas nas narrações.

As contribuições da escritora vão além das reflexões proporcionadas pela literatura. Participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra em nosso país, Evaristo questiona o fato de a literatura, como produção simbólica de sentidos e como prática antirracista, permanecer apresentando um discurso que institui uma diferença negativa para a mulher negra, destinando a ela sempre o lugar social da subalternidade. Segundo Evaristo, em *Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira* (2005), “a representação literária da mulher negra ainda surge ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor”. (EVARISTO, 2005, p. 52).

No mesmo texto, Evaristo (2005), ao avaliar as representações de mulheres negras na literatura brasileira, afirma que a imagem que aparece na literatura considerada canônica é uma imagem deturpada, que revela, entre outros aspectos, a ausência da mulher negra como mãe, matriz de uma família negra. É como se seus filhos não existissem, dada as suas ausências. Por outro lado, aparece a imagem da “mãe-preta”, muito romantizada como aquela que cuida dos filhos dos brancos, em detrimento de seus próprios filhos.

Como crítica literária, reflete sobre sua arte trazendo para discussão um conceito que ela denomina *escrevivência* (2005, p.54), na qual a experiência vivenciada pela mulher negra escritora é utilizada como mote para suas narrativas. Entendo a *escrevivência* como a oportunidade que essas mulheres negras têm de fazer com que

suas vozes sejam ouvidas, sem estereótipos ou associação a imagens negativas. É nesse momento que a invisibilizada pode, por fim, contar uma história diferente da história contada a partir da perspectiva do opressor que é a consolidada no imaginário social, esse lugar no qual estão forjadas e construídas identidades de uma sociedade, de sujeitos e de grupos étnicos.

1.2.3 *Miriam Alves*

A nossa fala desvela, delata, relata, invade quem ouvi-la ou lê-la. Ela é a própria personificação do negro sendo, re-sendo, mudando, re-mudando, sentindo, re-sentindo.

(Miriam Alves, 1985, p.13)

Miriam Aparecida Alves (figura 7) nasceu em São Paulo, e é, além de escritora, professora e assistente social. Ingressou em 1980 no Quilombhoje, pouco antes de Esmeralda Ribeiro¹⁰. Desde o princípio, trabalhou com temáticas relacionadas às suas vivências como mulher negra, tendo sua primeira publicação em 1982 nos *CN*, como pode ser observado no quadro 3. Vejo os *CN* como um impulsionador de sua escrita, pois, no espaço do Quilombhoje, responsável pelas publicações dos *Cadernos Negros*, havia a união de escritores e escritoras com objetivos semelhantes: falar de suas vivências em meio a uma sociedade racista e conseguir publicar, rompendo com as barreiras impostas pelo mercado editorial, conforme dito no primeiro capítulo desta dissertação.

¹⁰ Biografia elaborada a partir de informações do Portal Literafro (UFMG). Disponível em:< <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/348-miriam-alves>> Acesso: 05 maio 2021.

Figura 10: Miriam Alves



Fonte: <https://biblioo.info/miriam-alves-a-memoria-no-romance-como-reconstrucao-da-identidade/> Acesso 02 jun 2021

Dentre as suas obras individuais, destaco o seu primeiro livro, *Momentos de busca* (1983); o livro de poesias *Estrelas no dedo* (1985); e o livro de contos *Mulher mat(r)iz* (2011). Esse último resultado da reunião de trabalhos inéditos e de trabalhos publicados nos *CN*. Assim como as escritoras apresentadas anteriormente, Miriam Alves também possui textos não ficcionais, nos quais exercita a crítica literária, especialmente acerca da literatura afro-brasileira e seus contextos de produção e recepção. A seguir, apresento um quadro ilustrativo acerca das produções de Miriam Alves:

Quadro 3: Publicações Miriam Alves

PUBLICAÇÕES
Obra individual <i>Momentos de busca</i> . São Paulo: Edição da autora, 1983. (Poesia) <i>Estrelas no dedo</i> . São Paulo: Edição da autora, 1985. (Poesia) <i>Mulher mat(r)iz</i> . Belo Horizonte: Nandyala, 2011. (Contos). <i>Bará na trilha do vento</i> . Salvador: Ogum's Toques Negros, 2015. (Romance). <i>Maréia</i> . Rio de Janeiro: Malê, 2019. (Romance).
Não Ficção Axé Ogum. In: Quilombhoje (Org.) <i>Reflexões sobre a literatura afro-brasileira</i> . São Paulo: Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra do Estado de São Paulo, 1985. Cem palavras. In: SEMOG, Éle. <i>Corpo de negro rabo de brasileiro - Textos do II Encontro de Poetas e Ficcionalistas Negros Brasileiros</i> . Rio de Janeiro, 1986. p.26-31. (apostila). Discurso temerário. In: ALVES, Miriam, SILVA, Luiz (Cuti), XAVIER, Arnaldo (Org.). <i>Criação crioula, nu elefante branco</i> . São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1987, p. 83-86. Lésbica virtual – configurações de uma cibercultura. In: LYRA, Bernadette, GARCIA, Wilton (Orgs.). <i>Corpo e cultura: ensaios</i> . São Paulo: Xamã: 2001. p.65-72.

Cadernos Negros 1 – o postulado de uma trajetória. In: DUARTE, Constância Lima et alii. *Anais do IX Seminário Nacional Mulher & Literatura*. Belo Horizonte. CD-Rom, 2001.

Cadernos Negros 1 – o postulado de uma trajetória. In: DUARTE, Constância Lima, DUARTE, Eduardo de Assis, BEZERRA, Kátia da Costa (Org.). *Gênero e representação: teoria, história e crítica*. Belo Horizonte: Pós-graduação em Letras, Estudos Literários, UFMG, 2002, p. 67-73.

Empunhando bandeira: diálogo de poeta. In: SANTOS, Rick, GARCIA, Wilton (Org.). *A escrita de Adé – perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbicos no Brasil*. São Paulo: Nassau Community College; ABEH, Xamã, 2002, p. 153-161.

Cadernos Negros (número 1): estado de alerta no fogo cruzado. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo, FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Poéticas afro-brasileiras*. Belo Horizonte: Mazza Edições; Editora PUC Minas, 2002, p. 221-240.

Negra e lésbica: a leitura do corpo. In: LYRA, Bernadette, GARCIA, Wilton (Org.). *Corpo&Imagem*. São Paulo: Ed. Arte & Ciência, 2002.

BrasilAfro Autorrevelado: Literatura Brasileira Contemporânea. Belo Horizonte: Editora Nandyala. 2010.

Antologias

Cadernos Negros 5. Organização Cuti. São Paulo: Edição dos Autores, 1982.

Axé - antologia da poesia negra contemporânea. Organização Paulo Colina. São Paulo: Global, 1982.

Cadernos Negros 7. Organização Quilombhoje. São Paulo: Edição dos Autores, 1984.

Mulheres entre linhas - II concurso de poesia e conto (revelação de novos valores femininos no Estado de São Paulo). São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura; Conselho da Condição Feminina, 1986.

A razão da chama - antologia de poetisas negras brasileiras. Org. Oswaldo de Camargo. São Paulo: Edições GRD, 1986.

Pequena Antologia Temática. In: CAMARGO, Oswaldo de. *O negro escrito: apontamentos sobre a presença do negro na literatura brasileira*. São Paulo: Secretaria do Estado e da Cultura, 1987.

Terramará. São Paulo: Ed. dos Autores, 1988. (Texto teatral, coautoria Arnaldo Xavier e Cuti).

1979-1988- 10 Anos de luta contra o racismo. São Paulo: Confraria do Livro, 1988.

Schwarze poesie - Poesia negra. Organização Moema Parente Augel. St Gallen/Köln/São Paulo: Edition diá, 1988. (Edição bilíngue).

Cadernos Negros 13. Organização Quilombhoje. São Paulo: Edição dos Autores, 1990.

Poesia negra brasileira: antologia. Organização Zilá Bernd. Porto Alegre: AGE; IEL; IGEL, 1992.

Ad libitum Sammlung Zerxtreuung, nr 17, Berlin; Volk und welt 1992.

Schwarshe prosa/Prosa negra. Organização Moema Parente Augel. Berlin/São Paulo: Edition diá, 1993.

Zauber gegen die ka"lte, (Herausgegeben Von Deustcheb Welthugerhife) Bonndortmund germany, dw shop. Antologia, 1994.

Contra Lamúria. São Paulo: Casa Pindahyba, 1994.

Cadernos Negros 17. Organização Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje/Editora Anita, 1994.

Finally us / Enfim nós: contemporary Black Brazilian woman writers. Organização Miriam Alves e Carolyn R. Durham. Edição bilíngue português/inglês. Colorado: Continent Press, 1995.

Moving beyond boundaries. Organização Carole Boyce Davies. London: Pluto Press, 1995.

Cadernos Negros 19. Organização Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje/Editora Anita, 1996.

Cadernos Negros 20. Organização Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje/Editora Anita/Editora Convivência, 1986.

Nueva poesia latinamerikaniche, Literaturmagazin, Herausgegeben von Tobias burgghardt, Martin Lüdke und Delf schnidt Gemany Rowoht, n.38, 1996.

Presença negra na poesia brasileira moderna. Organização Sebastião Uchoa Leite. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. São Paulo, n.25, 1997.

Pau de sebo: coletânea de poesia negra. Organização Júlia Duboc. Brodowski: Projeto memória da cidade, 1998.

Cadernos Negros 21. Organização Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa, Sônia Fátima da Conceição. São Paulo: Quilombhoje/Editora Anita, 1998.

Cadernos Negros: os melhores poemas. Organização Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje / Fundo

Nacional da Cultura, Ministério da Cultura, 1998.
Cadernos Negros: os melhores contos. Organização Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje / Fundo Nacional da Cultura, Ministério da Cultura, 1998.
Cadernos Negros 22. Organização Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje, 1999.
Cadernos Negros 23. Organização Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2000.
Callaloo. Baton Rouge, v.23. n.4, p. 1315-1316, 2000. (edição bilíngue inglês português).
Cadernos Negros 24. Organização Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2001.
Cadernos Negros 25. Organização Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2002.
Cadernos Negros 26. Organização Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2003.
Women righting/Mulheres escre-vendo: Afro-Brazilian women's short fiction. Edição Miriam Alves, Maria Helena Lima. Londres: Mango Publishing, 2005. (edição bilíngue).
Cadernos Negros 29. Organização Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2006.
Cadernos Negros 30. Organização Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2007.
Cadernos Negros 33. Organização Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2010.
Cadernos Negros 34. Organização Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2011.
Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica. Org. Eduardo de Assis Duarte. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, vol. 3, Contemporaneidade.
Cadernos Negros 40. Organização Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2017.

Fonte: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/348-miriam-alves> Acesso 02 jul. 2021

Em entrevista à Grazielle Frederico, Lúcia Tormin Mollo e Paula Queiroz Dutra (2017)¹¹, Miriam Alves revela que considera que “escrever é um ato político”. Nesse sentido, julga importante se autodenominar *escritora negra brasileira*, pois vê como uma forma, inclusive, de reconhecimento ao movimento iniciado na década de 1970 pelos *Cadernos Negros*. Sobre esse assunto, Alves (2017, p.290) afirma:

A literatura negra, numa manifestação coletiva, surge da necessidade de escritores negros e escritoras negras serem autores e sujeitos da história. História nos dois sentidos, no sentido do ficcional, poético, literário, e no sentido de fazer história mesmo. Então, não é um rótulo e não aprisiona: liberta. Liberta não só eu que escrevo, mas também os leitores negros e brancos.

As narrativas de Miriam Alves revelam um corpo negro que deixa de ser objeto e passa a ser sujeito de sua história. Um corpo que, apesar das violências socialmente impostas, consegue se ressignificar e se reapropriar de seus caminhos. Conforme afirma Alves, sua literatura “não se resume ao ato de relatar a vivência, escrever a vivência pura e simplesmente. Entram também os sonhos, os desejos, o voo subjetivo.” (ALVES, 2017, p.291).

¹¹ Entrevista disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182017000200289. Acesso: 15/05/2021.

Nesse sentido, em seus textos, há a predominância dos relacionamentos interpessoais, dos sentimentos, a partir da ótica da mulher negra, e, conseqüentemente do preconceito, muitas vezes velado, com o qual ela lida diariamente, como é possível identificar em textos como *A cega e a negra – uma fábula* (2008), história da relação entre Flora, mulher cega, e Cecília, mulher negra. Em dado momento da narrativa, Cecília, ao perceber que a porta giratória sempre travava para ela em suas idas ao banco, parou de usar bolsas, levando apenas o necessário nos bolsos. Contudo, conforme aponta a narradora, “mesmo assim, lá vinha voz do segurança: tem chave? Guarda-chuva? Celular? Moedas? Objetos metálicos?”. (ALVES, 2008, p. 223). Mesmo se desfazendo da bolsa, a personagem não se desfaz da sua história/História e do constrangimento, imposto por uma sociedade estruturalmente racista.

1.2.4 *Sônia Fátima*

Hoje num esforço sobre humano
lutamos pela integridade do Ser
que a branca história
covardemente esfacelou.

(Sônia Fátima, 1986, p.18)

Para finalizar a apresentação de escritoras negras que se destacam na literatura afro-brasileira, seja pela produção artística, seja pelos espaços ocupados, apresento Sônia Fátima da Conceição (figura 8). Sônia é natural de Araraquara, em São Paulo, e possui formação em Ciências Sociais pela Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. Sua primeira publicação data de 1979, no segundo número dos *CN*, pouco tempo depois, em 1983, Sônia passa a integrar o coletivo Quilombhoje¹².

¹² Biografia elaborada a partir de informações do Portal Literafro (UFMG). Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/438-sonia-fatima-da-conceicao>> Acesso: 05 maio 2021.

Figura 11: Sônia Fátima



Fonte:

http://antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/sao_paulo/sonia_fatima_da_concei%C3%A7ao.htm
1 Acesso: 02 jun.2021.

Sua bibliografia inclui obras individuais, como a novela *Marcas, sonhos e raízes* (1991); publicações em antologias, como os poemas e contos veiculados nos *Cadernos Negros*; e textos não ficcionais, como *Ser negro, povo, gente: “uma situação de urgência”* (1982). A seguir, apresento um quadro ilustrativo acerca das produções de Sônia Fátima:

Quadro 4: Publicações Sônia Fátima

PUBLICAÇÕES	
Obra individual	<i>Marcas, sonhos e raízes</i> . São Paulo: Ed. da Autora, 1991 (novela).
Não Ficção	<i>Ser negro, povo, gente: “uma situação de urgência”</i> . In: <i>Reflexões sobre a literatura afro-brasileira</i> . São Paulo: Quilombhoje, 1982. 2 ed. São Paulo: Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra, 1985.
Antologias	<i>Cadernos negros 2</i> . (org. Cuti). São Paulo: Ed. dos Autores, 1979. <i>Cadernos negros 4</i> . (org. Cuti). São Paulo: Ed. dos Autores, 1981. <i>Cadernos negros 6</i> . (org. Quilombhoje). São Paulo: Ed. dos Autores, 1983. <i>Cadernos negros 8</i> . (org. Quilombhoje). São Paulo: Ed. dos Autores, 1985. <i>Cadernos negros 9</i> . (org. Quilombhoje). São Paulo: Ed. dos Autores, 1986. <i>Cadernos negros 10</i> . (org. Quilombhoje). São Paulo: Ed. dos Autores, 1987.

Cadernos negros 11. (org. Quilombhoje). São Paulo: Ed. dos Autores, 1988.
Cadernos negros 12. (org. Quilombhoje). São Paulo: Ed. dos Autores, 1989.
Cadernos negros 16. (org. Quilombhoje). São Paulo: Ed. dos Autores, 1993.
Cadernos negros 17. (org. Quilombhoje). São Paulo: Ed. Anita, 1994.
Moving beyond boundaries: international dimension of black women's writing (edited by Carole Boyce Davies and Molar Ogundipe-Leslie). London: Pluto Press, 1995.
Finally us: contemporary black brazilian women writers (edited by Mirian Alves and Carolyn R. Durham, edição bilingüe português/inglês). Colorado: Three Continet Press, 1995.
Cadernos negros 18. (org. Quilombhoje). São Paulo: Quilombhoje; Ed. Anita, 1995.
Cadernos negros 19. (org. Quilombhoje). São Paulo: Quilombhoje; Ed. Anita, 1996.
Cadernos negros: os melhores contos. Org. Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje, 1998.
Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica. Vol. 3, Contemporaneidade. Organização de Eduardo de Assis Duarte. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

Fonte: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/438-sonia-fatima-da-conceicao>> Acesso 02 jul. 2021

As temáticas abordadas por Sônia Fátima estão relacionadas ao preconceito, à discriminação racial e às questões de gênero, incentivando a busca por uma sociedade mais igualitária e justa. Um exemplo é o poema que abre esse tópico, *Branca história*, no qual há um eu lírico que se revela representando uma coletividade que luta diariamente contra as consequências da escravização e tudo o que veio após a abolição, reverberando “na garganta do boia fria, nas veias da doméstica”. (CONCEIÇÃO, 1986, p. 18).

Sônia, Miriam, Conceição e Esmeralda se destacam pela genialidade, pelos espaços conquistados e pela luta em prol de uma mudança social que transforma as suas vidas e as vidas de outras pessoas que se encontram em situação social semelhante à delas. É importante ressaltar que os quadros de publicações dessas escritoras apresentados anteriormente por mim não são meramente ilustrativos, mas servem para apontar que, embora tenham extensa produção, essas escritoras ainda são representadas superficialmente nos LD, conforme será apresentado no decorrer da pesquisa. Por isso, vejo-as como pedras preciosas, como pérolas negras. Elas persistem em seus propósitos há pelo menos quatro décadas, resistindo e reexistindo através da e na literatura.

1.3 *O livro didático e a literatura afro-brasileira: veiculação e transformação social.*

A reflexão anteriormente realizada revela o quão importante foi e é o coletivo Quilombhoje, pois, a partir das publicações dos periódicos *CN*, tornou-se possível a visibilidade e a publicidade dos textos literários produzidos por escritores e escritoras negras. Também ficou evidente o perfil das temáticas trabalhadas no periódico, tais como racismo, afirmação identitária, busca por uma sociedade igualitária e valorização das características do fenótipo negro como forma de combate ao racismo, temáticas que foram trabalhadas pelas autoras citadas: Esmeralda Ribeiro, Conceição Evaristo, Miriam Alves e Sônia Fátima.

Os temas tratados visavam, sobretudo, a transformação social, característica marcante da literatura afro-brasileira. A literatura afro-brasileira é descrita por Eduardo Assis Duarte (2011) como aquela que valoriza a memória afrodescendente e marca o lugar de fala do negro como sujeito de escrita. Duarte (2011, p.381) considera que o termo afro-brasileira “remete ao tenso processo de mescla cultural em curso no Brasil desde a chegada dos primeiros africanos. Processo de hibridização étnica e linguística, religiosa e cultural”.

Por isso, vejo a literatura produzida por homens e mulheres negras como ferramenta de combate a questões que permeiam o Brasil, um país com passado escravocrata. A veiculação da literatura afro-brasileira nos livros didáticos de língua portuguesa possibilita a disseminação dessa discussão em nível nacional, uma vez que os LDs selecionados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) estão presentes na maior parte das escolas de ensino público do país.

É importante salientar que o PNLD é um programa do Ministério da Educação – MEC junto ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE. Esse programa tem por objetivo a compra de material didático para distribuição nas escolas públicas do país. Conforme site do FNDE¹³,

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é o mais antigo dos programas voltados à distribuição de obras didáticas aos estudantes da rede pública de ensino brasileira e iniciou-se, com outra denominação, em 1937. Ao longo desses 80 anos, o programa foi aperfeiçoado e teve

¹³ Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/component/k2/item/518-hist%C3%B3rico>> Acesso 03 julho 2021.

diferentes nomes e formas de execução. Atualmente, o PNLD é voltado à educação básica brasileira, tendo como única exceção os alunos da educação infantil.

Com a nomenclatura que é tratada neste trabalho, o PNLD existe desde 1985 e foi criado em substituição ao Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (Plidef). Nesse ano, além do programa mudar a nomenclatura, houve algumas mudanças, como a indicação do livro, que passa a ser feita por professores e professoras; sua reutilização ou não; e o fim da participação financeira no custeio por parte dos estados.

Aproveito para mencionar algumas datas que foram importantes para o PNLD, como em 1996, quando ocorre a publicação do primeiro guia do livro didático, passa-se a ter um processo de avaliação pedagógica dos livros inscritos no programa. Em 1997, o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação passa a ser o responsável pela política do PNLD; já em 2006, o ensino médio passa a ser contemplado com livros didáticos, porém de forma parcial, sendo distribuídos apenas os materiais referentes às matérias de matemática e língua portuguesa. Em 2012, houve um expressivo avanço, foi lançado um edital para que fosse possível a disponibilização gratuita de material digital para todos os usuários da educação nacional.

Após essa breve retrospectiva acerca de momentos relevantes na história do PNLD, é oportuno ressaltar que a educação pode, e deve, ser vista como base de uma sociedade democrática. Sobre essa questão, Choularaki e Fairclough (1999), em *Discurso na modernidade tardia: repensando a Análise Crítica do Discurso*, denominam o que seria a consciência crítica nessa perspectiva. Essa consciência consiste no uso da linguagem em contextos educacionais como ferramenta para transformação social, uma vez que “a linguagem é o centro da vida social contemporânea”. (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 9).

Nesse sentido, os autores chamam a atenção para a necessidade de se pensar a relação entre a universidade e as outras esferas públicas como uma aliança estratégica. Em complementação a esse raciocínio, Rojo e Batista (2003, p.44) refletem sobre a importância de perceber o livro didático como “instrumento que favoreça a aprendizagem do aluno, no sentido do domínio do conhecimento e no sentido da reflexão na direção do uso dos conhecimentos escolares para ampliar sua compreensão da realidade...”.

Nessa perspectiva, o livro didático surge como instrumento pedagógico veiculador de conteúdos, mas, também, como ferramenta que traduz e dialoga diretamente com a realidade social. Portanto, realizar a discussão sobre a literatura afro-brasileira no livro didático é apontar para a possibilidade desse material vir a atender aos seus mais diversos usuários e suas respectivas demandas, contextualizando e buscando a inserção das vivências dos educandos nas práticas da educação.

Se o estudante compreende a realidade social na qual está inserido, por ter acesso a diversas vivências em seu material didático, ele poderá ter mais chances de respeitar o diferente. Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (2000, p. 9) revelam:

O conhecimento, a análise e o confronto de opiniões sobre as diferentes manifestações da linguagem devem levar o aluno a respeitá-las e preservá-las como construções simbólicas e representações da diversidade social e histórica. As linguagens se utilizam de recursos expressivos próprios e expressam, na sua atualização, o universal e o particular. Pertencer a uma comunidade, hoje, é também estar em contato com o mundo todo. As práticas sociais deverão estar cada vez mais próximas da unidade para os fins solidários.

As linguagens, por suas características formativas, informativas e comunicativas, apresentam-se como instrumentos valiosos para se alcançar esses fins. Na escola, o aluno deve compreender a relação entre, nas e pela linguagem, como um meio de preservação da identidade de grupos sociais menos institucionalizados e uma possibilidade de direito às representações desses frente a outros que têm a seu favor as instituições que autorizam a autorizar.

Nessa perspectiva, é possível identificar a intenção em se preservar, por meio da linguagem, as representações de grupos sociais minoritários, que, diferentemente dos grupos hegemônicos, normalmente não possuem autorização institucional para representar e/ou ser representado. Essas representações diversificadas que leva em consideração as particularidades das vivências da população negra aparecem em vários dos textos literários da literatura afro-brasileira. Não trazer essa diversificação de conteúdos e representações, tratando apenas textos que foram instituídos como canônicos, é apagar a diversidade, e, também, cair no equívoco de continuar repetindo estereótipos.

Essa exclusão se torna uma prática que se estende não apenas na relação cotidiana entre indivíduos, mas também nas representações que fazemos das diferenças. Um material didático que aborde em seus conteúdos a diversidade, de forma a respeitar

as identidades de seus usuários, é um instrumento de combate às formas de discriminação e de dominação social. É uma forma de combater o apagamento de grupos sociais.

Para complementar esse pensamento, é relevantes citar o que afirma John Thompson (1991) em *Ideologia e Cultura Moderna* sobre os grupos hegemônicos que se articulam de modo a manter as relações de dominação nos contextos sócio-históricos. Dentre os cinco modos de operação da ideologia apresentados pelo autor, destaco a unificação como ponto de partida para reflexão sobre como se dá esse processo de apagamento.

Conforme Thompson (1991), no nível simbólico, a unificação representa a ideia de uma identidade coletiva independente de algo que possa fragmentá-la. Essa estratégia de unificação foi muito utilizada no século XIX, no período correspondente na historiografia literária ao Romantismo no Brasil, quando o país deixava de ser colônia de Portugal e, com a ascensão da classe burguesa e dos ideais liberais, iniciou um processo de construção da imagem do que é ser brasileiro.

Essa construção reverberou nos textos literários da época, e muitas dessas imagens construídas (apagamento do africano, romantização do indígena na figura do bom selvagem) permanecem até a atualidade. Como exemplo dessa prática, temos o romance *Iracema* (1865), de José de Alencar, e o poema *Navio Negreiro* (1870) de Castro Alves, que, apesar de tratar do tráfico negreiro, traz o negro escravizado e desprovido de subjetividade.

A grande questão revelada no Romantismo com a tentativa de construir uma identidade nacional é que “ao unir indivíduos de uma maneira que suprima as diferenças e divisões, a simbolização da unidade pode servir, em circunstâncias particulares, para estabelecer e sustentar relações de dominação”. (THOMPSON, p.86, 2011). No contexto brasileiro, por exemplo, a unificação das identidades contribui para manutenção de ideias como a da democracia racial e da ausência de racismo. É necessário pontuar que a constituição de uma identidade é um processo contínuo, se desloca no tempo histórico e não é cíclica.

Conforme sinaliza Stuart Hall (2014, p. 106):

A identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, a partir de um mesmo ideal. É em cima dessa

fundação que ocorre o natural fechamento que forma a base da solidariedade e da fidelidade do grupo em questão.

Nessa perspectiva, é possível perceber que é a partir da identificação com as características específicas de um grupo que o sujeito pode se identificar como pertencente a essa ou aquelas identidades. É necessário que existam correspondências entre o sujeito e as peculiaridades de determinada identidade, como ser ou não ser negro, ser ou não ser mulher, dentre outras categorias, conforme pontua Hall (2014). A ausência de visibilidade e veiculação de textos que valorizem a diferença pode induzir à falsa ideia de que homens negros e mulheres negras não teriam contribuições para a História, a Literatura, a Ciência e a Cultura brasileira. Situação experimentada por Maria Firmina dos Reis em seu romance *Úrsula* (1859), conforme mencionado no tópico 1 *Escrita feminina negra: expressar é resistir*, e repetida por muitos anos, seja com Lima Barreto, Solano Trindade, Carolina Maria de Jesus, entre outros.

Essa situação de invisibilidade ou falta de perspectivas no mercado editorial hegemônico e considerado canônico encontrou uma perspectiva de mudança a partir das publicações dos *Cadernos Negros* e possibilitou um novo olhar pautado na relevância social dos textos de autoria negra, especialmente os de autoria feminina negra. Com essas reflexões, finalizo a discussão acerca da importância da veiculação de textos literários afro-brasileiros no livro didático. A seguir apresento no próximo capítulo os pressupostos teóricos pelos quais se pauta esta pesquisa.

CAPÍTULO 2

“O ONTEM – O HOJE – O AGORA”

No capítulo anterior apresentei uma contextualização, trazendo aspectos importantes para a compreensão dos dados e das análises desta pesquisa. Como continuidade, inicio este capítulo tendo como mote um verso de um dos cinco textos do *corpus*, o poema *Vozes-mulheres*, de Conceição Evaristo, que trata da potência das vozes de mulheres negras de uma mesma família, mas de diferentes gerações, para apresentar-lhes os pressupostos teóricos nos quais se pauta esta pesquisa, incluindo autores da ADC, como Fairclough (1992; 2003), Chouliaraki e Fairclough (1999), Magalhães; Martins; Rezende (2017) e Silva (2017), bem como das áreas de conhecimento afins, como van Leeuwen (1997) nas questões sobre representação, Laclau (1990), Woodward (2000), Silva (2000) e Hall (2014) nas questões sobre identidade, e Lakoff; Johnson (2002) e Monteiro (2009) nas questões que envolvem estilo. Vozes potentes e relevantes para a análise que pretendo desenvolver.

2.1 Base teórico-metodológica: Análise de Discurso Crítica (ADC)

Esse estudo é pautado na interpretação de uma prática social racista: a exclusão das representações discursivas de mulheres negras em textos literários de autoria feminina negra brasileira dos livros didáticos de Língua Portuguesa do primeiro ano aprovados pelo PNLD 2018/2020. Nessa perspectiva, a pesquisa será desenvolvida, sobretudo, a partir da perspectiva teórico-metodológica da Análise de Discurso Crítica (ADC).

Convém ressaltar que a ADC tem como propósito o debate teórico e metodológico do discurso, seus fundamentos são pautados na visão do discurso como momento da prática social. Nesse sentido, a linguagem é vista como influenciadora da organização e da manutenção das relações de hegemonia nos mais diversos âmbitos (classe, etnia, gênero, etc.), por isso a linguagem é tratada na ADC como parte fundamental do processo de transformação social, pois, além de manter paradigmas, é capaz de transformá-los, conforme pontua Fairclough (1992, p.25):

[...] muitas dessas mudanças sociais não envolvem apenas a linguagem, mas são constituídas de modo significativo por mudanças nas práticas de linguagem; talvez isso seja uma indicação da importância crescente da linguagem na mudança social e cultural e de que tentativas de definir a direção da mudança cada vez mais incluam tentativas de mudar as práticas de linguagem.

Fairclough (1992) inicia o desenvolvimento da ADC com o objetivo de investigar a mudança na linguagem como ferramenta capaz de possibilitar o entendimento acerca das mudanças sociais e culturais. Nas primeiras formulações teóricas de Fairclough, o discurso é visto em uma perspectiva tridimensional, que se desdobra nos seguintes elementos:

- a) O texto, visto como uma dimensão do discurso que se apresenta em forma escrita ou falada;
- b) A prática social ou discurso propriamente dito, visto como construtor e constituinte das entidades e das relações sociais, e;
- c) As práticas discursivas, responsáveis por atuar como modificadoras do conhecimento (inclusive das crenças e do senso comum), das relações sociais e das identidades sociais.

Na concepção tridimensional, o discurso é considerado como prática social e, como tal, é um modo de ação sobre o mundo e sobre os outros, tornando-se construtor e constituinte das relações sociais. Nessa perspectiva, os aspectos construtivos do discurso estão relacionados à:

- a) Construção das identidades sociais (função identitária);
 - b) Construção das relações sociais (função relacional), e;
 - c) Construção dos sistemas de conhecimento e crença (função ideacional).
- (FAIRCLOUGH, 2016, p. 95-96).

Para esta pesquisa, neste primeiro momento, é conveniente destacar a função identitária do discurso, uma vez que um dos meus objetivos consiste em analisar as representações étnico-raciais das identidades de mulheres negras, presentes nos textos analisados, com base nas estratégias de representações discursivas mapeadas.

Faz-se necessário pontuar que, em *Discurso na modernidade tardia: repensando a análise crítica do discurso* (1999), Chouliaraki e Fairclough apresentam uma reformulação epistemológica acerca do discurso, pois, enquanto em 1992, a prática social apresenta-se como um dos elementos do discurso; em 1999, há uma inversão e o discurso passa a ser visto como uma das facetas da prática social. Com isso, há uma nova formulação no método utilizado pela ADC.

Chouliaraki e Fairclough (1999) encontram, no materialismo-geográfico de Harvey (1996), subsídios para desenvolver a concepção de vida social constituída de práticas. Tais práticas são constituídas ao longo da vida social (nos domínios da economia, política, cultura), e suas características são:

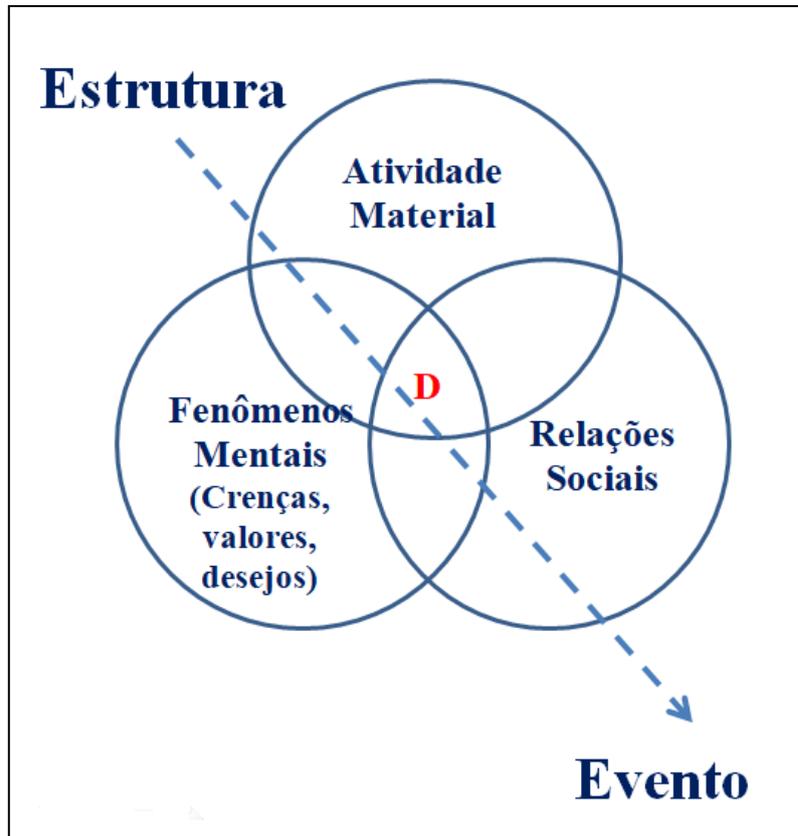
- a) Serem formas de produção da vida social;
- b) Situar-se com outras práticas dentro de uma rede de relacionamentos;
- c) Possuírem dimensão reflexiva, e;
- d) Serem compostas por quatro elementos (discurso, atividade material, relações sociais e fenômeno mental).

Chouliaraki e Fairclough partem da noção de articulação expressa por Laclau e Mouff (1985) para descrever a junção de elementos sociais como momentos de uma prática, além da internalização entre elas. Tais momentos passam por relações de entrecruzamento em que se internalizam, mas sem se reduzir um ao outro. Nesse sentido, os momentos da prática se articulam e, a partir dessas combinações, podem ou não ser transformados.

Para os autores, os conceitos de articulação e internalização utilizados “para a análise interna das práticas e seus momentos individuais podem ser estendidos para analisar relações entre práticas”¹⁴. (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p.23), isto é, as relações de articulação se dão no âmbito “interno” entre os quatro elementos/momentos da prática, mas também no âmbito “externo” entre práticas diversas, uma vez que as práticas são mutuamente articuladas para constituir redes, das quais elas mesmas se tornam momentos à medida que se transformam, conforme expressa a figura a seguir:

¹⁴ Tradução livre. Texto original: “for the internal analysis of practices and their individual moments can be extended to analysing relations between practices.”

Figura 12. Articulação no interior das práticas sociais com o discurso na intersecção entre os outros três momentos da prática (atividade material, fenômenos mentais e relações sociais), e atravessado pela estrutura e pelos eventos sociais, conforme Chouliaraki e Fairclough (1999).



Fonte: elaborado pela autora

Toda prática combina recursos físicos e simbólicos e suas articulações são fonte de criatividade discursiva. Nessa perspectiva, o discurso, conforme Chouliaraki e Fairclough (1999), é sempre um momento significativo, pois possibilita que todas as práticas sejam reflexivas. É necessário pontuar que as redes de prática são mantidas em determinados lugares pelas relações sociais de poder.

Contudo, a partir do momento em que há mudanças de articulações, ocorrem tensões que culminam em lutas pelo poder, as quais revelam relações de dominação (classe, gênero, raça, etc) difundidas nas práticas de uma sociedade. Estas reflexões possibilitam concluir que a hegemonia (relações de dominação baseadas no consentimento e que possibilitam a naturalização das práticas e suas relações sociais) é um estado relativo de permanência que, nas relações de articulação (desarticulação e rearticulação) entre práticas, pode se alterar. (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999).

O panorama da condição da linguagem na Modernidade Tardia possibilitou, a partir das concepções de vida social constituída por práticas e por discursos como um desses elementos das práticas sociais, a definição de uma agenda de pesquisa para a ADC. Essa agenda resultou no desenvolvimento de um método para análise de problemas sociais e suas características, levando em consideração como os obstáculos são enfrentados a partir da análise do problema, quais as funções do problema na prática, quais as maneiras de superar os obstáculos e quais reflexões podem ser realizadas a partir dessas práticas sociais. (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999).

Nesse sentido, encontro no arcabouço teórico de Chouliaraki e Fairclough (1999), um suporte para pensar questões desta pesquisa, como:

1. O problema: como as representações discursivas de mulheres negras em textos literários dos livros didáticos dialogam com a lei 10.639/2003?;
2. Os obstáculos que esse problema encontra: as construções discursivas baseadas no racismo estrutural e nas barreiras impostas pelo mercado editorial, por exemplo;
3. Quais as funções do problema na prática: transformar as relações sociais pautadas na destinação dos locais sociais de subalternidade à população negra no Brasil, em especial as mulheres negras;
4. Quais as maneiras de superar os obstáculos: a escolha de livros didáticos do PNLD que tragam textos que veiculem discursos relacionados às representações étnico-raciais pautados na lei 10.639/2003, como também a formação continuada de docentes;
5. Reflexões sobre a minha prática, como pesquisadora e educadora, em relação às práticas analisadas, destacando o papel da linguagem, e, conseqüentemente, do linguista e do educador, nas transformações sociais e culturais da nossa sociedade.

Chouliaraki e Fairclough (1999) apresentam o discurso como um dos momentos da prática social. Nessa perspectiva, o discurso possui, dentre as suas funções, a capacidade de representar o mundo, a partir da interação. Sobre essa questão, os autores pontuam que, de um modo geral, “na interação comunicativa as pessoas não representam o mundo abstratamente, mas o fazem com propósitos e no curso de suas

relações sociais com os outros e com suas identidades sociais”¹⁵. (FAIRCLOUGH, 1999, p.41). Nesse sentido, a representação, como uma das facetas do discurso, está relacionada com o modo pelo qual o sujeito vê e se relaciona com o mundo social.

Essa representação se dá, sobretudo, por meio da linguagem. Nesse sentido, é útil mencionar de que forma é possível fazer uma análise linguística do texto, e, conseqüentemente, do discurso. Segundo Fairclough (2003, p. 3), a Análise de Discurso Crítica acontece quando existe um foco ora nos textos, ora nas “ordens de discurso”. Desse modo, a análise do texto não se restringe à análise linguística, pois envolve uma análise interdiscursiva, isto é, dos gêneros, discursos e estilos que se articulam nas práticas sociais e compõem o que entendemos por discurso.

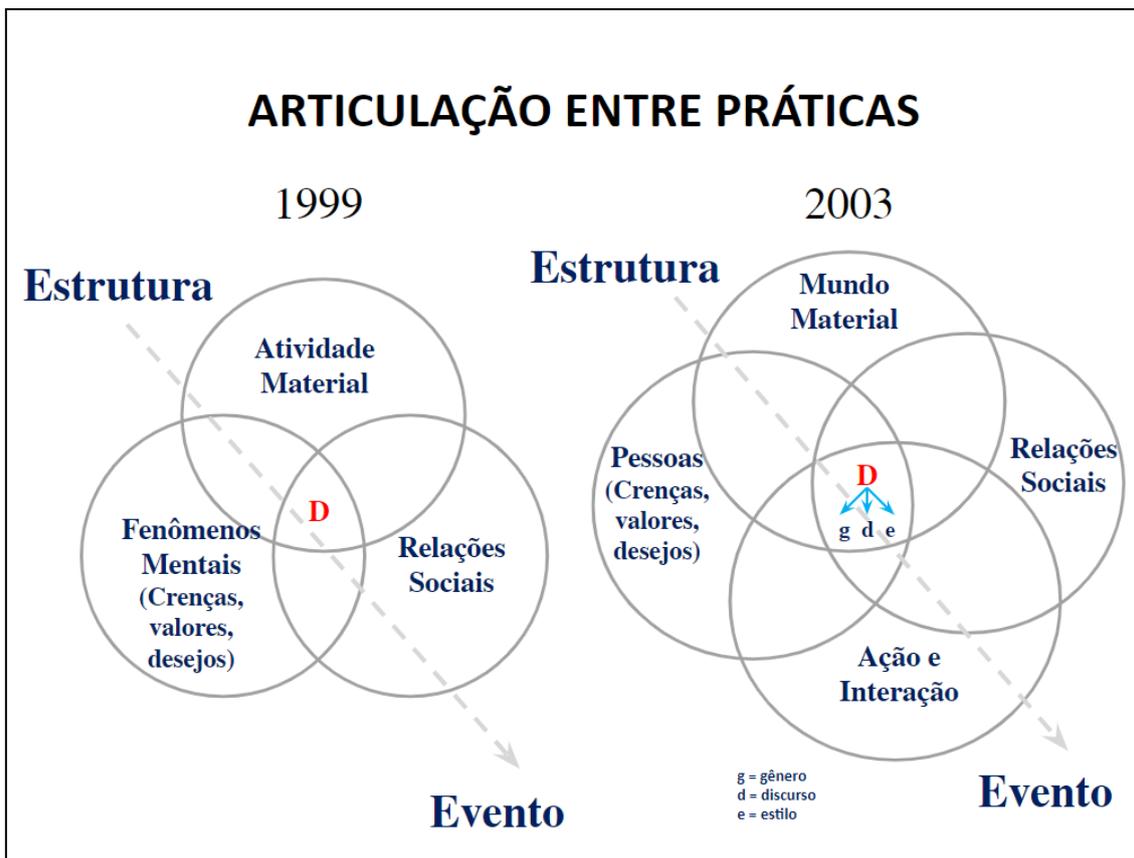
Nessa perspectiva, temos a seguinte configuração:

- a) Os gêneros são apresentados como modo de ação, e se apresentam seja pela fala ou pela escrita ou por outras semioses;
- b) Os discursos são apresentados como modos de representação do mundo material, de outras práticas, ou mesmo de representações reflexivas da prática em questão, e;
- c) Os estilos são apresentados como modos de ser, incluindo as identidades sociais e as identidades particulares.

A partir dessa nova configuração, os discursos passam a ser vistos como forma de ação (gênero), de representação (discurso propriamente) e de identificação (estilo). A esse respeito, convém mencionar a transformação ocorrida na constituição das práticas sociais entre *Discurso na modernidade tardia: repensando a análise crítica do discurso* (1999) e *Analisando discursos: análise textual para pesquisa social*, livro publicado em 2003 por Fairclough, conforme ilustra a figura a seguir.

¹⁵ Tradução livre. Texto original: “The general point is that in communicative interaction people do not represent the world abstractly but in the course of and for the purposes of their social relations with others and their construction of social identities”.

Figura 13. Articulação entre práticas sociais, quadro comparativo entre *Discurso na modernidade tardia: repensando a análise crítica do discurso* (1999) de Chouliaraki e Fairclough e *Analisando discursos: análise textual para pesquisa social* (2003) de Fairclough.



Fonte: Elaborado pela autora.

No novo modelo de representação das práticas sociais, há ajustes: a atividade material passa a ser denominada como mundo material; os fenômenos mentais passam a ser denominados como pessoas; há também acréscimo de um novo elemento da prática: ação e interação; e o discurso passa a ser visto como formado por três elementos que se relacionam entre si: gênero, discurso e estilo. Na figura 13, a estrutura social representa as línguas; as práticas sociais representam as ordens do discurso; e os eventos sociais representam os textos (escritos e falados), conforme esquema apresentado por Fairclough (2003, p.24).

A partir da reconfiguração das práticas sociais e com o foco voltado para a análise gramatical e semântica dos textos, Fairclough (2003) trabalha com a noção de significação textual e traz o discurso com três principais tipos de significação: a ação, a representação e a identificação. (FAIRCLOUGH, 2003, p. 27). A relação entre esses três elementos do discurso é dialética e relativamente estável. Nesse sentido, os textos

são compostos por relações internas e relações externas, sendo essas voltadas para as relações com outros elementos dos eventos sociais; e aquelas voltadas, entre outras, para as relações semânticas, gramaticais, de vocabulário (ou léxico) e fonológicas, como partes das relações sintagmáticas, bem como voltadas para as relações paradigmáticas, relacionadas a escolhas (ou ausências), além disso, há também as relações interdiscursivas. (FAIRCLOUGH, 2003, p. 36-37).

Por tudo que foi dito, é possível concluir que a Análise de Discurso Crítica como arcabouço teórico-metodológico é eficaz, pois possibilita a análise das representações discursivas de mulheres negras em textos literários de autoria feminina negra brasileira dos livros didáticos de Língua Portuguesa do primeiro ano aprovados pelo PNLD 2018/2020, e se elas correspondem ao que prescreve a lei 10.639/2003, que trata da inclusão obrigatória do ensino de História e Cultura africana e afro-brasileira. Em outras palavras, trata-se da verificação do cumprimento de uma política pública e, conseqüentemente, de um ensino de base antirracista.

Sobre essa característica da ADC, Magalhães; Martins; e Resende (2017, p.176) afirmam:

articulando teorias e métodos, a ADC propicia tanto uma análise crítica de realidades de injustiças e desigualdades que beneficiam alguns grupos em detrimento de outros, quanto fornece um instrumental teórico-prático que pode ter papel preponderante na luta política que precede à transformação dessas realidades.

Nesse sentido, a transformação social alcançada a partir dos estudos em ADC pode significar a diminuição das opressões e, conseqüentemente, a promoção da equidade nas relações sociais. A seguir, apresento uma reflexão pautada no discurso enquanto forma de representação para entendimento das relações entre o discurso e a forma que vemos o mundo, seja mental, material ou social.

2.2 *O discurso como representação*

Na ADC, uma das funções do discurso é a representação do mundo, seja a representação do mundo material com seus processos, relações e estruturas; seja a representação do mundo mental: pensamentos, sentimentos e crenças; além da representação do mundo social. É importante ressaltar que o discurso não

necessariamente apresenta o mundo tal qual é, mas o faz de forma projetiva, de modo a representar mundos possíveis como uma tentativa de impulsionar a mudança. (FAIRCLOUGH, 2003).

Essa representação tem como ponto de partida o texto, que pode promover relações dialógicas ou polêmicas entre seus próprios discursos. Segundo Fairclough (2003, p.129), uma forma de solucionar essa situação é por meio de uma análise interdiscursiva que pode resultar na identificação de diferentes discursos, seja pela identificação dos temas principais, seja pela identificação da perspectiva, ângulo ou ponto de vista particular do qual eles são representados.

Os discursos se diferenciam tanto pelo modo de representação, quanto pela relação com outros elementos da prática. Do ponto de vista da representação, os pontos de distinção podem ser identificados no vocabulário (por nomeação ou lexicalização), por hiponímia e/ou sinonímia, pelo uso de metáforas (lexical ou gramatical), bem como por questões gramaticais. Para este estudo interessa os pontos de distinção expressos pelo uso de metáforas, dentre outras questões como a agência sociológica, conforme van Leeuwen (1997).

Nessa perspectiva, ao analisarmos as construções gramaticais, podemos identificar os três tipos de significados do discurso (acional, representacional e identificacional). As análises realizadas e as categorias utilizadas divergem do ponto de vista de cada um dos significados, podendo diferir em termos de suas relações semânticas e de suas trações gramaticais. Quando o foco é a representação, a análise se pauta:

- a) Nos processos (sob a forma de verbos);
- b) Nos participantes (sob a forma de sujeito e complementos verbais), e;
- c) Nas circunstâncias (sob a forma de funções sintáticas relacionadas aos advérbios).

Nesse sentido, os textos podem ser analisados a partir de uma perspectiva representacional, na qual são avaliados quais elementos dos eventos estão incluídos ou excluídos e quais estão em primeiro ou segundo plano. Essas questões podem ser analisadas em relação à gramática, por exemplo, as exclusões podem ser marcadas a partir da voz passiva ou das nominalizações de processos verbais, etc. Os eventos sociais podem ser representados por meio de generalizações ou abstrações, por meio de

recontextualização, avaliando as presenças (ou ausências), as abstrações, os ordenamentos dos eventos e os acréscimos (explicações, legitimações, avaliações, etc).

De modo semelhante ao estudo apresentado por Fairclough (2003), van Leeuwen (1996), a partir de um inventário sócio-semântico, inicia um estudo sobre os modos pelos quais os atores sociais são representados no discurso. Para tanto, o autor esboça uma abordagem na qual são elencadas categorias relevantes para a análise da representação dos atores sociais através do discurso, a qual tem sido útil nos estudos de ADC como forma de delimitar papéis sociais e relacioná-los ao discurso e seu contexto.

Van Leeuwen (1997, p.171) argumenta que

[...] uma dada cultura (ou um dado contexto de cultura) não só tem a sua própria e específica ordem de formas de representar o mundo social, mas também as suas próprias formas de representar as diferentes semióticas nessa ordem.

Essas representações passam por processos que apontam para a visibilidade de alguns atores sociais, em detrimento de outros. Situação essa que ocasiona a inclusão ou exclusão como formas de manutenção de interesses e de propósitos por parte de um grupo, reverberando também em seus leitores. Segundo van Leeuwen (1997), a distribuição dos papéis atribuídos aos atores sociais no processo de representação está relacionada às posições que eles ocupam, seja como agente (ator) ou como paciente (finalidade). A tabela completa de categorias apresentadas por van Leeuwen (1997) é listada a seguir:

Quadro 5. Categorias analíticas para representação dos atores sociais

Exclusão	Supressão					
	Encobrimento (segundo plano)					
Inclusão	Ativação					
	Passivação	Sujeição				
		Beneficiação				
	Participação					
	Circunstancialização					
	Possessivação					
	Personalização	Determinação	Nomeação			
			Categorização	Funcionalização		
				Identificação	Classificação	
					Identificação relacional	
					Identificação física	
			Avaliação			
			Determinação única			
			Sobredeterminação			
			Indeterminação			
			Generalização			
		Especificação	Individualização			
			Assimilação	Coletivização		
	Agregação					
	Impersonalização	Abstração				
Objetivação						

Fonte: Rechetnicou e Lima (2016, p. 123)

Segundo van Leeuwen (1997, p. 180), “as representações incluem ou excluem actores sociais para servir os seus interesses e propósitos em relação aos leitores a quem se dirigem”. As exclusões poderão ocorrer de duas formas: por supressão, quando não há nenhuma representação; ou por encobrimento. As inclusões por sua vez ocorrem quando os atores sociais ocupam posições de ativação, passivação, circunstancialização, possessivação, personalização e impersonalização, conforme ilustrado no quadro 5. Para realizar este estudo, realizei análises pautadas nas seguintes categorias de inclusão propostas por van Leeuwen: ativação, passivação, generalização e especificação. Essas categorias foram selecionadas com o intuito de entender a distribuição dos papéis

sociais destinados às mulheres negras no processo de representação, por essa razão tratarei de forma mais detalhada os conceitos relacionados a elas.

Reiterando que van Leeuwen (1997, p. 180) afirma que “as representações incluem ou excluem actores sociais para servir os seus interesses e propósitos em relação aos leitores a quem se dirigem”. No caso das exclusões, poderão ocorrer de duas formas: por supressão, quando não há nenhuma representação; ou por encobrimento, que é quando, mesmo não havendo menção literal e, conseqüentemente, exclusão do participante, é possível inferir de quem se trata, pois ele é mencionado em algum momento do texto.

Já no que concerne à distribuição dos papéis aos atores sociais participantes, van Leeuwen (1997, p. 186) pontua que esses podem aparecer como agentes (ator) ou pacientes (finalidade) nas ações e afirma: “não é necessário que haja congruência entre os papéis que os atores sociais desempenham, de fato, nas práticas sociais e os papéis gramaticais que lhes são atribuídos nos textos”. Nesse sentido, as representações podem ocorrer por ativação, quando os atores sociais são dotados de papéis ativos, representando força dinâmica nas narrativas; ou por passivação, quando os atores sociais são dotados de papéis passivos, são submetidos à atividade ou, em outras situações, são receptores dela.

Ainda de acordo com van Leeuwen (1997, p. 186-188) e utilizando os exemplos apresentados por ele, pontua que a ativação pode ocorrer por participação (como em “as crianças procuram aspectos da televisão comercial como consolidação e confirmação da sua vida cotidiana”, no qual o ator social “crianças” passa por ativação e a agência coincide com o papel gramatical de sujeito da oração); por circunstancialização (a partir de circunstâncias preposicionais, como no exemplo “as pessoas de descendência asiática sentiram um súbito esfriamento por parte dos vizinhos e colegas de trabalho”, no qual “vizinhos” e “colegas de trabalho” introduzidos pela expressão “por parte dos” aparecem ativados); por possessivação, que tanto pode representar ativação, como em “o nosso influxo” ou passivação, em expressões como “a minha professora”, nesse último exemplo “professora” passa por um processo de transformação que a coloca como “coisa”, ou seja, posse de alguém, por isso não possui força dinâmica.

Van Leeuwen (1997, p. 188) pontua que a passivação também pode expressar-se por meio das posições gramaticais de sujeito e/ou como beneficiado da ação verbal, como no exemplo citado pelo autor: “imigrantes recebidos”, no qual “imigrantes” ocupa posição gramatical de sujeito, mas representa um ator em posição de passivação, e neste

outro exemplo: “22.000 chineses de Hong Kong chegaram o ano passado a cidades como Vancouver, trazendo carteiras bem recheadas”, no qual “cidades como Vancouver” são beneficiadas em relação à forma verbal “trazendo”. Segundo van Leeuwen (1997), assim como na ativação, a passivação pode se realizar por participação, circunstancialização e possessivação.

Em se tratando das categorias de genericização e de especificação, van Leeuwen (1997, p. 190), afirma que “a escolha entre referência genérica e específica é outro factor importante na representação dos actores sociais que podem surgir como classes ou como indivíduos específicos e identificáveis”. A genericização pode se expressar em construções através do plural sem artigo, como no exemplo “6,5% da população são migrantes não-Europeus”, ou através do singular com artigo definido e artigo indefinido, como em “deixe a criança agarrar-se a algo familiar durante períodos de angústia” e “talvez uma criança sinta isso da mãe”, em ambos exemplos a palavra “criança”, apesar de estar no singular, representa o grupo crianças, isto é, qualquer criança. É importante mencionar que os exemplos utilizados são do próprio van Leeuwen (1997).

Refletindo sobre essas categorias na ADC, Fairclough (2003) alude às categorias de van Leeuwen como importante constructo para ajudar na compreensão sobre como os agentes sociais podem ser representados nos processos, isto é, a partir de escolhas que culminam em representações de inclusão e exclusão (por agente suprimido ou relegado ao segundo plano). Isso é possível pela análise da forma como o agente aparece (pronomes ou substantivos), por sua função gramatical, se o agente é ativo ou passivo, pessoal ou impessoal, nomeado ou classificado, específico ou genérico.

As escolhas realizadas no processo de representação dos atores sociais trazem significação social, especialmente quando se trata da agência, e refletem projeções subjetivas do sujeito que constrói o discurso, uma vez que há presença de suas crenças e de seus valores. A seguir, apresento algumas reflexões acerca do discurso como estilo.

2.3 *O discurso como estilo*

Os estilos são aspectos do discurso e representam os jeitos de ser e as identidades sociais. Como faceta do discurso, os estilos se expressam por meio da forma que falamos, escrevemos, pensamos etc. Conforme Fairclough (2003), os processos de

identificação ocorrem de forma dialética e complexa, pois há processos que são sociais e processos que são pessoais, isto é, há a identidade social e a “personalidade”. (FAIRCLOUGH, 2003, p. 169).

Ao analisar as sociedades da modernidade tardia, Laclau (1990) afirma que as identidades são caracterizadas pela diferença, elas advêm da consciência de si e do outro (LACLAU *apud* HALL, 2014, p. 14). De forma semelhante ao apresentado por Fairclough (2003), Hall também defende que as identidades são complexas, pois, na formação da identidade, há um “jogo de identidades” que as torna contraditórias e plurais, ainda que se trate de apenas um indivíduo. Como exemplo ilustro como o julgamento de um juiz, homem negro, acusado de assediar uma mulher negra, permitiu a Hall analisar algumas questões que envolviam, sobretudo, racismo e sexismo e suas relações com as identidades dos sujeitos. Conforme Hall (2014, p. 15-16), no jogo de identidades entre ser ou não ser negro, ser ou não ser mulher, no julgamento mencionado, foi possível perceber:

- As identidades eram contraditórias. Elas se cruzavam ou se “deslocavam” mutuamente.
- As contradições atuavam tanto fora, na sociedade, atravessando grupos políticos estabelecidos, quanto “dentro” da cabeça de cada indivíduo.
- Nenhuma identidade singular – por exemplo, de classe social- podia alinhar todas as diferentes identidades com uma “identidade mestra” única, abrangente, na qual se pudesse, de forma segura, basear uma política. As pessoas não identificam mais seus interesses sociais exclusivamente em termos de classe; a classe não pode servir como um dispositivo discursivo ou uma categoria mobilizadora através da qual todos os variados interesses e todas as variadas identidades das pessoas possam ser reconciliadas e representadas.
- De forma crescente, as paisagens políticas do mundo moderno são fraturadas dessa forma por identificações rivais e deslocantes – advindas, especialmente, da erosão da “identidade mestra” da classe e da emergência de novas identidades, pertencentes à nova base política definida pelos novos movimentos sociais: o feminismo, as lutas negras, os movimentos de libertação nacional, os movimentos antinucleares e ecológicos (MERCER, 1990).
- Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença.

Homens e mulheres (tanto brancos/as quanto negros/as) apresentaram juízos diferentes em relação à defesa ou à acusação do magistrado e a esses juízos; segundo

Hall (2014), estavam relacionados ao jogo das identidades e não necessariamente à culpa ou inocência dos envolvidos. Com isso, foi possível observar mulheres brancas que apoiavam a mulher (vítima) por conta do feminismo, homens brancos e negros apoiavam o juiz (réu) por conta das questões de gênero, mulheres negras que se viam divididas entre raça e gênero em suas avaliações, além de outras questões.

Em perspectiva semelhante, Woodward (2000) caracteriza as identidades como relacionais, pelo estabelecimento de uma(s) forma(s) simbólica(s). A autora também afirma que as identidades são vinculadas às questões sociais e materiais; e não são unificadas e divergentes, quando comparadas em nível coletivo e individual.

Woodward (2000) pontua que a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos, e por meio desses significados é que são dados sentidos às experiências de ser quem somos, isto é, como nos identificamos. Conforme Woodward (2013, p.25):

As mudanças e transformações globais nas estruturas políticas e econômicas no mundo contemporâneo colocam em relevo as questões de identidade e as lutas pela afirmação e manutenção das identidades nacionais e étnicas. Mesmo que o passado que as identidades atuais reconstróem seja, sempre, apenas imaginado, ele proporciona alguma certeza em um clima que é de mudança, fluidez e crescente incerteza. As identidades em conflito estão localizadas no interior de mudanças sociais, políticas e econômicas, mudanças para as quais elas contribuem.

Assim como nas reflexões propostas por Chouliaraki e Fairclough (1999), em relação à modernidade tardia, Woodward traz questões acerca das mudanças ocorridas no âmbito social. Segundo a autora, a complexidade da vida moderna nos impulsiona a estar nesse lugar de constante mudança e adaptação. Ela também afirma que há diversas identidades disponíveis, com as quais podemos ou não nos identificar, e, ainda que assumamos várias identidades, não significa que – por se tratar de um mesmo indivíduo – elas estejam em harmonia. Ao contrário, as identidades estão em constante mudança e até mesmo em conflito umas com as outras.

Em perspectiva semelhante, Silva (2000), ao tratar dos processos de identificação instaurados a partir da diferença, elucida “a afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. Como vimos, dizer ‘o que somos’ significa também dizer ‘o que não somos’.” (SILVA, 2013, p.82). Essas construções estão presentes nas práticas sociais e são criações discursivas.

Conforme Silva (2000), as identidades são resultado de atos de criação linguística, e, portanto, precisam ser ativamente produzidas, são fabricadas por nós no contexto da vida social e cultural, elas surgem a partir de um processo de produção simbólica e discursiva. (SILVA, 2013, p.76).

Também sobre as questões relacionadas às identificações e modos de ser, Fairclough (2003) argumenta que os estilos são construídos a partir de diversas estratégias que incluem aspectos linguísticos e corporais. Como expressão corporal, temos o cabelo e as roupas constituindo parte de nossa identificação. Composto os aspectos linguísticos, há as questões fonológicas (pronúncia, ritmo, etc), lexicais e semânticas fazendo parte dessa identificação. (FAIRCLOUGH, 2003, p. 162).

Em perspectiva, Francisca Cordelia Oliveira da Silva (2017) traz a importância em “definir identidades como uma construção baseada em escolhas relativas a quem o sujeito deseja e assume ser, aos papéis que ele aceita ou deseja desempenhar, assim como atores sociais com quem ele se identifica (ou de quem se diferencia)”. Essas constatações são importantes, pois apontam para o caráter contínuo e inacabado dessas construções e devem ser consideradas nos processos de análise em ADC.

Voltando para as categorias linguísticas relevantes para análise de discurso como forma de identificação está modalidade e avaliação. Iniciarei falando um pouco sobre a modalidade e em seguida discorrerei sobre a avaliação. Fairclough (2003) caracteriza a modalidade como aquilo que é considerado como real e verdadeiro. A modalidade é também parte de uma avaliação acerca de como os falantes se envolvem em suas declarações. Conforme Fairclough (2003), há dois tipos de modalidades:

- a) Troca de conhecimentos (modalidade epistêmica): esse tipo de modalidade se expressa por meio de declarações ou perguntas. Nas declarações, aparece a partir do envolvimento do autor com a verdade, revelado por meio de afirmações, negações ou modalizações; nas perguntas, se expressa a partir da dedução do autor acerca do envolvimento de outra pessoa com a verdade, seja por meio de perguntas positivas, negativas ou modalizadas.
- b) Troca de atividade (modalidade deôntica): esse tipo de modalidade se expressa por meio da procura ou da oferta. A procura aparece a partir do envolvimento do autor com as obrigações ou as necessidades, por meio de ordem, proibição ou modalização; os casos de oferta apresentam o

envolvimento do autor com a ação, a partir da garantia, da recusa ou da oferta modalizada.

Ainda conforme Fairclough (2003), os marcadores de modalização aparecem por meio da utilização de verbos modais (de ligação), advérbios de modalidade ou orações de processos mentais. Há também o caso da modalidade hipotética, quando o autor quer tornar as perguntas mais experimentais. As categorias de avaliação, por sua vez, estão relacionadas ao que é bom, ruim ou desejável na perspectiva do autor do texto. As avaliações podem ser diferenciadas a partir de algumas categorias. Fairclough (2003) apresenta algumas:

- a) Declarações com juízo de valor: associadas ao que é bom ou ruim.
- b) Declarações como modalidades deonticas e declarações com verbos de processos mentais afetivos: se expressam a partir de avaliações de caráter pessoal acerca de apreço do autor em relação a algo e podem se apresentar como processos relacionais.
- c) Pressuposições de valor: relacionam-se a valores implícitos ou pressupostos, podem se expressar por meio de metáforas.

Em perspectiva complementar à ADC, José Lemos Monteiro (2009), ao estudar a Estilística, afirma que as escolhas realizadas estilisticamente podem ocorrer em dois níveis: no eixo da seleção e no eixo da combinação. Monteiro pontua que, no eixo da seleção, as escolhas são marcadas quando há escolha por uma unidade, e, conseqüentemente, a exclusão de outras tantas. No caso da combinação, opta-se por uma construção sintática ou de arranjo, com intuito de estabelecer relações precisas entre as palavras. O autor apresenta categorias por meio das quais podem ser percebidos os impactos causados pela significação desses processos de escolha. Destaco a seguir algumas questões mencionadas pelo autor:

- a) Escolha entre termos que guardam relação de sinonímia: nesses casos o autor pontua que cada palavra possui valor próprio; ainda que as palavras sejam consideradas sinônimas, a escolha entre uma ou outra forma revela marcas de classe, região, época, profissão, etc.

- b) Escolha entre termos que apresentam formas iguais: ocorre nos casos de homonímia e polissemia, em vocábulos como mangueira (para designar em algumas situações tubo para condução de água, em outras, árvore frutífera), cabeça (para designar ora parte do corpo, ora chefe de um grupo, por exemplo), entre outros vocábulos.
- c) Escolhas relacionadas aos processos sintáticos: o autor aborda as construções por coordenação e as associa a uma linguagem prevalentemente afetiva; e as construções por subordinação, associando-as à rigidez do raciocínio lógico (comuns em linguagens informativas). Além disso, faz menção às escolhas associativas com o intuito de dar ênfase às construções.
- d) Escolha acerca do ritmo: tratado como traço de estilo de um autor ou de uma época/escola literária.
- e) Escolha acerca da construção ou desconstrução frasal: associadas às preferências por construções ora nominais, ora verbais (focadas na ação).
- f) Escolhas relacionadas ao foco narrativo: relacionadas ao ângulo de observação do narrador em relação à ação veiculada.
- g) Escolhas sobre utilizar ou não topicalizações: nesse caso as topicalizações surgem como forma de criar um quadro de referência sobre o que será dito. O tópico ocupa lugar de destaque, de evidência no enunciado.
- h) Escolhas pautadas no apelo sensorial: utilização de adjetivos com o objetivo de valoração.
- i) Escolhas na realização de mudanças de classes gramaticais: o autor trata da mudança de classe como estratégia de expressividade, como ocorre nos casos de substantivação.
- j) Expressividade dinâmica: é tratada a partir de escolhas que permeiam o uso do verbo, especialmente no que concerne aos valores dos tempos verbais.

Diante das questões apresentadas por Monteiro, é possível perceber o quanto as escolhas estilísticas associam-se com alterações semântico-discursivas, por mais que aparentemente sejam sutis. Interpretar um enunciado é algo complexo e há vários fatores envolvidos, há aqueles que são inerentes à língua e também aqueles que são

extralinguísticos. Essa constatação fica bastante evidente no uso de metáforas, por exemplo. Elas trazem representações distintas de mundo e aparecem pautadas em valores intralinguísticos (a gramática) e extralinguísticos (contextuais), uma vez que estão intrincadas com a cultura. Ainda no âmbito de abordagem das metáforas, Lakoff e Johnson (2002, p.48) afirmam:

[...] a metáfora não é somente uma questão de linguagem, isto é, de meras palavras. Argumentaremos que, pelo contrário, *os processos do pensamento* são em grande parte metafóricos. Isso é o que queremos dizer quando afirmamos que o sistema conceptual humano é metaforicamente estruturado e definido. As metáforas como expressões linguísticas são possíveis precisamente por existirem metáforas no sistema conceptual de cada um de nós.

Ao propor um estudo mais detalhado acerca da metáfora, Lakoff e Johnson (2002) sistematizam as metáforas em tipos. A seguir apresento a sistematização proposta pelos autores:

- a) Metáforas estruturais: ocorrem quando o conceito associado à palavra é estruturado em termos de outro conceito. Nesse sentido, ele tem limitações em sua expansão, pois são frases, que fora de contexto, podem não construir sentidos, uma vez que dependem de um contexto outro para significar. Lakoff e Johnson utilizam como exemplo dessa metáfora a frase: “por favor, sente-se no lugar do suco de maçã”, para explicar que isoladamente a expressão “lugar do suco de maçã” não faz sentido, pois não é uma forma usual de se referir a um objeto. Mas, no contexto em que foi dita - a um hóspede que iria tomar café da manhã em uma mesa composta por quatro lugares, sendo três em frente a sucos de laranja e um ao suco de maçã - fez sentido.
- b) Metáforas orientacionais: estão relacionadas principalmente com orientação espacial. Nesse caso, diferentemente da metáfora estrutural, os conceitos são construídos não em termos, mas em relação a um outro conceito - alto/baixo, bom/ruim, entre outros. Por exemplo, algo que é bom é visto como pra cima, e algo ruim, visto como para baixo.
- c) Metáforas ontológicas: são formas de conceber eventos, emoções, etc. como entidades e substâncias. Um exemplo utilizado pelos autores é a inflação, vista como uma entidade que nos permite identificar aspectos,

isto é, vê-la como causa, referir-se a ela, quantificá-la, entre outras coisas. Outro exemplo desse tipo de metáfora é o que conhecemos por personificação (quando enxergamos algo que não é humano, como se fosse humano).

Nesse estudo será relevante a análise de metáforas estruturais e orientacionais para compreensão das representações de mulheres negras nos textos que compõem o *corpus*, pois, conforme Lakoff e Johnson (2003, p.48), as metáforas não são apenas palavras, mas parte dos processos do pensamento que integram nosso sistema conceitual. Os autores também discorrem sobre a metonímia e pontuam que ela tem função referencial e o objetivo de propiciar o entendimento, referenciando algo como representação de outra coisa. As metonímias também são sistemáticas e nos possibilitam muitas vezes representar a parte pelo todo, o produtor pelo produto, o objeto pelo usuário, a instituição pelos responsáveis, etc. Assim como as metáforas, os conceitos metonímicos estruturam não apenas a linguagem, mas nossos pensamentos e atitudes em relação as nossas experiências. Ambas indicam relações coerentes e sistemáticas em relação aos conceitos apreendidos culturalmente e compõe as categorias linguísticas associadas à análise dos tropos nesta pesquisa.

É útil pontuar que a discussão teórica apresentada anteriormente tem como objetivo auxiliar a construção da análise linguística deste trabalho. Com ela, será possível o estudo dos eventos sociais do *corpus*, de modo a verificar quais atores sociais estão incluídos, quais estão excluídos, se esses eventos são concretos ou abstratos, como são representados os processos e quais predominam (mental, material, verbal, relacional ou existencial), como as ações dos atores se apresentam (ativa ou passiva, pessoal ou impessoal, específica ou genérica, etc.), bem como identificar como os estilos são caracterizados (corpo da linguagem, vocabulário, metáforas, metonímias, modalidades, avaliação, etc.).

CAPÍTULO 3

“PASSADO HISTÓRICO”

No capítulo anterior apresentei os pressupostos teóricos nos quais se pauta esta pesquisa. Como continuidade, inicio este capítulo tendo como mote o título de um dos cinco textos do *corpus*, que trata da ausência de registros históricos acerca da mulher negra, *Passado histórico* de Sônia Fátima, para apresentar-lhes as estratégias metodológicas desenvolvidas nessa pesquisa, incluindo o tema, os objetivos (geral e específicos), a abordagem, o meio de investigação, os procedimentos, os critérios de seleção do *corpus*, as categorias analíticas utilizadas na análise e o detalhamento que tratará da relação entre os objetivos específicos e as categorias aplicadas a cada questão.

3.1 Sobre a temática

O **objetivo geral** dessa pesquisa é analisar as representações discursivas de mulheres negras em textos literários de autoria feminina negra brasileira dos livros didáticos de Língua Portuguesa do primeiro ano aprovados pelo PNLD 2018/2020, de modo a verificar como estas representações atendem ao proposto pela lei 10.639/2003¹⁶, que prevê a inclusão obrigatória da história e cultura afro-brasileira nos currículos nacionais de educação e traz o seguinte texto:

Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

¹⁶ Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm > Acesso em 03 julho 2021

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3º (VETADO)"

"Art. 79-A. (VETADO)"

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 9 de janeiro de 2003; 182º da Independência e 115º da República. LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA (Lei 10.639, BRASIL, 2003, grifos meus)

É importante destacar o texto do § 2º que traz uma prescrição emblemática, uma vez que recomenda que os conteúdos sejam ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, mas destaca as áreas de Educação Artística, Literatura e História Brasileiras. Outro ponto simbólico da lei consiste na inclusão do dia 20 de novembro como "Dia Nacional da Consciência Negra", marco importante na luta pela igualdade de direitos e pela busca pela visibilidade da cultura negra.

Infelizmente, em muitas escolas, essa discussão fica restrita apenas à data de 20 de novembro. Do mesmo modo, tratar apenas as áreas de Artes, Literatura e História, como áreas preferenciais para se trabalhar a cultura e a história africana e a afro-brasileira pode vir a comprometer uma abordagem mais ampla da temática, restringindo um trabalho que poderia ser ampliado. Contudo, é a partir das prescrições realizadas pela lei 10.639/2003 e do estudo dos textos literários do livro didático de língua portuguesa que busco atender aos objetivos elencados no tópico a seguir.

3.2 Objetivos de pesquisa

3.2.1 Objetivo Geral

- Analisar as representações discursivas de mulheres negras em textos literários de autoria feminina negra brasileira dos livros didáticos de Língua Portuguesa do primeiro ano aprovados pelo PNLD 2018/2020, de modo a verificar como estas representações atendem ao proposto pela lei 10.639/2003, que prevê a inclusão

obrigatória da história e cultura afro-brasileira nos currículos nacionais de educação.

3.2.2 *Objetivos Específicos*

- Identificar as representações discursivas de mulheres negras nos textos literários das coleções a partir do mapeamento dos textos vinculados ao tema da pesquisa;
- Analisar as representações étnico-raciais das identidades de mulheres negras, presentes nos textos analisados, com base na identificação das representações discursivas mapeadas;
- Relacionar as representações étnico-raciais de mulheres negras presentes no *corpus* com o que dispõe a lei 10.639/2003.

3.3 *Análise das representações discursivas de mulheres negras no Livro Didático: uma abordagem qualitativa*

Antes de apresentar detalhes sobre a abordagem da pesquisa desenvolvida nessa dissertação, faz-se necessário realizar algumas observações acerca da pesquisa social e sobre aspectos da pesquisa qualitativa. Primeiramente, pontuo que a pesquisa social é, na ciência, um conjunto de métodos utilizados para a compreensão do comportamento das pessoas e sociedades. Tim May (2004) afirma que a pesquisa social:

[...] é útil para a interpretação dos dados empíricos. Entretanto, ela também possibilita uma orientação mais geral em relação às questões políticas, históricas, econômicas e sociais, bem como provê uma base para a reflexão crítica sobre o próprio processo de pesquisa e a vida e os sistemas sociais em geral. Isso requer uma relação de duas vias na qual há um desafio tanto às ideias como às práticas.

Nesse sentido, a pesquisa social deve estar em constante análise e reflexão. É recomendável que exista mais de um paradigma teórico a norteá-la, dada a complexidade do mundo social. Dito isso, recorro a Norman Denzin e Yvonna Lincoln (2003), para trazer algumas questões sobre a pesquisa qualitativa. Segundo os autores, a pesquisa qualitativa, enquanto possibilidade de abordagem no escopo da pesquisa social, atravessa disciplinas, temas e campos, e, portanto, é em si mesma um campo de investigação. Conforme os autores:

[...] a pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. [...] envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de materiais empíricos – estudo de caso, experiência pessoal, introspecção, história de vida, entrevista, artefatos, textos e produções culturais, textos observacionais, históricos, interativos e visuais – que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos. (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17).

As práticas interpretativas utilizadas no processo de análise de materiais empíricos, na pesquisa qualitativa, envolve uma estética da representação que extrapola o pragmático. Isso implica a necessidade da utilização de uma multiplicidade de métodos. Dentre esses métodos está a interpretação, considerada como um “processo interativo influenciado pela história pessoal, pela biografia, pelo gênero, pela classe social, pela raça, pela etnicidade” do pesquisador e das pessoas que fazem parte do cenário. (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 20). Todas essas condições foram consideradas por mim no processo de análise da pesquisa desenvolvida, desde a contextualização das autoras do *corpus* estudado até a apresentação de aspectos políticos relacionados à construção da escrita delas.

Com isso, o processo de pesquisa exige do pesquisador e da pesquisadora compromisso ético e responsabilidade social com seu objeto de estudo. É preciso técnica, mas também ética na condução das análises e, conseqüentemente, dos resultados. Nesse sentido, a ética reside no compromisso do pesquisador com a verdade e com os sujeitos envolvidos na pesquisa. Já a técnica está associada à busca de recursos para compilar os dados. Conforme afirma Antônio Carlos Gil (2008), diferentemente do que ocorre nas pesquisas experimentais, nas quais a análise de dados se dá de forma quantitativa, em se tratando da pesquisa qualitativa não há procedimento fixo, uma vez que a escolha entre um ou outro procedimento dependerá da capacidade e do estilo do pesquisador, bem como dos dados que tem à disposição.

Contudo, Miles e Huberman (1994) sugerem três etapas a serem seguidas na pesquisa qualitativa, a saber: a redução, a exibição e a conclusão/verificação. Segundo os autores, em primeiro lugar, a redução dos dados consiste no processo de seleção e posterior simplificação dos dados; em segundo lugar, a apresentação é a organização dos dados selecionados, (ambas as etapas descritas no subtópico 3.5 *Coleta documental, detalhamento e critérios de seleção de corpus*); e, finalmente, em terceiro lugar, a conclusão/verificação consiste em uma revisão, de modo a considerar o significado dos dados. Tudo isso por meio de um processo cíclico e contínuo, no qual a análise não é a

última fase da pesquisa; sendo sistemática, mas não rígida. (MILES; HUBERMAN, 1994, *apud* GIL, 2008, p. 175-177).

Ao desenvolver essa pesquisa de forma qualitativa, entendo que a faço levando em consideração esse caráter de fluidez e flexibilidade que possibilita adequações e ajustes no decorrer do processo, pois compreender os diversos movimentos, políticos, históricos, econômicos ou sociais, perpassa por estabelecer uma diversidade de métodos de pesquisa que conduzam a esses objetivos.

Para tanto, a metodologia foi constituída em etapas, as quais estão relacionadas aos “interesses que levam a pesquisa; objetivos, metas e planejamento do projeto de pesquisa; processo de coleta de dados; interpretação dos dados; utilização feita das descobertas da pesquisa”. (MAY, 2004, p. 71). Sendo assim, na pesquisa social de caráter qualitativo, selecionamos materiais que auxiliam a argumentação e a resolução de um problema, que, nesse estudo, é analisar as representações discursivas de mulheres negras em textos literários de autoria feminina negra brasileira dos livros didáticos de Língua Portuguesa do primeiro ano aprovados pelo PNLD 2018/2020, de modo a verificar como estas representações atendem ao proposto pela lei 10.639/2003.

Um fator importante a ser destacado é o procedimento posterior à coleta de dados, isto é, o início da análise e da interpretação. Gil (2008) pontua que o processo segue o seguinte esquema: segmentação, categorização e comparação. Conforme o autor, “para interpretar os dados, o pesquisador precisa ir além da leitura dos dados, com vistas a integrá-los num universo mais amplo em que poderão ter algum sentido”. (GIL, 2008, p. 178). Dessa forma, poderei finalmente verificar se os textos literários selecionados atendem ou não ao proposto pela lei 10.639/2003.

3.4 Documentos como expressão de poder social

Para que o problema de pesquisa assuma significado científico, será necessário definir o delineamento da pesquisa. Conforme Gil (2008, p.49), esta etapa:

[...] refere-se ao planejamento da pesquisa em sua dimensão mais ampla, envolvendo tanto a sua diagramação quanto a previsão de análise e interpretação dos dados. Entre outros aspectos, o delineamento considera o ambiente em que são coletados os dados, bem como as formas de controle das variáveis envolvidas.

Nesse sentido, o delineamento é a etapa na qual os métodos são aplicados. Essas escolhas metodológicas proporcionam os meios técnicos para a investigação, ou seja, o procedimento adotado na coleta dos dados. Nesta pesquisa, o meio de investigação utilizado será a documental. Sobre ela, Tim May (2004) afirma que “as fontes incluem documentos históricos, como leis, declarações estatutárias e também os relatos de pessoas”. (MAY, 2004, p.216). Também são incluídos, nessa lista os documentos governamentais, conteúdo da mídia de massa, livros, documentos pessoais, etc. No caso dessa pesquisa, a fonte de análise são os livros de língua portuguesa do 1º ano do ensino médio, aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático - PNLD referentes ao triênio 2018-2020.

É importante ressaltar que os documentos são formas de expressão do poder social, podendo ser formas tanto de propagação quanto de transformação e de criação de novos paradigmas. Por isso, mais uma vez chamo a atenção para a responsabilidade do pesquisador e da pesquisadora em assumir, no processo de pesquisa, um compromisso com a técnica e com a ética. Nesse sentido, John Scott (1990 *apud* MAY, 2004, p.227) propõe quatro critérios a serem considerados no processo de análise das fontes documentais: autenticidade, credibilidade, representatividade e significado.

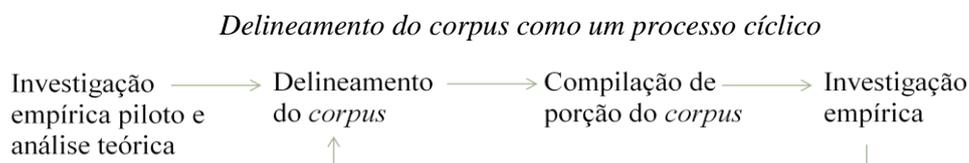
A autenticidade está relacionada à originalidade do documento, isto é, se ele é de fato genuíno. A credibilidade está relacionada à análise das pessoas que registraram a informação: são confiáveis nas traduções, as observações e os registros são precisos? A representatividade, por sua vez, aparece como uma questão de tipicidade, se um documento é típico ou atípico e isso será confirmado com os objetivos da pesquisa. Finalmente, o último critério é o significado, visto como a compreensão de um documento pelo pesquisador. Nessa avaliação cabem as seguintes questões: o que ele é? O que ele nos diz? (SCOTT, 1990, *apud* MAY, 2004, p.228-229). É o que tentarei responder ao estudar as representações de mulheres negras no LD de língua portuguesa do primeiro ano do ensino médio, analisar suas representações discursivas nos textos literários de autoria feminina negra brasileira dos livros didáticos de Língua Portuguesa do primeiro ano aprovados pelo PNLD 2018/2020, de modo a verificar como essas representações atendem ao proposto pela lei 10.639/2003.

3.5 Coleta documental, detalhamento e critérios de seleção de corpus

Na pesquisa social, selecionamos materiais que auxiliam na argumentação e a resolução de um problema. Essas evidências irão constituir a base para a investigação e assumirão *status* de *corpus* da pesquisa. Bauer e Aarts (2003) afirmam que a construção do *corpus* implica a “escolha sistemática de algum racional alternativo, que será explicado a seguir”. (BAUER; GASKELL, 2008, p. 39). Nesta perspectiva, Bauer e Arts (2003) apontam:

[...] os corpora são estruturados a partir de vários parâmetros, tais como o canal (falado ou escrito, escrito para ser falado, etc), temática (arte, família, religião, educação, etc), função (persuadir, expressar, informar, etc). [...] Uma vez construídos os corpora podem ser usados como banco de dados para pesquisa linguística. (BAUER. AARTS, 2003, p. 45).

A partir dessa premissa, percebe-se que um *corpus* de base linguística pode ser utilizado como banco de dados que fornecem informações capazes de possibilitar a compreensão dos sentidos e das representações presentes em determinada prática social. Os autores ainda elucidam que as formas de lidar com o *corpus*, de como investigá-lo, entre outras questões, dependem dos objetivos da pesquisa. A partir daí, o pesquisador decidirá quais tipos de texto devem ser incluídos e quais devem ser excluídos. Bauer e Aarts (2003) acrescentam que o processo de delineamento do *corpus* deve ser cíclico, conforme o esquema a seguir:



Fonte: Biber 1993 apud Bauer e Gaskell, 2008, p. 53.

A partir desse processo, a sugestão é que o *corpus* seja selecionado preliminarmente e que, à medida que a variedade deste material seja analisada, o *corpus* de dados seja ampliado até o momento em que não haja mais variedade. Tudo isso a

partir de um processo de seleção, análise, e novamente seleção. Ao final, é preciso que o material apresente apenas um foco temático.

Convém mencionar que os livros didáticos selecionados pelo PNLD e que constituíram o *corpus* dessa pesquisa foram analisados em sua totalidade. Primeiramente, a análise foi pautada na busca por representações étnico-raciais (de homens e mulheres). Contudo, a fim de alcançar o que Bauer e Aarts (2003) definem como realizar o processo de seleção para que se alcance o ideal de apenas um foco temático, no decorrer desse estudo, foi realizada nova seleção, na qual os critérios estavam relacionados não apenas a textos que trouxessem representações étnico-raciais, mas também representações de mulheres negras, e, posteriormente, textos que tivessem autoria de escritoras negras brasileiras, o que culminou na seleção de apenas cinco textos literários. Esses textos tornaram-se o *corpus* dessa pesquisa e seguem listados na tabela a seguir, com suas respectivas autoria e as coleções nas quais foram encontrados:

Tabela 1 – Textos do *corpus*.

Texto	Autora	Coleção
1. Olhos d'água.	Conceição Evaristo	<i>Veredas da Palavra 1</i> de Roberta Hernandez e Maria Lia Martins.
2. Ponciá Vicêncio	Conceição Evaristo	<i>Português: Trilhas e Tramas 1</i> de Graça Sette; Márcia Travalha; Ivone Ribeiro; e, Rozário Starling.
3. Vozes-mulheres	Conceição Evaristo	<i>Português: Trilhas e Tramas 1</i> de Graça Sette; Márcia Travalha; Ivone Ribeiro; e, Rozário Starling.
4. Mahin Amanhã	Miriam Alves	<i>Português: Trilhas e Tramas 1</i> de Graça Sette; Márcia Travalha; Ivone Ribeiro; e, Rozário Starling.
5. Passado Histórico	Sônia Fátima	<i>Português: Trilhas e Tramas 1</i> de Graça Sette; Márcia Travalha; Ivone Ribeiro; e, Rozário Starling.

O processo de seleção, análise, e novamente seleção do *corpus*, conforme explicita Bauer e Aarts (2003), ocorreu da seguinte forma:

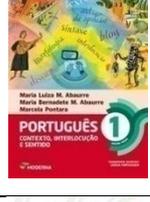
1. Foram selecionados todos os textos literários veiculados nos LD que apresentassem representações étnico-raciais;
2. Análise do material que contou preliminarmente com trinta e sete textos e fragmentos de textos que traziam representações de homens e mulheres negras.
3. Devido ao volume dos textos, à minha intenção de buscar representações de mulheres negras e as recomendações propostas por Bauer e Aarts (2003), foi realizada nova seleção que resultou em sete textos que traziam apenas representações de mulheres negras.
4. Em seguida, foi realizada nova seleção, dessa vez resultando em cinco textos, que tiveram como critério autoria feminina negra brasileira, uma vez que os textos escritos por mulheres negras apontavam para representações positivas e antirracistas de mulheres negras.

Ainda em relação aos critérios de seleção e detalhamento do *corpus*, convém mencionar o que Ada Brasileiro (2013) pontua em relação às motivações que conduzem à escolha do procedimento metodológico para a aplicação da pesquisa social, será a natureza da investigação, que auxiliará neste processo. Segundo Brasileiro (2013, p. 50), “o pesquisador precisa escolher os instrumentos, definir o universo, amostra e sujeitos (quando houver coleta de dados)”. A autora pontua que, na pesquisa, o universo “é a definição do conjunto de elementos (empresas, produtos, pessoas, público, etc.) que serão objeto de estudo”. Outro conceito abordado é o de amostra que, segundo Brasileiro (2013, p. 52), “é a parte que representa o universo (todo o conjunto a ser evidenciado)”. Também há os sujeitos que serão “as pessoas que fornecerão os dados”. Em perspectiva semelhante, Antônio Gil (2008, p.90) afirma que, na pesquisa social, universo é “um conjunto definido de elementos que possuem determinadas características” e que amostra é um “subconjunto do universo ou da população, por meio do qual se estabelecem ou se estimam as características desse universo ou população”.

Considerando essas premissas metodológicas, é possível afirmar que esta pesquisa possui como universo os livros didáticos (LD) de Língua Portuguesa do primeiro ano do ensino médio aprovados pelo PNLD 2018. Sua amostra é formada por textos literários, veiculados nestes livros, e como critério inicial de seleção levou-se em consideração os textos que apresentavam representações da mulher negra. A pesquisa é qualitativa e como instrumento técnico partiu de um levantamento documental.

É necessário pontuar que o universo do qual foi extraído o *corpus* desta dissertação foi formado por oito, das onze coleções de livros didáticos direcionados ao mestre, pois, no decorrer da pesquisa, foi possível acessar apenas oito dos onze livros aprovados pelo PNLD, devido ao fato de que os livros não foram encontrados nas escolas, ou seja, não foram selecionados a partir da lista apresentada pelo PNLD. São listados na tabela a seguir os livros encontrados e analisados:

Tabela 2 – Universo do *corpus*.

Capa	Título	Autoria
	<i>Linguagem e Interação</i>	FARACO; MOURA; E, MARUXO JÚNIOR.
	<i>Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso</i>	CEREJA; DIAS VIANNA; e, DAMIEN.
	<i>Português: Contexto, Interlocução e Sentido</i>	ABAURRE; ABAURRE; e, PONTARA.
	<i>Língua Portuguesa: Ser protagonista</i>	PAIVA; BARRETO; SANTA BÁRBARA; e, BERGAMIN.

	<i>Português: Novas Palavras</i>	AMARAL; FERREIRA; LEITE; E, ANTÔNIO.
	<i>Veredas da Palavra</i>	HERNANDES; MARTINS.
	<i>Se liga na língua</i>	ORMUNDO; E, SINISCALCHI.
	<i>Português: Trilhas e Tramas</i>	SETTE; TRAVALHA; RIBEIRO; E, STARLING.

Nesse processo, tentei contato presencial com secretarias de educação municipais, contato por e-mail com editoras e contato com colegas de profissão, professores e professoras de Língua Portuguesa do Ensino Médio. No entanto, não consegui ter acesso aos seguintes materiais listados na tabela a seguir:

Tabela 3 – Livros didáticos não encontrados.

Capa	Título	Autoria
	<i>Português: Língua e Cultura</i>	FARACO.
	<i>Esferas das Linguagens</i>	CAMPOS; ASSUMPCÃO

	<i>Vivá: Língua Portuguesa</i>	CAMPOS; MARQUES; e ANDRADE
---	--------------------------------	-------------------------------

Dos oito livros avaliados e que correspondem ao universo de pesquisa, os que resultaram na amostra do *corpus* foram apenas dois, a saber: *Português: trilhas e tramas* de Sette; Travalha; Ribeiro; e, Starling; e, *Veredas da palavra* de Hernandes; Martins.

3.6 *Categorias de análise: a transdisciplinaridade em ADC*

Conforme Fairclough (2003), a análise do texto compreende tanto as questões linguísticas, quanto as questões interdiscursivas, pois a avaliação do interdiscurso possibilita “ver os textos como discursos, gêneros e estilos que se articulam” (FAIRCLOUGH, 2003, p.3). Fairclough também aponta que uma abordagem transdisciplinar exige um trabalho que considere categorias que favoreçam o desenvolvimento de uma teoria do discurso a partir de métodos de análise textual. Nesse sentido, selecionei algumas categorias de análise que podem ser observadas nos tópicos a seguir, nos quais haverá uma apresentação de cada uma delas e seus respectivos objetivos.

3.6.1 *Objetivo de pesquisa 1*

Para atender ao primeiro objetivo específico de pesquisa (identificar as representações discursivas de mulheres negras nos textos literários das coleções a partir do mapeamento dos textos vinculados ao tema da pesquisa), utilizarei como instrumento teórico-metodológico central as categorias apresentadas por van Leeuwen na representação dos atores sociais.

Sobre esse assunto é relevante mencionar que Fairclough (2003), ao tratar da teoria social do discurso, a partir da perspectiva da ADC, traz o discurso como forma de prática social. Como tal, o discurso se apresenta como uma forma de ação sobre o

mundo e sobre os outros, e também como forma de representação e significação do mundo. Em perspectiva semelhante, Theo van Leeuwen (1996) trata o discurso como forma de representação e explicita como os atores sociais podem ser representados. Na perspectiva do autor, há algumas categorias que são fundamentais para compreensão dessa representação e que se relacionam às formas como os atores sociais podem ser incluídos ou excluídos nos processos de representação social.

Segundo van Leeuwen (1996), os atores sociais são representados, sobretudo, a partir das categorias de exclusão ou de inclusão, que podem se apresentar a partir de outros desdobramentos que culminam em outras categorias específicas. Com esse objetivo de pesquisa, pretendo analisar nos Livros Didáticos de língua portuguesa do primeiro ano do ensino médio quais agentes sociais são incluídos, quais estão excluídos, como isso ocorre, quais as recorrências, quais as exceções, quem é relegado ao segundo plano, etc; tudo isso considerando a temática e a autoria dos textos. Essa associação inclusão *versus* exclusão é importante para tratar a agentividade e passividade dos atores sociais em suas representações.

3.6.2 *Objetivo de pesquisa 2*

Para atender ao segundo objetivo específico de pesquisa (analisar as representações étnico-raciais das identidades de mulheres negras, presentes nos textos analisados, com base nas estratégias de representações discursivas mapeadas), recorrerei às discussões propostas por Lakoff e Johnson (2002), acerca dos tropos como referencial para análise. Também serão úteis as reflexões propostas por José Lemos de Monteiro (2009), que trata de questões sobre como as escolhas estilísticas, nesse caso representadas pelas figuras de linguagem(tropos), ajudam a construir sentidos nos textos, possibilitando perceber, por exemplo, aspectos sobre as construções das identidades de mulheres negras presentes nos textos.

3.6.3 *Objetivo de pesquisa 3*

Para atender ao terceiro objetivo de pesquisa (relacionar as representações étnico-raciais de mulheres negras presentes no *corpus* e com o que dispõe a lei

10.639/2003), utilizarei como referencial teórico os pressupostos relacionados à concepção de discurso como forma de representação, expressa por Fairclough (2003). A representação, como faceta do discurso, se relaciona com a forma como as pessoas se posicionam no mundo, e, nesse sentido, o discurso pode produzir muitas representações específicas.

É importante mencionar que relacionado a esse objetivo de pesquisa está o fato de que, nas sociedades que se constituíram a partir da colonização com exploração de mão de obra escravizada africana, as pessoas negras foram culturalmente colocadas em posição social de subalternidade nas mais variadas esferas, inclusive na representação que se faz a partir do texto literário. Com a abolição da escravatura permaneceram outras formas de escravização moderna que, diferentemente do Brasil colônia, não necessariamente estão relacionadas ao cerceio da liberdade de ir e vir, mas sobre a forma como essas pessoas são situadas socialmente e, conseqüentemente, representadas.

Instrumentos como a lei 10.639/2003, que prevê o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nos currículos de educação, surgem como alternativas de transformação dessa construção social. O que esse objetivo prevê é justamente relacionar e estabelecer uma comparação entre a expectativa de representação expressa pela lei, com o que de fato ocorre nos textos do *corpus*.

3.7 Síntese das escolhas metodológicas

A seguir, esquematizo na tabela 4 o planejamento metodológico desta pesquisa. Nessa tabela, estarão explícitas questões de pesquisa, teorias mobilizadas, autores envolvidos e o *corpus* que será analisado.

Tabela 4 – síntese de escolhas metodológicas.

OBJETIVOS	CORPUS	CATEGORIAS DE ANÁLISE
<p>Identificar as representações discursivas de mulheres negras nos textos literários das coleções a partir do mapeamento dos textos vinculados ao tema da pesquisa.</p>	<p>Conto <i>Olhos d'água</i>, fragmentos do romance <i>Ponciá Vicêncio</i>, poema <i>Vozes-mulheres</i>, da escritora Conceição Evaristo; poema <i>Mahin amanhã</i>, da escritora Miriam Alves; poema <i>Passado histórico</i>, da escritora Sônia Fátima.</p>	<p>Categorias de análise acerca da representação dos atores sociais propostas por van Leeuwen.</p>
<p>Analisar as representações étnico-raciais das identidades de mulheres negras, presentes nos textos analisados, com base nas estratégias de representações discursivas mapeadas.</p>	<p>Conto <i>Olhos d'água</i>, fragmentos do romance <i>Ponciá Vicêncio</i>, poema <i>Vozes-mulheres</i>, da escritora Conceição Evaristo; poema <i>Mahin amanhã</i>, da escritora Miriam Alves; poema <i>Passado histórico</i>, da escritora Sônia Fátima.</p>	<p>Categorias de análise dos tropos propostas por Lakoff e Johnson (2003).</p>
<p>Relacionar as representações étnico-raciais de mulheres negras presentes no <i>corpus</i> e com o que dispõe a lei 10.639/2003.</p>	<p>Conto <i>Olhos d'água</i>, fragmentos do romance <i>Ponciá Vicêncio</i>, poema <i>Vozes-mulheres</i>, da escritora Conceição Evaristo; poema <i>Mahin amanhã</i>, da escritora Miriam Alves; poema <i>Passado histórico</i>, da escritora Sônia Fátima.</p>	<p>Categorias de análise do discurso propostas por Faiclough (2003).</p>

CAPÍTULO 4

“OLHOS D’ÁGUA”

Para abertura dessa secção, optei por trazer o título de um dos textos estudados, *Olhos d’água*, de Conceição Evaristo, uma narrativa que se desenrola em torno de uma questão central: a dúvida da narradora-personagem acerca da cor dos olhos de sua mãe.

É a partir dessa questão que somos apresentadas às vivências de três gerações de mulheres negras. Inspirada por esse conto, inicio a interpretação dos dados com o objetivo de, finalmente, analisar as representações discursivas de mulheres negras em textos literários de autoria feminina negra brasileira dos livros didáticos de Língua Portuguesa do primeiro ano aprovados pelo PNLD 2018/2020, de modo a verificar como estas representações atendem ao proposto pela lei 10.639/2003.

O capítulo será estruturado da seguinte forma:

- a) Apresentação dos textos do *corpus* na íntegra, tal qual aparecem no livro didático;
- b) Atendimento ao primeiro objetivo específico: identificar as representações discursivas de mulheres negras nos textos literários das coleções a partir do mapeamento dos textos vinculados ao tema da pesquisa;
- c) Atendimento ao segundo objetivo específico: analisar as representações étnico-raciais das identidades de mulheres negras, presentes nos textos analisados, com base nas estratégias de representações discursivas mapeadas;
- d) Atendimento ao terceiro objetivo específico: relacionar as representações étnico-raciais de mulheres negras presentes no *corpus* e com o que dispõe a lei 10.639/2003.

4.1 Corpus

A seguir apresento os textos que compõem o *corpus* desta pesquisa, a saber:

- a) O conto *Olhos d’água* (quadro 6) narra a busca de uma filha pela cor dos olhos de sua mãe; o romance *Ponciá Vicêncio* (quadro 7) traz em seu

título o nome da protagonista e sua história de vida, como mulher e mãe; e o poema *Vozes-mulheres* (quadro 8) traz a história de cinco gerações de mulheres de uma mesma família. Todos os textos anteriormente mencionados são da escritora Conceição Evaristo.

- b) O poema *Mahin amanhã* (quadro 9) trata da revolta dos Malês na Bahia e põe em evidência o nome de uma personagem feminina: Luíza Mahin, da escritora Miriam Alves.
- c) O poema *Passado Histórico* (quadro 10) trata da invisibilidade acerca das contribuições das mulheres negras para a história nacional, de Sônia Fátima.

Tendo como base a ordem anteriormente apresentada, inicio a apresentação do conto *Olhos d'água*, da escritora Conceição Evaristo, que, para fins de análise, será mencionado como T1. Esse conto integra o livro didático do primeiro ano de ensino médio *Veredas da Palavra*, de Roberta Hernandez e Vima Lia Martin. O livro, da editora Ática, apresenta cinco unidades que são divididas em três partes: a primeira voltada aos conhecimentos sobre a literatura, a segunda trata de conhecimentos acerca da linguagem e a terceira é voltada para conhecimentos sobre produção textual.

O conto pertence à quarta unidade do livro e integra o capítulo 14: *leitura de narrativas ficcionais*. Nesse capítulo, há uma breve explicação acerca do que é ficção e, na sequência, há uma lista de atividades envolvendo vários textos literários, *Olhos d'água* é um desses textos.

Precede à leitura do conto uma apresentação da escritora Conceição Evaristo com breve biografia e menção à *Ponciá Vicêncio*, seu primeiro romance. A apresentação é acompanhada de uma imagem da escritora (figura 12), ilustrada a seguir:

Figura 14: Conceição Evaristo



Fonte: HERNANDES, R; MARTIN, V. Veredas da palavra. São Paulo: Ática, 2016. p.

244

Após a apresentação do conto *Olhos d'água*, há seis questões de interpretação sobre a narrativa. Também acompanha o texto imagem que ilustra uma das cenas de *Olhos d'água* (figura 13). Nela é retratado o momento em que, enquanto mãe e filhas brincam de descobrir artes nas nuvens do céu, a mãe estica o braço e “recolhe” um pedacinho de nuvem, como se fosse algodão doce e entrega na boca das filhas. Ambas são retratadas em momento de afeto com aspectos que valorizam seus fenótipos, como a pele preta e o cabelo crespo.

Figura 15: ilustração do conto *Olhos d'água*.



Fonte: HERNANDES, R; MARTIN, V. Veredas da palavra. São Paulo: Ática, 2016. p. 246.

Após a exibição das imagens que acompanham o conto no LD, apresento a transcrição da narrativa de *Olhos d'água*, tal qual aparece no livro didático mencionado.

Quadro 6: *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo.

Texto 1 (T1):
***Olhos d'água*, Conceição Evaristo.**

Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe? Atordoada custei reconhecer o quarto da nova casa em que estava morando e não conseguia me lembrar como havia chegado até ali. E a insistente pergunta, martelando, martelando... De que cor eram os olhos de minha mãe? Aquela indagação havia surgido há dias, há meses, posso dizer. Entre um afazer e outro, eu me pegava pensando de que cor seriam os olhos de minha mãe. E o que a princípio tinha sido um mero pensamento interrogativo, naquela noite se transformou em uma dolorosa pergunta carregada de um tom acusatório. Então, eu não sabia de que cor eram os olhos de minha mãe?

Sendo a primeira de sete filhas, desde cedo, busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, passando por uma breve adolescência. Sempre ao lado de minha mãe aprendi conhecê-la.

Decifrava o seu silêncio nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer em seus gestos, prenúncios de possíveis alegrias. Naquele momento, entretanto, me descobria cheia de culpa, por não recordar de que cor seriam os seus olhos. Eu achava tudo muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários detalhes do corpo dela. Da unha encravada do dedo mindinho do pé esquerdo... Da verruga que se perdia no meio da cabeleira crespa e bela...

Um dia, brincando de pentear boneca, alegria que a mãe nos dava quando, deixando por uns momentos o lava-lava, o passa-passa das roupas alheias, se tornava uma grande boneca negra para as filhas, descobrimos uma bolinha escondida bem no couro cabeludo dela. Pensamos que fosse carrapato. A mãe cochilava e uma de minhas irmãs aflita, querendo livrar a boneca-mãe daquele padecer, puxou rápido o bichinho. A mãe e nós rimos e rimos e rimos de nosso engano. A mãe riu tanto das lágrimas escorrerem. Mas, de que cor eram os olhos dela?

Eu me lembrava também de algumas histórias da infância de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem grandinhas. As meninas, assim que os seios começavam a brotar, ganhavam roupas antes dos meninos. Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. E era justamente nos dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. Felizes colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. Aquelas flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela fazíamos reverências à Senhora. Postávamos deitadas no chão e batíamos cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorriamos. A mãe só ria, de uma maneira triste e com um sorriso molhado... Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía.

Às vezes, no final da tarde, antes que a noite tomasse conta do tempo, ela se assentava na soleira da porta e juntas ficávamos contemplando as artes das nuvens no céu. Um viravam carneirinhos; outras, cachorrinhos; algumas, gigantes adormecidos, e havia aquelas que eram

só nuvens, algodão doce. A mãe, então, espichava o braço que ia até o céu, colhia aquela nuvem, repartia em pedacinhos e enfiava rápido na boca de cada uma de nós. Tudo tinha de ser muito rápido, antes que a nuvem derretesse e com ela os nossos sonhos se esvaecessem também. Mas, de que cor eram os olhos de minha mãe?

Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de pranto balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós. E eu não sei se o lamento-pranto de minha mãe, se o barulho da chuva... Sei que tudo me causava a sensação de que a nossa casa balançava ao vento. Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, chorava! Chorava, chovia! Então, porque eu não conseguia lembrar a cor dos olhos dela?

E naquela noite a pergunta continuava me atormentando. Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. Saía de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs que tinham ficado para trás. Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe?

E foi então que, tomada pelo desespero por não me lembrar de que cor seriam os olhos de minha mãe, naquele momento, resolvi deixar tudo e, no outro dia, voltar à cidade em que nasci. Eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar o meu olhar no dela, para nunca mais esquecer a cor de seus olhos.

E assim fiz. Voltei, aflita, mas satisfeita. Vivia a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser descoberta da cor dos olhos de minha mãe.

E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi?

Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz.

Mas, eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face? E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum.

Abricei a mãe, encostei meu rosto no dela e pedi proteção. Senti as lágrimas delas se misturarem às minhas.

Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma são o espelho dos olhos da outra. E um dia desses me surpreendi com um gesto de minha menina. Quando nós duas estávamos nesse doce jogo, ela tocou suavemente o meu rosto, me contemplando intensamente. E, enquanto jogava o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho como se fosse uma pergunta para ela mesma, ou como estivesse buscando e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. Eu escutei, quando, sussurrando minha filha falou:

- Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos?"

Fonte: EVARISTO, C. Olhos d'água In: HERNANDES, R; MARTIN, V. *Veredas da palavra 1*. São Paulo: Ática, 2016. p. 245-247.

A partir desse ponto, dou continuidade à apresentação do *corpus*, trazendo fragmentos do romance *Ponciá Vicêncio*, da escritora Conceição Evaristo, que, para fins de análise, será mencionado como T2. Esse texto integra o livro didático do primeiro ano de ensino médio *Trilhas e Tramas*, de Graça Sette, Márcia Travalha, Ivone Ribeiro

e Rozário Starling. O livro, da editora Leya, é dividido em quatro blocos: integrando linguagens (capítulos 1 a 8), literatura e leitura de imagens (capítulos 9 a 16), gramática e estudo da língua (capítulos 17 a 26), produção de textos orais e escritos (capítulos 27 a 33).

Comparando a distribuição dos conteúdos em relação ao livro anterior, *Veredas da Palavra*, percebo uma ampliação do tratamento em relação às áreas do conhecimento. Ainda que essa divisão ainda permaneça seguindo a lógica canônica: estudos relacionados à linguagem, à produção de texto e à literatura. Contudo, no livro *Trilhas e Tramas*, percebo uma tentativa em visibilizar certas discussões - como violência, cenário urbano, vozes femininas, literatura afro-brasileira, etc – através dos subtópicos da secção sobre literatura.

Por exemplo, o fragmento de romance mencionado – *Ponciá Vicêncio* - pertence à secção literatura e leitura de imagens e integra o capítulo 11: *literatura e o cenário urbano*. O texto aparece em um tópico com várias atividades sobre textos diversos. Precede à leitura do texto um panorama com a seguinte descrição: *A violência da desigualdade denunciada por artistas contemporâneos e Uma voz feminina no romance afro-brasileiro*, nesse há uma breve apresentação da escritora Conceição Evaristo acompanhada de biografia e menção à obra *Ponciá Vicêncio*. Há ainda uma imagem da escritora (figura 14). O conto é seguido de três questões de interpretação sobre a história, adaptadas de questões de vestibulares.

Figura 16: Conceição Evaristo.



Fonte: SETTE, G; TRAVALHA, M; RIBEIRO, I; STARLING, R. *Português: Trilhas e Tramas* 1. São Paulo: Leya, 2016. p. 120.

A seguir, apresento a transcrição do fragmento do romance *Ponciá Vicêncio* tal qual aparece no livro didático mencionado.

Quadro 7: *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo.

Texto 2 (T2):
***Ponciá Vicêncio*, Conceição Evaristo.**

Quando os filhos de Ponciá Vicêncio, sete, nasceram e morreram, nas primeiras perdas ela sofreu muito. Depois, com o correr do tempo, a cada gravidez, a cada parto, ela chegava mesmo a desejar que a criança não sobrevivesse. Valeria a pena pôr um filho no mundo? Lembrava-se de sua infância pobre, muito pobre na roça e temia a repetição de uma mesma vida para os seus filhos. O pai trabalhava tanto. A mãe pelejava com as vasilhas de barro e tinham apenas uma casa de pau a pique coberta de capim, para abrigar a pobreza em que viviam. E esta era a condição de muitos. Molambos cobriam o corpo das crianças que até bem grandinhas andavam nuas. Entretanto, assim que as meninas cresciam um pouco, as mães providenciavam panos para tapar-lhes o sexo e os seios. Crescera na pobreza. Os pais, os avós, os bisavôs sempre trabalhando nas terras dos senhores. A cana, o café, toda a lavoura, o gado, as terras, tudo tinha dono, os brancos. Os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida. Alguns saíram da roça, fugiam para a cidade, com a vida a se fartar de miséria, e com o coração a sobrar esperança. Ela mesma havia chegado à cidade com o coração crente em sucessos e eis no que deu. Um barraco no morro. Um ir e vir para a casa das patroas. Umas sobras de roupa e de alimento para compensar um salário que não bastava. Um homem sisudo, cansado, mais do que ela talvez, e desesperançado de outra forma de vida. Foi bom os filhos terem morrido. Nascer, crescer, viver para quê? [...] De que valera o padecimento de todos aqueles que ficaram para trás? De que adiantara a coragem de muitos em escolher a fuga, de viverem o ideal quilombola? De que valera o desespero de Vô Vicêncio? Ele, num ato de coragem-covardia, se rebelara, matara uns dos seus e quisera se matar também. O que adiantara? A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida.

Fonte: EVARISTO, C. *Ponciá Vicêncio* In: SETTE, G; TRAVALHA, M; RIBEIRO, I; STARLING, R. *Português: Trilhas e Tramas 1*. São Paulo: Leya, 2016. p. 120-121.

Como continuidade, apresento outro texto do *corpus*, o poema *Vozes-mulheres*, da escritora Conceição Evaristo, que, para fins de análise, será mencionado como T3. Esse poema integra o livro didático do primeiro ano de ensino médio *Trilhas e Tramas*, de Graça Sette, Márcia Travalha, Ivone Ribeiro e Rozário Starling.

Conforme dito anteriormente, o livro possui quatro blocos. O poema *Vozes-mulheres* pertence à secção literatura e leitura de imagens e integra o capítulo 16: *vozes poéticas femininas, afrodescendentes e africanas contemporâneas*. O texto aparece em um tópico com várias atividades sobre textos diversos. Precede à leitura do poema uma

retomada acerca da menção realizada sobre a autora no capítulo 11 do bloco, além disso, há um panorama intitulado *Vozes e diálogos da poesia feminina brasileira*.

O poema é seguido de uma questão de interpretação e é acompanhado de uma imagem de mulher (figura 15), nela é representada a imagem em perfil de uma mulher na cor preta. Embora a imagem apareça como uma sombra, é possível perceber o cabelo preso em coque e em textura similar ao cabelo crespo, dele saem borboletas negras. A seguir a ilustração apresentada:

Figura 17: ilustração *Vozes-mulheres*



Fonte: SETTE, G; TRAVALHA, M; RIBEIRO, I; STARLING, R. *Português: Trilhas e Tramas 1*. São Paulo: Leya, 2016. p. 190.

A seguir, apresento-lhes transcrição do poema *Vozes-mulheres* tal qual aparece no livro didático mencionado.

Quadro 8: *Vozes-mulheres*, de Conceição Evaristo.

Texto 3 (T3):
***Vozes-mulheres*, Conceição Evaristo.**

Vozes-Mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.

Fonte: EVARISTO, C. *Vozes-mulheres* In: SETTE, G; TRAVALHA, M; RIBEIRO, I; STARLING, R. *Português: Trilhas e Tramas 1*. São Paulo: Leya, 2016. p. 190-191.

Na sequência, apresento o poema *Mahin amanhã*, da escritora Miriam Alves, que, para fins de análise, será mencionado como T4. O poema integra o livro didático do primeiro ano de ensino médio *Trilhas e Tramas*, de Graça Sette *et al.* *Mahin amanhã* pertence à secção literatura e leitura de imagens e, assim como o poema *Vozes-*

mulheres, anteriormente mencionado, integra o capítulo 16: *vozes poéticas femininas, afrodescendentes e africanas contemporâneas*.

Precede à leitura do poema um panorama intitulado *Discurso poético afrodescendente*. O poema é seguido de uma questão de interpretação e é acompanhado de uma imagem (figura 16) que remete à capoeira, uma mistura de jogo, dança e luta símbolo da resistência dos escravizados no Brasil colônia. A seguir a ilustração mencionada:

Figura 18: ilustração *Mahin amanhã*.



Fonte: SETTE, G; TRAVALHA, M; RIBEIRO, I; STARLING, R. *Português: Trilhas e Tramas* 1. São Paulo: Leya, 2016. p. 194.

A seguir, apresento a transcrição do poema *Mahin amanhã* tal qual aparece no livro didático mencionado.

Texto 4 (T4):
***Mahin amanhã*, Miriam Akves.**

Mahin Amanhã

Ouve-se nos cantos a conspiração
vozes baixas sussurram frases precisas
escorre nos becos a lâmina das adagas
Multidão tropeça nas pedras
Revolta
há revoada de pássaros
sussurro, sussurro:
“é amanhã, é amanhã.
Mahin falou, é amanha”
A cidade toda se prepara
Malês
bantus
geges
nagôs
vestes coloridas resguardam esperanças
aguardam a luta
Arma-se a grande derrubada branca
a luta é tramada na língua dos Orixás
é aminhã, aminhã”
sussuram
Malês
bantus
geges
nagôs
“é aminhã, Luiza Mahin falô”

Fonte: ALVES, M. *Mahin amanhã* In: SETTE, G; TRAVALHA, M; RIBEIRO, I; STARLING, R. *Português: Trilhas e Tramas 1*. São Paulo: Leya, 2016. p. 194.

Finalmente, apresento o último texto que compõe o *corpus*, o poema *Passado histórico*, da escritora Sônia Fátima, que para, fins de análise, será mencionado como T5. O poema integra o livro didático do primeiro ano de ensino médio *Trilhas e Tramas*, de Graça Sette *et al.* *Passado histórico* pertence à secção literatura e leitura de imagens e, assim como os poemas anteriormente mencionados (*Vozes-mulheres* e *Mahin amanhã*), integra o capítulo 16: *vozes poéticas femininas, afrodescendentes e africanas contemporâneas*, que pela estrutura e nomenclatura aponta para um importante dado: a visibilidade de textos de autoria feminina negra.

Precede à leitura do poema um panorama intitulado *Poéticas africanas de língua portuguesa*. O poema aparece em uma questão adaptada de vestibular. A seguir, transcrição do poema *Passado histórico* tal qual aparece no livro didático mencionado.

Quadro 10: *Passado Histórico*, de Sônia Fátima.

Texto 5 (T5): <i>Passado Histórico</i>, Sônia Fátima.
Passado Histórico Do açoite da mulata erótica da negra boa de eito e de cama (nenhum registro)
Fonte: FÁTIMA, S. <i>Passado Histórico</i> In: SETTE, G; TRAVALHA, M; RIBEIRO, I; STARLING, R. <i>Português: Trilhas e Tramas 1</i> . São Paulo: Leya, 2016. p. 194.

Com o poema *Passado histórico* finalizo a apresentação dos textos que compõem o *corpus*. A partir dos próximos tópicos, iniciarei as análises dos textos tendo como motivação o atendimento a cada um dos objetivos específicos elencados para este trabalho, sendo estes:

- a) identificar as representações discursivas de mulheres negras nos textos literários das coleções a partir do mapeamento dos textos vinculados ao tema da pesquisa;
- b) analisar as representações étnico-raciais das identidades de mulheres negras, presentes nos textos analisados, com base nas estratégias de representações discursivas mapeadas;
- c) relacionar as representações étnico-raciais de mulheres negras presentes no *corpus* e com o que dispõe a lei 10.639/2003.

4.2 A mulher negra no Livro Didático

No tópico anterior apresentei os textos que compõem o *corpus* dessa pesquisa, tal qual aparecem nos livros didáticos (LD) que os veiculam. Também mencionei as imagens e orientações pedagógicas que os acompanham e os tópicos e os capítulos dos quais fazem parte em cada LD. Neste tópico apresentarei as análises desses textos a partir da perspectiva das representações discursivas de mulheres negras, ancorada nas

categorias de análise acerca da representação dos atores sociais, conforme van Leeuwen (1997).

Convém mencionar que, sobre esse assunto, Fairclough (2003) pontua que a representação é uma das funções do discurso e sua efetivação se dá a partir da projeção de mundos possíveis, seja do mundo material (processos, relações e estruturas), do mundo mental (pensamentos, sentimentos e crenças) ou do mundo social em uma prática específica. A análise textual, quando se trata da representação, está relacionada, sobretudo, aos participantes (agentes e pacientes), aos processos (verbos) e as circunstâncias (advérbios), com isso é possível identificar como a representação realizada por meio da linguagem pode incluir ou excluir elementos, pô-los em primeiro ou segundo plano, colocá-los como agentes ou pacientes nas construções discursivas realizadas.

A partir dessas premissas, iniciarei a análise das representações discursivas de mulheres negras nos textos literários presentes no *corpus*, o qual teve como critério de seleção possuir autoria feminina negra brasileira e, como característica, trazer representações de mulheres negras, conforme apresentado no *Capítulo 3 Passado histórico*. Neste primeiro momento, o foco é nas categorias de análise propostas por van Leeuwen (1997) acerca da representação dos atores sociais.

Para realizar esta análise, localizei os atores sociais femininos nos textos do *corpus*, os quais representam, dentro da lógica proposta de análise, os participantes (agentes e pacientes) envolvidos. Na sequência, identifiquei os papéis assumidos pelas mulheres negras representadas e suas significações, isto é, se essas mulheres aparecem como agentes, como pacientes, se aparecem de forma especificada ou generalizada, por exemplo. Também observei quais atores sociais estão incluídos e/ou excluídos dos processos.

Nesse sentido, apresentarei as representações de mulheres negras nos cinco textos selecionados, bem como as análises, pautadas nas seguintes categorias propostas por van Leeuwen: ativação e passivação, generização e especificação, inclusão e exclusão, as quais tratarei de forma mais detalhada nos subtópicos que seguem:

- a) A distribuição dos papéis para mulheres negras nos textos que compõem o *corpus* de pesquisa.
- b) A genericização e a especificação nas representações de mulheres negras no livro didático.

- c) As exclusões masculinas na representação dos atores sociais negros no *corpus* de análise, pois contribuem para a construção das representações de mulheres negras nos textos analisados.

A seguir apresento o processo de análise das questões, anteriormente apresentadas, nos textos do *corpus* de pesquisa.

4.2.1 A distribuição dos papéis para mulheres negras nos textos que compõem o *corpus* de pesquisa.

Nesse momento, pretendo atender ao seguinte objetivo: identificar as representações discursivas de mulheres negras nos textos literários das coleções a partir do mapeamento dos textos vinculados ao tema da pesquisa. Para tanto, iniciarei a análise a partir da identificação dos papéis sociais das mulheres negras nos textos do *corpus*. Nesse sentido convém mencionar van Leeuwen (1997, p. 186), que pontua que os atores sociais podem aparecer como agentes (ator) ou pacientes (finalidade) nas ações e afirma: “não é necessário que haja congruência entre os papéis que os atores sociais desempenham, de fato, nas práticas sociais e os papéis gramaticais que lhes são atribuídos nos textos”.

Nessa perspectiva, as representações podem ocorrer por ativação, quando os atores sociais são dotados de papéis ativos, representando força dinâmica nas narrativas; ou por passivação, quando os atores sociais são dotados de papéis passivos, nos quais são submetidos à atividade ou, em outras situações, são receptores dela. Conforme van Leeuwen (1997), a ativação pode ocorrer por participação; por circunstancialização; ou por possessivação, conforme apresentado no *Capítulo 2*. Também a passivação, pode ocorrer pelos mesmos processos (possessivação, circunstancialização e participação), uma vez que “não há uma co-referência exata entre as categorias sociológicas e linguísticas” (VAN LEEUWEN, 1997, P.170).

Com base nessas premissas, analisarei a distribuição dos papéis dos atores sociais femininos nos textos do *corpus*, os quais serão mencionados como T1 (*Olhos d'água*), T2 (*Ponciá Vicêncio*), T3 (*Vozes mulheres*), T4 (*Mahin amanhã*) e T5

(*Passado Histórico*). O primeiro fragmento a ser analisado, a partir da perspectiva das categorias relacionadas aos papéis dos atores sociais, diz respeito à representação da mãe da narradora em T1, descrita como uma pessoa castigada pelos revezes da vida e de sua condição social. No entanto, esta mãe aparece sempre ao lado das filhas, protegendo-as e refletindo uma representação de acolhimento e amor, conforme ratificam os trechos a seguir:

[1] Às vezes, no final da tarde, antes que a noite tomasse conta do tempo, ela [mãe da narradora] se assentava na soleira da porta e juntas ficávamos contemplando as artes das nuvens no céu. Umaz viravam carneirinhos; outras, cachorrinhos; algumas, gigantes adormecidos, e havia aquelas que eram só nuvens, algodão doce.

[2] A mãe, então, espichava o braço que ia até o céu, colhia aquela nuvem, repartia em pedacinhos e enfiava rápido na boca de cada uma de nós. Tudo tinha de ser muito rápido, antes que a nuvem derretesse e com ela os nossos sonhos se esvaecessem também.

No trecho [2], a mãe da narradora é representada em papel de agência através de ação expressa, por exemplo, em *espichava*. Por meio dessa ação, a mãe pode oferecer um pouco de sonho e alento para as filhas e, dessa forma, modificar transitoriamente parte da conjuntura em que vivem, marcada pela situação de vulnerabilidade socioeconômica. A agência expressa através de *assentava*, no trecho [1], também representa prenúncios importantes, é o momento no qual ela, após o dia agitado de afazeres, se dedica à sua prole. Isso ocorre, quando a mãe senta na soleira da porta para contemplar o céu junto às filhas trecho [2], como também no excerto [3] a seguir:

[3] E era justamente nos dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. Felizes colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco.

No fragmento [3], assim com em [1], a agência da mãe, é expressa por meio de *assentava*, também está associada a uma pausa no cotidiano marcado pela fome, “dias de parco ou nenhum alimento”, com o objetivo, por parte da personagem materna, de debruçar um olhar de afeto e cuidado para as filhas, buscando trazer um pouco de alegria em meio às dificuldades. Nesse sentido, a matriarca entra como agente de

mudança, atribuindo força dinâmica à narrativa e elaborando novos sentidos associados à abundância, como contraponto à escassez, por meio da afetividade. Outro ponto da narrativa que revela essa relação se expressa no trecho seguinte:

[4] Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço.

No trecho anteriormente citado, a agência da mãe se expressa por meio do verbo *protegia*, no qual, mais uma vez, a mãe entra como agente de mudança por meio da ação permeada de afetividade, pois “protegia com seu abraço” as filhas da situação de escassez e de vulnerabilidade na qual se encontravam no barraco que balançava com a chuva forte.

A narradora, por sua vez, também possui um lugar importante na narrativa, pois sua ação está relacionada à descoberta da cor dos olhos da mãe, portanto, esse ato torna-se o fio condutor da narrativa. Por exemplo, sua agência revela a transição entre o desconhecido (cor dos olhos da mãe) e o conhecido (cor de olhos d’água. Águas de mamãe Oxum), conforme trechos a seguir:

[5] Sempre ao lado de minha mãe *aprendi conhecê-la. Decifrava* o seu silêncio nas horas de dificuldades, como também *sabia reconhecer* em seus gestos, prenúncios de possíveis alegrias.

[6] *Lembro-me* de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum.

[7] E só então *compreendi*. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto.

Os trechos anteriormente citados apontam para o desejo da narradora em decifrar o desconhecido: a cor dos olhos da mãe. E assim, essa agência revela por meio das ações *aprendi*, *decifrava*, *reconhecer* e *lembro* o esforço por parte dela em entender esse aspecto da vida de sua mãe, que acaba sendo também parte da sua própria existência, pois suas vivências de infância são parecidas.

A perseverança da personagem culmina na agência expressa por *compreendi*, trecho [7], quando finalmente acontece o fim da busca da personagem para resposta da questão inicial, a busca pela cor dos olhos da mãe, e inicia-se um novo processo de busca: a descoberta da cor dos olhos de sua filha. A importância da ativação da

narradora, realizada na construção de sua representação, não se limita a condução das questões que permeiam o grande mistério da narrativa, mas também aos movimentos realizados por ela no decorrer de sua vida em busca de melhores condições para si e para a sua família, conforme ratifica o trecho de análise a seguir:

[8] *Sáira* de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs que tinham ficado para trás.

No trecho [8], a representação da narradora é de ativação por meio da ação *sáira*, na qual o sair da terra natal, significaria sair do ciclo de pobreza em que sua família está inserida. Dando continuidade à análise, percebo em T2 também uma representação relacionada à maternidade/maternagem expressa por meio de Ponciá que tem papel ativo que culmina em força dinâmica e potencial de transformação, devido às decisões que toma no decorrer da sua vida, conforme apontam os trechos a seguir:

[9] Depois, com o correr do tempo, a cada gravidez, a cada parto, ela *chegava* mesmo a *desejar* que a criança não sobrevivesse. Valeria a pena pôr um filho no mundo? Lembrava-se de sua infância pobre, muito pobre na roça e temia a repetição de uma mesma vida para os seus filhos.

[10] Ela mesma *havia chegado* à cidade com o coração crente em sucessos e eis no que deu. Um barraco no morro. Um ir e vir para a casa das patroas.

Com a intenção de mudar de vida, Vicêncio se muda para a cidade. Contudo, encontra uma realidade dura: um barraco no morro, subempregos, sobras de roupas e comida para compensar o baixo salário, um companheiro sisudo e cansado e as várias perdas dos filhos e, com isso, a impossibilidade de maternar, faces do racismo estrutural que impõe desvantagens sociais, advindas de circunstâncias histórico-culturais para os sujeitos negros, conforme pontua Almeida (2019, p.77). Os trechos mencionados anteriormente mostram que a ativação revelada por meio da forma verbal *chegava*, trecho [9] pode ser lida como símbolo de ruptura com o ideal de maternidade como papel/função social da mulher, uma vez que aponta aparentemente para o desejo, por parte de Ponciá, em preferir que os filhos não nascessem. Embora esse destino não parta conscientemente de uma escolha sua.

Nesse sentido, o temor em ver seus filhos passarem pelas mesmas questões de vulnerabilidade social levava Ponciá a se “conformar” com as perdas. Também é

significativa a agência expressa por *havia chegado*, pois evidencia desejo por parte da protagonista em estabelecer ruptura com a vida de pobreza da roça. Contudo, assim como o que ocorre com a narradora de *Olhos d'água*, Ponciá se dá conta de que a vida miserável não está atrelada apenas a uma questão geográfica, mas principalmente a uma questão estrutural que é sustentada em um movimento cíclico de escravização. Uma escravização que a faz perder a esperança em mudar de vida.

Ainda sobre o trecho de análise [10], é possível perceber que, embora em situação de desvantagem social, Ponciá aparece como agente de *ir e vir*, enquanto as patroas passam por passivação por meio de circunstancialização, sendo lidas como finalidade da ação expressa pelo movimento de *ir e vir*

Em T3 todas as mulheres são ativadas, seja através de circunstancialização – “de minha bisavó”, “de minha avó”, “de minha mãe” e “de minha filha” – seja por possessivação, “a minha voz”. Contudo, o que se percebe é que a partir da ativação “de minha mãe” que a agência culminará em transformação significativa, pois temos, por meio de “a voz de minha mãe”, o início da revolta. Como continuação, em “a minha voz” ocorre a denúncia, através de “versos perplexos com rimas de sangue e fome”, condição herdada de suas ancestrais, e, finalmente, com “a voz de minha filha”, a liberdade. Os versos a seguir ratificam:

- [11]A voz de minha mãe
- [12]ecoou baixinho revolta
- [13]no fundo das cozinhas alheias
- [14]A minha voz ainda
- [15]ecoa versos perplexos
- [16]com rimas de sangue
- [17]e
- [18]fome.
- [19]A voz de minha filha
- [20]recolhe todas as nossas vozes
- [21]recolhe em si
- [22]as vozes mudas caladas
- [23]engasgadas nas gargantas.
- [24]A voz de minha filha
- [25]recolhe em si
- [26]a fala e o ato.

[27]O ontem – o hoje – o agora.

[28]Na voz de minha filha

[29]se fará ouvir a ressonância

[30]o eco da vida-liberdade.

Os versos [11], [12] e [13] revelam a ativação da “voz de minha mãe” que se realiza a partir da ação de incômodo/ revolta em relação à situação precária em que vivia aquela mulher, culminando em uma representação de mulher negra ainda oprimida em relação à conjuntura que a cerca. Percebo que a partir dessa marcação há uma mudança gradativa que revela ruptura com esse lugar social de submissão, o qual não foi escolhido por essas mulheres, mas que as coloca, até então, em uma situação da qual não conseguiam se desvencilhar.

Por meio dessa ativação, “minha voz”, verso [14], surge como símbolo de possibilidade de mudança social, uma vez que através da quebra do silêncio torna-se possível o alcance de grandes transformações. Finalmente, “a voz de minha filha”, verso [19] - a partir da consciência de suas ancestrais e do reconhecimento sobre o que representava suas respectivas vozes - tem sua agência pautada na grande transformação do *status quo*, pois é por meio dessa ativação que “se fará ouvir a ressonância, o eco da vida-liberdade”. Essas mulheres negras: “minha bisavó”, “minha avó”, “minha mãe”, “minha voz” e “minha filha” representam na narrativa força ativa e dinâmica.

Em T4, a mulher negra que aparece em ativação é Luíza Mahin, figura de liderança que em meio à armada que se forma, dá as indicações do momento de agir, conforme trecho de análise a seguir:

[31] é aminhã, Luiza Mahin falô.

A personagem em destaque aparece como agente da ação verbal *falô*, trecho [31] e a força dinâmica proveniente de sua agência parte da potência expressa pelo seu falar. Ele é ordem para transformação do *status quo* em que se encontra a sociedade baiana naquele período. Sobre esse assunto convém mencionar que o texto narra a preparação de uma luta, a revolta dos Malês. João José Reis (2012, p.175) traz algumas considerações acerca dessa revolta e afirma: “na Bahia de 1835, os africanos muçulmanos eram conhecidos como malês”.

Nesse sentido, Reis pontua que o vocábulo malês não denominava uma etnia específica, mas o africano que havia adotado o Islã. Por isso, havia malê da etnia nagô, haussás, jejes, tapas, etc. No poema há menção aos malês, com especificação de algumas etnias, como nagôs, geges e bantus. Esses grupos são apresentados como os envolvidos na revolta, a maior das Américas, ocorrida em Salvador, Bahia. São esses grupos que possuem agência nas ações de busca da libertação dos escravizados. No entanto, como esta pesquisa trata das representações de mulheres negras, focarei apenas na análise do papel exercido pela representação feminina do poema: Luíza Mahin.

Mulher negra, mãe do poeta e primeiro advogado negro da história do Brasil, Luís Gama, Luíza Mahin comprou sua própria alforria em 1812. Conforme Reis (2012, p. 301), embora seja apontada por Arthur Ramos como uma das lideranças da Revolta dos Malês, não há registros que confirmem tal participação. O fato é que, apesar da ausência de registros que comprovem sua participação na Revolta dos Malês, Luíza Mahin faz parte do imaginário social, isso faz com que sua existência oscile continuamente entre a realidade e a ficção, tornando-a, portanto, uma figura emblemática. Essa mulher é descrita por Luís Gama, em carta autobiográfica, como sua mãe, “oriunda da Costa de Mina, nagô na Bahia, onde vivia de quitandas”.

Em T4, a ordem de Luíza Mahin, “é aminhã, Luíza Mahin falô”, trecho [31] tem significação de busca pela mudança social, na qual negros escravizados lutariam por suas liberdades. Seu posicionamento é também indicação de que a população africana e afro-brasileira foi insubmissa e resistente à escravização de seus corpos. Nesse contexto, é relevante o destaque que se dá à figura feminina, pois a liberdade almejada é conduzida e instigada por uma mulher negra, Luíza Mahin.

O último texto do *corpus*, T5, é construído sem processos verbais. Como a análise da distribuição dos papéis dos atores sociais está relacionada à agência expressa por meio da ação verbal, tratarei desse texto apenas a partir do tópico 4.2.2 *A generização e a especificação nas representações de mulheres negras no livro didático*. A seguir apresento tabela síntese acerca da distribuição dos papéis dos atores sociais referentes às personagens femininas em ativação, aquelas que representam força dinâmica e potencial de transformação nas narrativas *Olhos d'água*, *Ponciá Vicêncio*, *Vozes-mulheres* e *Mahin amanhã*, conforme van Leeuwen (1997):

Tabela 4: síntese da distribuição dos papéis sociais das mulheres negras nos textos analisados, conforme van Leeuwen (1997).

<i>Corpus de Análise</i>	Atores Sociais em Ativação (personagens femininos)	Atores Sociais em Passivação (personagens femininos)
<i>Olhos D'água</i>	Narradora, mãe da narradora	Não há
<i>Ponciá Vicêncio</i>	Ponciá Vicêncio	As patroas
<i>Vozes-mulheres</i>	Minha mãe, minha voz, minha filha.	Não há
<i>Mahin Amanhã</i>	Luíza Mahin	Não há

4.2.2 *A genericização e a especificação nas representações de mulheres negras no livro didático*

No tópico anterior tratei das categorias relacionadas à distribuição dos papéis dos atores sociais, conforme van Leeuwen (1997). Neste tópico, apresentarei a análise acerca das categorias de genericização e especificação, ambas utilizadas nos processos de representação dos atores sociais. Para tanto, faz-se necessário apresentar uma breve discussão acerca do que são e como funcionam essas categorias.

Segundo van Leeuwen (1997, p. 190), “a escolha entre referência genérica e específica é outro factor importante na representação dos actores sociais que podem surgir como classes ou como indivíduos específicos e identificáveis”. A genericização pode se expressar em construções formadas através do plural sem artigo ou através do singular com artigo definido e artigo indefinido. Nos exemplos do *corpus* de pesquisa, vejo a especificação como mais uma estratégia para pôr determinado ator em evidência, em detrimento de outros. É o que ocorre, por exemplo, em T1 quando a narradora, mesmo não nomeando os personagens, parte da utilização do singular para especificar indivíduos, como “mãe”, diferentemente do que ocorre com “tias” e “todas mulheres”. Conforme fragmento:

[32] Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela em minha vida, não só dela, mas de minhas tias e todas as mulheres de minha família.

Nesse sentido, põe-se em evidência a figura da mãe, aquela que se diferencia das demais em seu processo de luta e doação incondicional aos filhos, uma figura em certa medida romantizada. A evidência posta na figura materna justifica a especificação que se faz das personagens Oxum (representante das águas doces) e Santa Bárbara (protetora contra tempestades), pois a nomeação dessas figuras contribui para a caracterização e representação da mãe da narradora, aquela que tem os “olhos d’água”.

Também é relevante a especificação que ocorre com a protagonista, Ponciá Vicêncio, em T2, ator social que representa a força dinâmica feminina no texto e que, assim como seu avô, um dia acreditou na liberdade, e essa crença motivou a protagonista a buscar seus sonhos na cidade grande.

Do ponto de vista da genericização, convém mencionar um fato que ocorre em T2, no qual ocorre menção à geração anterior a de Ponciá (avós, bisavôs e pai) e aos negros que são apresentados de forma generalizada sendo associados a uma situação de luta constante pela sobrevivência. A representação que se faz do grupo familiar o coloca recorrentemente em situação de desumanização, como nos exemplos a seguir:

[33] Os pais, os avós, os bisavôs sempre trabalhando nas terras dos senhores. A cana, o café, toda a lavoura, o gado, as terras, tudo tinha dono, os brancos.

[34] Os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida.

Essa generalização culmina no contraste entre as realidades de dois grupos étnicos distintos: o branco e o negro, na qual o homem branco é representado sempre em situação de vantagem socioeconômica, conforme sinaliza o trecho de análise [33], em que as posses do branco possuem uma conotação positiva, pois relacionada a elementos como *cana*, *café*, *gado*, *terras* e *tudo*; em contrapartida, o negro tem como herança a miséria, a fome, o sofrimento e a revolta. Suas “posses” possuem acepções negativas.

Outro dado importante que aparece no excerto [33] é o fato dos negros estarem sempre trabalhando nas terras dos senhores, revelando dependência, quase como se os negros fizessem parte das posses do branco, uma vez que o branco era dono de “tudo”, inclusive da mão de obra dos seus engenhos. Dessa forma, o negro é representado como desprovido de humanidade. Como a representação é genérica, leio como incluídos nessa desumanização não apenas homens negros, mas também mulheres negras.

A respeito do processo de desumanização Francisca Cordelia Oliveira da Silva e Joaze Bernardino-Costa (2021, no prelo), ao tratarem das formas de desumanização e animalização do homem e da mulher negra, pontuam:

consideramos que a *Desumanização* refere-se a negar características humanas, e a considerar o ser como pertencente a outro grupo (um grupo não-humano, que age por desumanidade e que, logo, não desenvolveu hábitos sociais considerados civilizados).

Nesse sentido, vejo o trabalho exaustivo e constante a serviço do homem branco como uma forma de desumanizar essas pessoas, que não possuíam suas subjetividades respeitadas e eram tratadas como animais, trabalhando até a exaustão. Considerando o contexto social, curiosamente essas mesmas pessoas passam a ser vistas como inúteis quando não atendem a expectativa da exploração.

Contudo, é importante ressaltar a marca da insubmissão, revelado no texto por meio do vocábulo *revolta*. Processo semelhante ao mencionado no fragmento de T2 sobre a representação genericizada entre os grupos brancos/negros, ocorre em T3, conforme apontam os versos a seguir:

[35] A voz de minha avó

[36] ecoou obediência

[37] aos brancos-donos de tudo.

Os versos mais uma vez apontam para dominação que os brancos exerciam sobre os corpos negros. No entanto, neste caso, os negros, ou melhor, as negras aparecem todas especificadas: bisavó, avó, mãe, minha voz, filha. Vejo essa estratégia de representação como forma de acentuar o protagonismo dessas mulheres. A dominação expressa no poema, a partir do branco, culmina em processos de insubmissão por parte dos negros e de ruptura com o lugar social da subalternidade, como ocorre também nos versos de T4:

[38] Arma-se a grande derrubada branca.

A grande derrubada branca aparece como representação genericizada de um grupo e de suas práticas (os brancos), e sua derrubada significa a ruptura dos negros com a escravização, esses também apresentados como grupo por processo de genericização (malês, bantus, geges e nagôs).

Em T5, há tom de contestação e duas representações recorrentes no imaginário social acerca da mulher negra. Essas representações são ancoradas na erotização e objetificação do seu corpo e se expressam nos vocábulos “negra” e “mulata”, que no texto aparecem como representação genericizada para se referir a qualquer mulher negra e qualquer mulher mulata no contexto do Brasil escravagista, as quais não tiveram suas histórias e culturas legitimadas.

Sobre essa questão é necessário pontuar que os vocábulos “negra” e “mulata” possuem acepções diferentes. O próprio poema apresenta algumas definições, nele a negra seria a mulher “boa de eito e cama” e a mulata seria a “erótica”. Ambas passam por processo de exploração sexual, contudo é perceptível que, para a negra, reserva-se, sobretudo, o lugar do trabalho, de estar a serviço, inclusive na cama, enquanto a mulata tem sua imagem construída principalmente a partir da sexualização de seu corpo.

Essa discussão dialoga com o que Devulsky (2021, p.112) traz sobre as relações entre o colorismo e os arquétipos de mulheres negras criados socialmente: a mãe preta, a mulata e a doméstica. Conforme a autora, essa tríade “é um exemplo forte do quanto o colorismo calibra a estereotipização da mulher negra em arquétipos nem sempre bem definidos”. Com isso, “o colorismo não se restringe somente ao aspecto físico, à geometria dos traços; ele reflete o que há de mais pernicioso no racismo: a introdução de uma hierarquia racial que corresponde a um projeto político”. (DEVULSKY, p.126).

Essas representações estereotipadas ocorrem em textos literários do século XIX, como em *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo (1890), no qual a personagem Bertoleza é apresentada como a negra fugitiva que, explorada por João Romão, ajuda a construir o cortiço, sendo descartada quando não serve mais nem para o eito, nem para cama. Há também Rita Baiana, que corresponde ao estereótipo da mulata, pois é descrita como sedutora, traiçoeira, quase um demônio. Sobre esse assunto, Sueli Carneiro (2013, p.1) pontua que a representação que se faz da mulher negra ratifica a negação de sua contribuição na formação da cultura nacional e que:

o que poderia ser considerado como história ou reminiscências do período colonial permanece, entretanto, vivo no imaginário social e adquire novos contornos e funções em uma ordem social supostamente democrática, que mantém intactas as relações de gênero segundo a cor ou a raça instituídas no período da escravidão.

Nesse sentido, dialoga com a proposta de T5 onde há protesto acerca da ausência de registros sobre a participação de mulheres negras na história e cultura brasileira. Essa

ausência impacta a vida dessas mulheres até a atualidade, uma vez que muitos dos estereótipos coloniais pautados na exploração de seus corpos permanecem, assim como o apagamento acerca da participação dessas mulheres na formação da cultura nacional. A seguir apresento tabela síntese acerca das categorias de especificação e genericização presentes na análise do *corpus* realizada neste tópico:

Tabela 5: síntese das categorias de genericização e especificação na representação social das mulheres negras nos textos analisados, conforme van Leeuwen (1997)

Corpus de Análise	Atores Sociais Genericizados	Atores Sociais Especificados
<i>Olhos D'água</i>	Tias	Mãe, Oxum, Santa Bárbara.
<i>Ponciá Vicêncio</i>	Negros, brancos (nomenclatura que representa homens e mulheres)	Ponciá Vicêncio
<i>Vozes-mulheres</i>	Branco (nomenclatura que representa homens e mulheres)	Bisavó, avó, mãe, minha voz, filha.
<i>Mahin Amanhã</i>	Derrubada branca, Malês, bantus, geges, nagôs (nomenclatura que representa homens e mulheres)	Luíza Mahin
<i>Passado Histórico</i>	Mulata, negra	Não há

4.2.3 *As exclusões masculinas na representação dos atores sociais negros no corpus de análise*

Nos tópicos anteriores, tratei das categorias relacionadas à inclusão dos atores sociais na representação. Neste tópico apresentarei as análises acerca da representação dos atores sociais, também de acordo com van Leeuwen (1997), a partir da macrocategoria exclusão.

Segundo van Leeuwen (1997, p. 180), “as representações incluem ou excluem actores sociais para servir os seus interesses e propósitos em relação aos leitores a quem se dirigem”. No caso das exclusões, poderão ocorrer de duas formas: por supressão, quando não há nenhuma representação; ou por encobrimento, quando, mesmo não havendo menção literal e, conseqüentemente, exclusão do participante, é possível inferir de quem se trata, pois ele é mencionado em algum momento da narrativa.

Nesse tópico, tratarei dos processos de exclusão e sobre como eles afetam/contribuem para as representações de mulheres negras no *corpus* de análise. Em T1, conforme já pontuado, o ator social de destaque é a mãe da narradora. Neste conto é possível perceber a exclusão por supressão de figuras masculinas, que expressem a paternidade no núcleo familiar retratado. Não há menção ao pai da filha da narradora, tampouco do próprio pai da narradora ou a qualquer outra figura masculina, fato que traz importantes constatações: a representação de mães solo, que assumem a responsabilidade afetiva e financeira, gerenciando suas famílias sozinhas, em alguns casos, sem rede de apoio extrafamiliar.

Esse apagamento da representação masculina contribui para a representação da mãe guerreira que precisa estar em constante luta por um bem maior, a criação dos filhos, a despeito de suas próprias necessidades. Essas mães, além de tudo, costumam ser vigiadas e julgadas por qualquer eventual deslize. Mesmo que esse deslize ocorra a partir de um esgotamento pela carga que carregam, há uma expectativa social de que elas sejam perfeitas, isto é, existe uma romantização acerca de sua maternagem.

Em T2, diferentemente do que ocorre em T1, há menção ao pai, descrito como alguém que “trabalhava muito”, assim como também há menção a um possível companheiro, caracterizado como:

[39] um homem sisudo, cansado, mais do que ela talvez, e desesperançado de outra forma de vida.

Chama a atenção o fato de, apesar desses homens serem mencionados, suas participações são mínimas na narrativa e, aparentemente, na vida de suas companheiras, o que também é comum em algumas configurações familiares, pois, mesmo a mãe quando casada, muitas vezes carrega sozinha o peso de gerenciar a família e isso se transforma em uma enorme carga mental que pode adoecê-la.

No que concerne às representações em T3, as figuras masculinas também são colocadas em segundo plano. Em T4 ocorre um processo intrigante, e cabe, nessa situação, aludir a uma questão mencionada por Reis (2012, p.303), que afirma: “nos documentos disponíveis, a liderança muçulmana em 1835 era inteiramente do gênero masculino”, além disso, como já dito anteriormente no tópico 4.2.4, a vida de Luíza Mahin transita entre a realidade e a ficção, não havendo consenso sobre sua existência.

Contudo, o sujeito que constrói a representação dos atores sociais em *Mahin amanhã* opta por atribuir protagonismo a uma mulher negra e nas situações em que é possível inferir a presença de figuras masculinas, a representação dessas é realizada por meio da genericização. Nesse sentido há inclusão do grupo, mas não dos homens especificamente falando. Finalmente, em T5 também há exclusão de figuras masculinas por supressão, apenas as mulheres são citadas no poema, o que aponta para a evidenciação das representações dessas mulheres negras, colocando-as como centro da narrativa. A seguir, apresento síntese das exclusões ocorridas no *corpus* de análise.

Tabela 6: síntese da categoria de exclusão na representação dos atores sociais analisados, conforme van Leeuwen (1997).

Corpus de Análise	Atores Sociais Excluídos por Supressão	Atores Sociais postos em segundo plano.
<i>Olhos D'água</i>	Figuras masculinas	-
<i>Ponciá Vicêncio</i>	-	Pai de Ponciá, companheiro de Ponciá.
<i>Vozes-mulheres</i>	Figuras masculinas	-
<i>Mahin Amanhã</i>	Figuras masculinas	-
<i>Passado Histórico</i>	Figuras masculinas	-

A tabela anteriormente apresentada finaliza as análises textuais pautadas nas categorias propostas por van Leeuwen (1997) e aplicadas nesta pesquisa. A análise das representações de mulheres negras culminou nas seguintes interpretações acerca das presença de três representações para mulher negra no *corpus* estudado, a saber:

- a) A mulher negra guerreira: aquela que está em constante luta por sobrevivência em um mundo misógino e racista, como em *Olhos d'água*, *Ponciá Vicêncio*, *Vozes-mulheres*, *Mahin amanhã* e *Passado histórico*.
- b) A mulher negra mãe: aquela que pode criar seus filhos, apesar da solidão do processo, como ocorre em *Olhos d'água*. Há também a mãe que teve o

direito da maternidade negado, situação agravada pelas circunstâncias de vulnerabilidade social, como ocorre em *Ponciá Vicêncio*.

- c) A mulher negra objeto de exploração sexual e de força de trabalho: ocorre em *Passado histórico* que traz a representação da mulher negra e da mulher mulata, lembrada nos momentos de exploração, mas esquecida como parte da formação cultural da história brasileira.

Após essas primeiras constatações, darei continuidade no próximo tópico ao estudo das representações de mulheres negras, mas a partir das categorias de análise dos tropos, propostas por Lakoff e Johnson (2003), com o objetivo de analisar as representações étnico-raciais das identidades de mulheres negras, presentes nos textos analisados, com base na identificação das representações discursivas mapeadas.

4.3 As representações étnico-raciais das identidades de mulheres negras no corpus

No tópico anterior, apresentei as análises acerca das representações discursivas de mulheres negras, a partir das categorias de representação dos atores sociais, propostas por van Leeuwen (1997). A análise dos dados culminou em três principais representações: a mulher negra guerreira, a mulher negra mãe e a mulher negra objeto de exploração sexual e de força de trabalho. Como continuidade, tratarei neste tópico da análise das representações étnico-raciais das identidades de mulheres negras, presentes nos textos analisados, com base nas estratégias de representações discursivas mapeadas. O percurso se desenvolverá a partir do estudo dos tropos, segundo os conceitos trabalhados por Lakoff e Johnson (2003).

Para tanto, apresentarei a discussão em dois momentos, a saber:

- a) As metáforas e suas relações com as representações discursivas de mulheres negras.
- b) As metonímias e suas relações com as representações discursivas de mulheres negras.

Nesse sentido, faz-se necessário contextualizar algumas questões teóricas que permeiam a construção das identidades nos processos de representação. Conforme Fairclough (2003), uma das funções do discurso é representar os jeitos de ser e as identidades sociais. Dessa forma, o discurso pode ser visto como estilo. Os processos de identificação ocorrem de forma complexa e dialógica, expressando aspectos coletivos e individuais.

Nessa perspectiva, Woodward (2000) aponta que o processo de identificação inclui práticas de significação e dos sistemas simbólicos e, a partir dessas operações de construção de significados, é possível darmos sentidos às experiências de sermos quem somos. Como complementação, Silva (2013, p.82) alega que “a afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir, pois dizer ‘o que somos’ significa também dizer ‘o que não somos’”.

Considerando essas premissas, a partir daqui conduzirei a análise a fim de atender ao objetivo específico de analisar as representações étnico-raciais das identidades de mulheres negras, presentes nos textos analisados, com base nas estratégias de representações discursivas mapeadas. A seguir apresento o estudo dos tropos - metáforas e metonímias, respectivamente – nos textos que compõem o *corpus* de pesquisa, tratando-os como T1 (*Olhos d'água*), T2 (*Ponciá Vicêncio*), T3 (*Vozes-mulheres*), T4 (*Mahin amanhã*) e T5 (*Passado histórico*).

4.3.1 *As metáforas e suas relações com as representações discursivas de mulheres negras*

Conforme Lakoff e Johnson (2003, p.48), as metáforas não são apenas palavras, mas parte dos processos do pensamento e integram nosso sistema conceitual. Elas se classificam em três tipos: metáforas estruturais, aquelas que dependem de um contexto para se estruturar; metáforas orientacionais, aquelas que suas significações estão relacionadas à orientação espacial; e as metáforas ontológicas, aquelas que possibilitam relacionar eventos a entidades, como ocorre com a personificação. Para esse estudo, a análise será desenvolvida a partir dos conceitos relacionados às metáforas estruturais e às metáforas orientacionais com o objetivo de analisar as representações étnico-raciais

das identidades de mulheres negras, presentes nos textos analisados, com base nas estratégias de representações discursivas mapeadas.

Com base nos conceitos desenvolvidos por Lakoff e Johnson (2003), inicio a análise das ocorrências dessas estratégias de representação, tendo como ponto de partida o estudo das metáforas estruturais presentes nos textos do *corpus*. Nesse sentido, convém pontuar que essas metáforas são aquelas que possuem sua construção conceitual ancorada em outro conceito, ou, conforme Lakoff e Johnson (2003, p.59) pontuam, as metáforas estruturais são “casos nos quais um conceito é estruturado metaforicamente em relação a um outro”.

Para iniciar a análise das metáforas estruturais presentes no *corpus*, destaco os excertos [40] de T1 e [41] de T2 da escritora Conceição Evaristo, os quais podem ser visualizados a seguir. A análise desses fragmentos mostrou que ambos trazem em suas narrativas construções que remetem ao numeral sete em suas descrições, conforme trechos a seguir:

[40] Sendo a primeira de sete filhas, desde cedo, busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, passando por uma breve adolescência.

[41] Quando os filhos de Ponciá Vicêncio, sete, nasceram e morreram, nas primeiras perdas ela sofreu muito.

Nesse sentido, aparentemente o sete aparece como número simbólico, surgindo em T1 como apresentação da quantidade de filhas da protagonista, mãe da narradora, e se repetindo em T2, como apresentação também da quantidade de filhos da protagonista, isto é, o numeral aparece nos dois contextos em significações atreladas à maternidade. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2021, p.906) “o número sete é o símbolo universal de uma totalidade, mas de uma totalidade em movimento ou de um dinamismo total”. Nesse sentido, o número sete também está associado à perfeição.

No trecho [40], de T1, vejo a menção ao numeral como uma forma de marcar o sofrimento presente na vida da protagonista, que teve desde cedo de dar conta de suas dificuldades, pois, apesar de viverem quase como em confraria, eram muitas crianças para a mãe dar conta, por isso, a protagonista assume um lugar de independência quase que forçado. Em [41], de T2, vejo o número como a simbolização da “força” de Ponciá que, apesar de passar por sete perdas, permanece seguindo em frente. Ambas as representações dialogam com a construção pautada na mulher negra guerreira, que

precisa dar conta de tudo, estar em constante luta, mesmo que isso custe abrir mão de sua subjetividade.

Outra metáfora estrutural que aborda a questão dos percalços enfrentados por Ponciá em T2 é a metáfora atrelada à escravidão, que aparece no último fragmento do texto e que remete a uma situação de escravização, consequência da impossibilidade de mudança e ascensão social. A seguir, o trecho ao qual me refiro:

[42] Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida.

A metáfora estrutural utilizada pela narradora, que a coloca como escrava, está relacionada não à escravização do corpo, como ocorria no Brasil colônia. Mas a escravização simbólica expressa a partir da situação de vulnerabilidade social que é revelada na narrativa e pode servir como justificativa para os sentimentos de Ponciá acerca da maternidade, ou melhor, do não exercer a maternagem devido à morte de seus filhos, o que nos leva a refletir sobre a transformação dos modos de escravização ao longo da História do Brasil.

A situação de repetição de mazelas torna Ponciá uma mulher desesperançada por viver em constante luta sem alcançar boa colheita. A personagem se mostra cansada e consciente da impossibilidade de reversão do lugar social de subalternidade, ao qual é destinada. Ela se vê sem saída, conforme sinaliza fragmento [42] “escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida”.

Outro ponto a ser destacado é que, diferentemente do ocorre em T1, em T2 há menção direta aos sujeitos negros, como é possível perceber na metáfora estrutural que atribui aos negros elementos que possui acepções negativas e relacionam-se a pobreza:

[43] os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida.

Vejo a utilização dessa metáfora estrutural como forma de denunciar a desigualdade à qual são submetidos homens e mulheres negras e de contestar o local social de subalternidade. Há também a marcação de identificação ancestral dessa mulher negra com o grupo descrito por ela, corroborada pelos excertos:

[44] os pais, os avós, os bisavôs sempre trabalhando nas terras dos senhores.

Nesse sentido, a ascendência de Ponciá representa aqueles que não tinham nada e, portanto, viviam sob a dominação dos brancos (os senhores). Essa relação de dependência aparece também nos versos de T3, por meio de metáfora estrutural, quando a narradora menciona que:

[45] A voz de minha avó

[46] ecoou obediência

[47] aos brancos-donos de tudo.

Os trechos anteriormente mencionados trazem mais uma vez a metáfora estrutural “brancos-donos de tudo”. Conforme dito, essa construção aparece como estratégia de denúncia acerca da situação desigual e injusta à qual os negros foram submetidos, estando sempre em desvantagem em relação aos brancos.

A análise de T2 permite inferir que Ponciá tinha consciência de sua identidade étnico-racial, seja pela menção à sua ancestralidade, seja pela situação de vulnerabilidade socioeconômica em que se encontrava, uma vez que a metáfora estrutural que finaliza a narrativa, *ela era escrava*, torna evidente essa consciência acerca de sua condição social. Lakoff e Johnson (2002, p.59) afirmam que, na metáfora estrutural, “um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro”, nesse sentido, vejo a ideia da escravização colonial sendo atrelada à escravização à qual Ponciá se refere e que estabelece em sua vida uma situação de paralisia e impossibilidade de mudança e ascensão social.

Em T5, as representações das identidades étnico-raciais de mulheres negras também se constrói a partir de metáforas estruturais que circundam questões históricas, apresentadas de forma enfática: são vivências que não possuem registro, conforme os versos:

[48] da mulata erótica,

[49] da negra boa de eito e de cama

[50] (nenhum registro).

Sobre esse assunto, Francisca Cordelia Oliveira da Silva pontua (2009, p. 168-169):

Durante o período da escravidão no Brasil, as relações entre brancos e negros foi um assunto polêmico: os escravos e escravas eram considerados objetos também nesse sentido, servindo aos senhores e a suas famílias de modo passivo ou sendo vítimas de estupros. [...] Esses fatos contribuíram para cunhar um estereótipo sexual racista para negros e negras. Elas são vistas como mulheres “fogosas”, sedentas por sexo e dispostas a prestar todos os tipos de favores sexuais, em oposição à mulher branca, formada para o casamento.

Interpreto as questões colocadas como uma metáfora estrutural que, por um lado, expressa a escravização que culmina no trabalho forçado (“do açoite”) e, por outro lado, revela a escravização sexual (“da mulata erótica, da negra boa de oito e de cama”). Vejo esses versos como forma de denúncia das violências sexuais cometidas pela elite branca contra mulheres negras no Brasil colônia. Embora essas mulheres fizessem parte do cotidiano dessa elite, foram tratadas ao longo dos séculos como invisíveis e tiveram suas participações apagadas no que diz respeito à formação da história e da cultura brasileira. Seus papéis, conforme aponta o texto, ficaram resumidos a servir, tanto na lavoura quanto na cama.

A metáfora orientacional também se faz presente no *corpus* de análise. Segundo Lakoff e Johnson (2002), essa metáfora é baseada na oposição binária entre elementos que contêm significações opostas construídas com base na nossa experiência cultural. Por exemplo, bom/ruim, alto/baixo, compõem o grupo dessas metáforas. Em T2, por exemplo, é importante evidenciar um ponto que diz respeito à metáfora orientacional coragem/covardia expressa no excerto a seguir:

[51] De que adiantara a coragem de muitos em escolher a fuga, de viverem o ideal quilombola? De que valera o desespero de vô Vicêncio? Ele, num ato de coragem-covardia, se rebelara, matara uns dos seus e quisera se matar também.

Nesse sentido, a construção coragem/covardia segue lógica similar ao que Lakoff e Johnson (2002) se referem como oposição binária entre elementos, na qual a coragem é vista como algo bom/positivo e a covardia como algo ruim/negativo, também a liberdade aparece como algo bom e a morte como algo ruim. Esse trecho remete à identificação ancestral de Ponciá com os negros e retoma a situação colonial de escravização, com menções ao ideal quilombola.

Verifica-se em *a coragem de muitos em escolher a fuga, de viverem o ideal quilombola?* No trecho [51] a expressão clara de luta histórica dos negros pela

liberdade, por meio de revoltas e fugas, situação que foi historicamente apagada e até mesmo romantizada em suposta convivência harmônica. A coragem de uns era uma tomada de posição, mas a ação nem sempre estava na revolta como forma de enfrentamento direto com o escravizador branco, ela poderia se materializar em outros momentos, como em *De que valera o desespero de Vô Vicêncio? Ele, num ato de coragem-covardia, se rebelara, matara uns dos seus e quisera se matar também*. Nesse exemplo, o enfrentamento é da realidade: um confronto final, sem retorno.

No que concerne às representações de mulheres negras, identifico a desesperança da protagonista que retoma um passado de luta e busca liberdade, iniciada com vô Vicêncio e que não se conforma com o fato de, após três gerações, permanecer em novo tipo de escravização, que não lhe tira o direito de ir e vir, mas lhe impede de sair do lugar social de subalternidade.

Além dessas questões sociais, permeia sua existência a não possibilidade de exercer a maternagem. De certa forma, a personagem passa por um processo simbólico de castração: sua maternidade é retirada, não antes, mas após os partos. Esse sofrimento se expressa por meio de uma constatação dolorosa seguida de um questionamento sem resposta: *Nascer, crescer, viver para quê?*

4.3.2 *As metonímias e suas relações com as representações discursivas de mulheres negras*

No tópico anterior, analisei o *corpus* a partir da metáfora estrutural e da metáfora orientacional que o compõem e que atuam na construção das representações discursivas de mulheres negras. Neste tópico, continuarei a análise a partir do estudo das metonímias presentes nos textos. Nessa perspectiva, Lakoff e Johnson (2002) afirmam que tanto a metáfora quanto a metonímia estruturam não apenas a linguagem, mas também nossos pensamentos e atitudes em relação às nossas experiências.

Porém, caracteriza a metonímia sua função referencial e sua condição sistemática, a partir delas é possível a representação, por exemplo, da parte pelo todo, do produtor pelo produto, do objeto pelo usuário, da instituição pelos responsáveis, etc. Sobre essa questão, Lakoff e Johnson (2002, p.93) argumentam que a metonímia “permite-nos focalizar mais especificamente em certos aspectos da entidade a que

estamos nos referindo”. Nesse sentido, mencionamos “uma parte” tendo como referência “o todo”.

Essa estratégia ocorre no T1, por meio da pergunta que percorre quase a totalidade da narrativa e que é realizada pela narradora-personagem: “de que cor eram os olhos de minha mãe?”, uma pergunta aparentemente simples, mas que, no decorrer da narrativa, assume grande importância. Nesse sentido, entendo que a narradora parte da importância que a mãe representa em sua vida e passa a tomar a parte (olhos) para mencionar aspectos do todo (mãe), como ocorre nos trechos a seguir:

[52] A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d’água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum.

Como demonstrado no trecho anteriormente citado, não se trata da descoberta da cor dos olhos da mãe, literalmente falando, mas da descoberta de aspectos da personalidade da mãe, que podem ser lidos pelas adjetivações dos olhos: *rios calmos, mas profundos*. Essas características são ancoradas nas vivências cotidianas, nesse caso, as águas surgem como sinônimas da melancolia, como ratifica o trecho a seguir:

[53] Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, chorava! Chorava, chovia!

Nesse sentido, por meio da comparação entre a metonímia “*olhos da mãe*” com “*olhos da natureza*” que chorava, podemos entender a mãe da narradora como se estivesse em estado de tristeza constante. Os motivos para estar melancólica não lhe faltavam, como o barraco em que morava com as filhas sendo acometido por uma forte tempestade que o ameaçava derrubar. Dessa forma, mais uma vez a representação da mãe negra que tudo suporta, da mulher negra guerreira - que se mantém firme, apesar de tudo - é mais uma vez consolidada, dessa vez a partir dos tropos.

A água da chuva também atua na construção da identidade materna a partir da correlação entre o fenômeno natural (chuva) e o sentimento materno (choro). Nesse sentido, a menção à Santa Bárbara (protetora das tempestades) e a Oxum (representante das águas doces) revela uma estratégia que auxilia na representação da mãe da narradora, aquela que tinha os “olhos d’água”. É importante destacar que a narradora parte, desde o título do texto, *olhos d’água*, para outros momentos em que são construídas significações atreladas à água, seja para descrever emoções (tristeza e

alegria), seja para construir sentidos a partir dos fenômenos da natureza (chuva), conforme mencionado anteriormente.

Segundo Chevalier e Gheerbrant (1988, p.16), na simbologia judaica e cristã, assim como em outras culturas, como a hindu, a água significa a origem da criação. Conforme os autores, “ela é mãe e matriz (útero). Fonte de todas as coisas”. Nesse sentido, associar a mãe à água pode ser interpretado como uma forma de caracterizá-la como o ser que alimentava a alma das filhas e as fazia viver, apesar das dificuldades. A água é o elemento que gera e mantém a vida, logo a mãe é representada como força, fonte da vida e de todas as possibilidades de existência.

Chevalier e Gheerbrant (1988, p.16) também pontuam que, assim como a maioria dos símbolos, a água tem um caráter ambivalente “é fonte de vida e fonte de morte, criadora e destruidora”. Vejo essa ambivalência presente no excerto a seguir:

[53] Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de pranto balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós.

Nele a água é fonte de vida - a chuva que irriga a terra e faz brotar - mas que também tem o poder de destruição e ameaça derrubar o barraco que abrigava a família. A água que, assim como as águas de Oxum, são “rios calmos, mas profundos e enganosos” (referência) e é assim que a narradora finalmente descobre os olhos de sua mãe “a cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d’água”.

Convém mencionar que a representação materna em T1 é de uma mãe que rompe com a tradição da mãe preta, aquela que deixa seus filhos para cuidar dos filhos dos brancos. Essa, inclusive, parece ser uma preocupação de Conceição Evaristo (2005, p. 53) que em seus textos de crítica literária denuncia:

Um aspecto a observar é a ausência de representação da mulher negra como mãe, matriz de uma família negra, perfil delineado para as mulheres brancas em geral. Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra. Quanto à mãe-preta, aquela que causa comiseração ao poeta, cuida dos filhos dos brancos em detrimento dos seus. [...] o que se pretende argumentar aqui é: qual seria o significado da não representação materna para a mulher negra na literatura brasileira? Estaria o discurso literário, como o histórico, procurando apagar os sentidos de uma matriz africana na sociedade brasileira? Teria a literatura a tendência em ignorar o papel da mulher negra na formação da cultura nacional?

Diferentemente da denúncia realizada por Evaristo acerca das representações de mulheres negras na literatura brasileira, especialmente na literatura canônica, na qual há a morte da prole (simbólica e/ou real, por meio da miséria) suas personagens parecem estar na contramão dessa tendência, performando mães negras que acolhem e cuidam de seus filhos, quando esses sobrevivem às mazelas da vida. Em T1, embora a mãe enfrente uma escravização moderna de dependência, por ainda estar presa a uma situação de vulnerabilidade que se repete a cada geração, essa mãe encontra tempo e prioriza as filhas sempre que possível.

Em T1, não há menção direta ao vocábulo mãe negra, contudo a apresentação da mãe pelo viés da narradora parece apontar nesse sentido, devido à descrição de características fenotípicas “cabeleira crespa e bela”. (HERNANDES; MARTIN, 2016. p. 245). Nessa perspectiva, a narradora parte de uma visão positiva do cabelo crespo, pois belo, e constrói uma narrativa que confronta o discurso hegemônico, no qual há a associação das características fenotípicas do povo negro a acepções negativas. A valorização do cabelo crespo surge como parte da afirmação da identidade dessa mulher.

Braga (2021, p.50), ao analisar esse tema, afirma que o cabelo afro da mulher negra é “uma expressão política de identidade, de raça e de gênero [...] o cabelo está relacionado à autoestima e à emancipação da mulher negra”. Nesse sentido, percebo que, ao caracterizar o cabelo de sua mãe como crespo e belo, a narradora em T1 valoriza uma característica particular de sua mãe, expressa na metonímia do cabelo, mas que diz respeito a todas as mulheres negras que, assim como ela, tenham cabelos crespos. Dessa forma, constrói-se uma representação positiva da mulher negra pautada em elementos que constituem a sua identidade.

A busca pela cor dos olhos da mãe em T1 pode ser entendida também como uma busca pela própria identidade da narradora, de saber quem ela. Saber da mãe é uma metáfora que revela a necessidade de um saber-de-si que só pode ser revelado com base no saber-dos-outros (ancestrais). Um processo de constituição de identidade que se inicia antes mesmo da narradora existir como mulher negra e que se desvela na representação metonímica da mãe pela "cabeleira crespa e bela". É imprescindível mencionar que, na contramão da representação social – infelizmente ainda em voga

mesmo que de forma parcial –, o cabelo é apresentado como elemento de beleza, logo um fortalecedor da identidade negra.

Essa é uma descoberta que vai se delineando gradativamente no decorrer do texto e inicia com o reconhecimento de uma ancestralidade e de uma história cultural que também é sua, conforme trechos a seguir:

[54] Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias.

Nos trechos anteriormente citados, há uma retomada da importância da ancestralidade no processo de construção identitária – *reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e todas as mulheres de minha família* - que culmina na metonímia expressa no trecho *arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue* que remetem a *todas nossas ancestrais*.

A narrativa gira em torno das relações entre essas mulheres – a marcação do feminino em oposição ao modelo hegemônico - e do reconhecimento das Yabás, que em iorubá significa “mãe rainha” e remete aos orixás femininos¹⁷. A partir, dessas descobertas a narradora finalmente se recorda desse passado que constituiu a sua história até ali e descobre o que vinha procurando desde o princípio; a identidade de sua mãe. Porém, ao que parece a resolução para a descoberta de sua própria identidade parece estar não apenas na descoberta da cor dos olhos de sua mãe. Sua identidade se completará também a partir do olhar de sua filha, conforme metáfora expressa no excerto “faço a brincadeira em que os olhos de uma são o espelho da outra”. (HERNANDES; MARTIN, 2016. p. 247).

Em T3, a metonímia em destaque é expressa pelo vocábulo “voz” que aparece como parte que representa o todo: mulheres negras da mesma família, mas de gerações diferentes. Esse texto apresenta uma questão que considero importante: o silenciamento sofrido pelos povos negros na história e cultura brasileira, e que não necessariamente significa a ausência de voz desses atores. Nesse texto, mulheres negras em momentos históricos diversos gritam, mas infelizmente não são ouvidas. Contudo, isso não-lhes tira a agência e o desejo de um futuro menos sombrio.

¹⁷ Disponível em: <<https://mulheresdeluta.com.br/yabas-as-orixas-femininas/>> Acesso:10 julho 2021.

A análise do texto mostrou que o cerceamento da liberdade das gerações anteriores à voz poética, as quais por meio de *lamentos de uma infância perdida*, por conta da escravização *nos porões do navio*, e da *obediência aos brancos-donos de tudo*, permaneciam em uma situação social de subalternidade que as colocavam sem saída, conforme trechos a seguir:

[55]A voz de minha bisavó

[56]ecoou criança

[57]nos porões do navio.

[58]ecoou lamentos

[59]de uma infância perdida.

[60]ecoou obediência

[61]aos brancos-donos de tudo.

[62]A voz de minha mãe

[63]ecoou baixinho revolta

[64]no fundo das cozinhas alheias

[65]debaixo das trouxas

[66]roupagens sujas dos brancos

[67]pelo caminho empoeirado

[68]rumo à favela.

Em T1, “minha bisavó”, trecho [55], não apenas foi capturada e carregada, ela perdeu totalmente a chance de ter uma infância em sua terra natal junto aos seus, simbolicamente ela perde a própria vida. Essa descrição - pautada no passado e em coisas e momentos perdidos por parte da bisavó - entra como forma de revelar a subjetividade dessa mulher negra, isto é, sua humanidade. Infelizmente, o texto aponta para a herança deixada por essa mulher por conta da violência colonial sofrida: a escravização de sua descendência.

T3 segue narrando a história da família e somos apresentados à avó e à mãe do eu lírico, que embora não tenha a sua liberdade física cerceada, permanece prisioneira de uma condição de vida de dependência. Ela reclama, revolta-se, mas não há muito o que fazer, pois sua revolta, ainda que manifesta, parte do *fundo das cozinhas alheias*,

debaixo das trouxas, roupas sujas dos brancos, pelo caminho empoeirado rumo à favela.

É perceptível no excerto *A voz de minha mãe, ecoou baixinho revolta no fundo das cozinhas alheias debaixo das trouxas, roupas sujas dos brancos pelo caminho empoeirado rumo à favela* - trechos [62], [63], [64], [65], [66], [67] e [68] - uma escravização simbólica que coloca essa mulher sem escolhas, devido a sua situação de vulnerabilidade socioeconômica. Situação que se mantém na vida de “minha voz”, através da qual, finalmente, parece haver uma possibilidade de mudança a partir da linguagem, verificada nos trechos a seguir:

[69] A minha voz ainda

[70] ecoa versos perplexos

[71] com rimas de sangue

[72] e

[73] fome.

Essa menção remete ao propósito dos *Cadernos Negros*, mencionados no capítulo 1, *Corpo que escreve é corpo que tem voz*. No CN são divulgados textos de autoria negra, os quais denunciam a vulnerabilidade social dos povos afro-brasileiros e valorizam a cultura, a história e a estética negra, possibilitando a construção positiva da identidade étnico-racial da mulher e do homem negro, situação presente em T1 a partir da afirmação: *minha voz ecoa versos perplexos com rimas de sangue e fome*, ambos advindos das vivências e sofrimentos de “minha voz” e de suas ancestrais.

Queiroz e Dias (2019), em perspectiva semelhante, afirmam:

A literatura engajada e não-canônica, de autoria feminina, que mobiliza discursos contra-hegemônicos, constitui-se como tecnologia de gênero que, explorada como objeto de ação pedagógica e associada a práticas de escrita autoral, pode concorrer para a reelaboração reflexivo-identitária dos sujeitos e para a construção de masculinidades, feminilidades e identificações de gênero outras.

Nesse sentido, pontuo que o poema finaliza com a perspectiva de mudança a partir da linguagem semeada por “minha voz” e depositada nas mãos de “minha filha” que, ao recolher as vozes das suas ancestrais, ressignifica o passado e reverbera, finalmente, o eco da vida-liberdade. A identidade étnico-racial da mulher negra em T3,

expressa por meio da metonímia que toma a parte (voz) pelo todo (mulheres de gerações diversas), culmina na representação de uma mulher negra protagonista, empoderada e capaz de realizar mudanças sociais significativas no grupo ao qual pertencem.

Em T4, *Mahin amanhã*, a metonímia da voz permanece, sendo a parte representada pelo vocábulo “vozes” e o todo representado pelos grupos étnico-raciais malês, bantus, geges e nagôs, conforme ratificam os trechos

- [74] Ouve-se nos cantos a conspiração,
- [75] vozes baixas sussurram frases precisas
- [76] é aminhã, aminhã
- [78] sussuram
- [79] Malês,
- [80] bantus,
- [81] geges,
- [82] nagôs.

No texto mencionado, a representação da identidade étnico-racial da mulher negra está ancorada principalmente na figura de Luíza Mahin, conhecida como importante liderança na Revolta dos Malês - maior movimento organizado por escravizados e homens livres nas Américas, ocorrido em Salvador Bahia. Essas vozes surgem como a união de diversos povos na luta pela libertação. T4 traz a representação dos escravizados como aqueles que não aceitaram a escravidão de forma submissa, pelo contrário, resistiram e buscaram a *grande derrubada branca* que significa, nesse contexto, as suas liberdades, o fim da escravização de seus corpos e do domínio dos senhores (homens brancos). Nesse sentido, a metonímia “voz” surge mais uma vez como confirmação da representação da mulher negra guerreira, que é insubmissa e luta até o fim, mesmo diante de tanta dor. A seguir, apresento síntese da análise das categorias de representação da mulher negra, pautadas nos tropos.

4.3.3 Síntese da análise das categorias dos tropos: metáforas e metonímias.

Conforme pontuado, as metáforas e metonímias são sistemáticas e revelam conceitos apreendidos culturalmente, portanto, revelam ideologias relacionadas à forma

que enxergamos o mundo. Após análise das representações étnico-raciais da identidade de mulheres negras, a partir do estudo dos tropos no *corpus* de pesquisa, percebi que essa representação se manteve mais ou menos linear, tanto do ponto de vista da representação dos atores sociais, como do ponto de vista do estudo dos tropos, trazendo as representações já mencionadas, a saber:

- a) A mulher negra guerreira: aquela que está em constante luta por sobrevivência em um mundo misógino e racista, exemplo disso se vê através da metáfora estrutural expressa pela simbologia do numeral sete, na metáfora orientacional expressa pela expressão “coragem-covardia” e nas metonímias relacionadas à voz.
- b) A mulher negra mãe: expressa, sobretudo, pela metonímia “olhos d’água”.
- c) A mulher negra objeto de exploração sexual e de força de trabalho: verificada com a metáfora da “escrava”, em Ponciá Vicêncio.

Com a análise dos tropos, identifiquei a representação da identidade da mulher negra que exerce a maternidade como contraponto à construção da mãe preta, aquela que deixa a sua prole para cuidar dos filhos dos outros, como ocorre em *Olhos d’água*. Há também uma construção identitária ancorada na importância da ancestralidade africana como base da identificação dos personagens centrais das narrativas, como ocorre nos textos *Olhos d’água*, *Ponciá Vicêncio*, *Vozes-mulheres* e *Mahin amanhã*. Essa descoberta culmina na valorização da cultura - por meio do reconhecimento da importância das ancestrais e da estética negra, especialmente em *Olhos d’água*. As mulheres negras representadas nos textos literários são ativas, não submissas e conscientes de sua posição social.

Finalizo as discussões sobre as representações discursivas de mulheres negras, a partir do estudo dos tropos, e inicio no próximo tópico a análise do terceiro objetivo específico: relacionar as representações étnico-raciais de mulheres negras presentes no *corpus* com o que determina a lei 10.639/2003.

4.4 *As representações étnico-raciais de mulheres negras no Livro Didático e sua relação com a lei 10.639/2003*

O tópico que se inicia trata das relações entre as representações étnico-raciais de mulheres negras com o que determina a lei 10.639/2003, que trata da obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira nos currículos nacionais de educação, especialmente nas áreas de Educação Artística, Literatura e História. Nesse sentido, a lei prescreve que estejam presentes discussões acerca da “História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil”. (Lei 10.639, BRASIL, 2003).

Para atender a esse objetivo, a fundamentação será pautada nas categorias de análise do discurso propostas por Fairclough (2003), especialmente na visão de discurso como forma de representação para buscar responder como se relaciona as representações étnico-raciais de mulheres negras do *corpus* com o que determina a lei 10.639/2003.

Convém mencionar que Fairclough (2003) trata como uma das funções do discurso a representação do mundo (material, mental e social), conforme já discutido no capítulo 2 *O ontem – o hoje – o agora*. É importante ressaltar também que o discurso não necessariamente apresenta o mundo tal qual é, mas, o faz de forma projetiva, de modo a representar mundos possíveis como uma tentativa de impulsionar a mudança. (FAIRCLOUGH, 2003).

Nesse sentido, analisei os textos do *corpus* observando quais elementos dos eventos estavam incluídos ou excluídos, especificados ou genericizados, ativados ou passivados. Além disso, fiz um estudo dos tropos para identificar os discursos revelados por meio das metáforas e metonímias presentes nos textos.

Nessa perspectiva, percebi na análise de T1, *Olhos d'água*, a representação de mulheres que ocupam, majoritariamente, papéis de agência, observei a maternidade em evidência, com a mãe negra e sua prole com papel central na narrativa, a qual dialoga com a realidade social de muitas mães e avós, vistas como núcleo de família. Nesse texto, havia também menções a uma ancestralidade africana com referências culturais atreladas à religiosidade por meio das figuras das Yabás, especialmente Oxum. Percebo em *Olhos d'água* um diálogo mais direto com o primeiro parágrafo da lei 10.639/2003,

que prescreve à inclusão da cultura negra brasileira, sobretudo quando o conto trata das Yabás e Orixás, especialmente de Oxum.

Em T2, *Ponciá Vicêncio*, as mulheres, Ponciá e sua mãe, ocupam papéis de agência, há a representação de uma maternidade interrompida, devido à morte da prole após o nascimento. A representação de Ponciá é de uma mulher negra consciente de sua identidade étnico-racial, de sua ancestralidade e da vulnerabilidade socioeconômica em que se encontra. Nesse texto, vemos menção a uma ancestralidade negra escravizada e que vê no ideal quilombola uma possível saída. T2 dialoga especificamente com o que a lei preconiza acerca da luta dos negros no Brasil, quando remete ao ideal quilombola, através da figura de vô Vicêncio.

Em T3, *Vozes-mulheres*, há a representação de mulheres que ocupam papéis de agência, mesmo quando colocadas em lugar social de subalternidade, essas mulheres não são passivas. Nesse poema, há menção a ancestralidade africana, por meio da bisavó que, ainda criança, foi capturada e trazida para o Brasil. T3 dialoga com o aspecto da lei que alude a História da África e dos africanos, por meio da representação da bisavó que veio ainda criança para o Brasil em um porão de navio.

Em T4, *Mahin amanhã*, a mulher é retratada com papel de agência, sua representação se pauta em Luiza Mahin, liderança da Revolta do Malês. Há também menção à diversidade étnica dos povos africanos (malês, bantus, geges, e nagôs) e à cultura por meio da religiosidade expressa pela menção aos Orixás. T4 dialoga especificamente com o trecho da lei que trata da História da África e dos africanos, por meio da menção a diversas etnias (malês, bantus, geges e nagôs); com a luta dos negros no Brasil, através da menção à Luíza Mahin, tida como importante liderança na revolta dos Malês, mulher negra, mãe do poeta e primeiro advogado negro Luís Gama. Esse texto também dialoga com a lei quando menciona a cultura negra brasileira, ao mencionar os orixás.

Finalmente, T5, *Passado histórico*, apresenta mulheres (mulata e negra) ocupando papéis de agência. Nesse poema há denúncia acerca da escravização sexual de mulheres negras e mulatas e do apagamento desses sujeitos na História e cultura brasileira. T5 dialoga com a lei 10.639/2003 pelo atendimento à prescrição em relação ao ensino de História e Cultura africana e afro-brasileira, e traz a mulher negra em papel de agência, denunciando o lugar social de subalternidade destinado a ela. A seguir, apresento tabela síntese das relações entre as representações étnico-raciais de mulheres negras e suas relações com o que prescreve a lei 10.639/2003 no *corpus* de análise.

Tabela 7: síntese da relação entre as representações étnico-raciais de mulheres negras no livro didático, presentes no *corpus*, e a lei 10.639/2003.

Corpus de Análise	Representações étnico-raciais de mulheres negras	Ponto de diálogo com a lei 10.639/2003
T1	Mãe negra em papel de agência.	Art. 1º, §1º (inclusão da cultura negra brasileira, com representação das Yabás, especialmente de Oxum).
T2	Mulher negra guerreira com papel de agência, consciente de sua identidade étnico-racial, de sua ancestralidade e da vulnerabilidade socioeconômica em que se encontra.	Art. 1º, §1º (inclusão da luta dos negros no Brasil, com alusão ao ideal quilombola).
T3	Mulheres negras guerreiras em papéis de agência.	Art. 1º, §1º (inclusão da História da África e dos africanos, a partir da representação da bisavó).
T4	Mulher negra guerreira em papel de agência.	Art. 1º, §1º (inclusão da cultura negra brasileira, com menção aos Orixás, inclusão da História da África e dos africanos, por meio da menção a diversas etnias (malês, bantus, geges e nagôs); inclusão da luta dos negros no Brasil, através da menção à Luíza Mahin).
T5	Mulheres negras objeto de exploração sexual e de força de trabalho em papéis de agência denunciando o lugar social de subalternidade destinado a elas.	Art. 1º (obrigatoriedade do ensino de História e Cultura africana e afro-brasileira).

Esses resultados são importantes por dialogarem com questões acerca de ações afirmativas, como o que prescreve a lei 10.639/2003, quando visa valorizar e reconhecer a Cultura e a História africana e afro-brasileira. Contudo, ainda são poucos os livros que trazem representações positivas da História e Cultura africana. No universo estudado, de oito livros didáticos, apenas dois livros veiculam essas representações. Nesse sentido, permanece uma prática de exclusão que fere a prescrição legal e compactua com a perpetuação de estereótipos racistas e misóginos, tão denunciados no texto de análise T4, *Passado histórico*. Penso que ainda temos um caminho longo a percorrer na

Educação e que se faz necessário outras estratégias para burlar essa exclusão repetida século após século. Dentre possíveis estratégias destaco: a ampliação do número de obras que tratem do tema e o investimento em capacitação profissional dos docentes.

A pesquisa mostrou por meio da análise dos textos do *corpus* que existe um “como fazer” uma educação de base antirracista e que atenda ao proposto pela lei 10.639/2003. A literatura afro-brasileira entra nesse contexto como importante ferramenta “desse fazer”, ela possibilita a abertura de espaços para grupos historicamente marginalizados e possui caráter antirracista. Finalizo as análises do *corpus* e na próxima seção inicio as considerações finais acerca dessa pesquisa.

“É AMINHÃ, LUIZA MAHIN FALÔ”

O verso que inicia esta seção faz parte de um dos textos do *corpus*, *Mahin amanhã*, que trata da organização de grupos étnicos africanos escravizados que, no poema, é liderado por Luíza Mahin e representa a luta pela libertação. É um poema que traz aspectos importantes de diálogo com a lei 10.639/2003, pois remete a história da África, valoriza a cultura afro-brasileira e traz a representação da mulher negra como agente de mudança social. É com ele que apresento essa seção, na qual realizo uma retrospectiva desse estudo de modo a trazer possíveis contribuições desse trabalho para o meio acadêmico, como também para a sociedade.

Essa pesquisa foi desenvolvida a partir do arcabouço teórico da Análise de Discurso Crítica (ADC), especialmente na visão de discurso como forma de representação em Fairclough (2003). Com ela busquei o seguinte objetivo: analisar as representações discursivas de mulheres negras em textos literários de autoria feminina negra brasileira dos livros didáticos de Língua Portuguesa do primeiro ano aprovados pelo PNLD 2018/2020, de modo a verificar como estas representações atendem ao proposto pela lei 10.639/2003.

Para atender ao objetivo geral, respondi a três objetivos específicos:

- a) Identificar as representações discursivas de mulheres negras nos textos literários das coleções a partir do mapeamento dos textos vinculados ao tema da pesquisa;
- b) Analisar as representações étnico-raciais das identidades de mulheres negras, presentes nos textos analisados, com base nas estratégias de representações discursivas mapeadas;
- c) Relacionar as representações étnico-raciais de mulheres negras presentes no *corpus* com o que dispõe a lei 10.639/2003.

Para atender objetivos, parti da análise de cinco textos retirados do universo de pesquisa (livros aprovados pelo PNLD 2018/2020) e que foram escolhidos a partir dos seguintes critérios: possuir autoria feminina negra brasileira e trazer representações de mulheres negras. Os textos selecionados foram: o conto *Olhos d'água*, fragmentos do romance *Ponciá Vicêncio* e o poema *Vozes-mulheres* da escritora Conceição Evaristo; o poema *Mahin amanhã* da escritora Miriam Alves; e o poema *Passado histórico* da

escritora Sônia Fátima. Todos os textos foram retirados dos seguintes materiais didáticos: *Olhos d'água* do livro didático (LD) *Português Trilhas e Tramas 1*, e os outros quatro textos (*Ponciá Vicêncio*, *Vozes-mulheres*, *Mahin amanhã* e *Passado histórico*) do LD *Veredas da Palavra 1*.

O percurso de pesquisa contou com uma estrutura em quatro capítulos, que trataram das seguintes questões:

- a) CAPÍTULO 1: no capítulo intitulado *Corpo que escreve é corpo que tem voz*, construí uma contextualização pautada na escrita feminina negra como ferramenta de resistência ao racismo estrutural no Brasil. Como exemplo, apresentei contribuições de mulheres negras para a literatura, mulheres como Esmeralda Ribeiro, Conceição Evaristo, Miriam Alves e Sônia Fátima. Por fim, discuti sobre a transformação social possível a partir da veiculação da escrita feminina negra no livro didático.
- b) CAPÍTULO 2: no capítulo intitulado *O ontem – o hoje – o agora*, apresentei os pressupostos teóricos pelos quais a pesquisa se pautou. Desenvolvida a partir da base teórico-metodológica da Análise de Discurso Crítica (ADC), o estudo contou com autores como Fairclough (1992; 2003), Chouliaraki e Fairclough (1999), Laclau (1990), Silva (2013), Hall (2014), Woodward (2000), Monteiro (2009), Lakoff e Johnson (2002), entre outros.
- c) CAPÍTULO 3: no capítulo intitulado *Passado histórico*, apresentei as estratégias metodológicas desenvolvidas, incluindo o tema, os objetivos, a abordagem, o meio de investigação, os procedimentos, os critérios de seleção do *corpus* e as categorias de análise.
- d) CAPÍTULO 4: no capítulo intitulado *Olhos d'água*, realizei as análises e discussão dos resultados acerca do *corpus* buscando responder aos três objetivos específicos mencionados no início desse capítulo e comentados a seguir.

Para alcançar ao primeiro objetivo (identificar as representações discursivas de mulheres negras nos textos literários das coleções a partir do mapeamento dos textos vinculados ao tema da pesquisa), a análise textual foi pautada nas categorias de análise da representação dos atores sociais em van Leeuwen (1997). Todos os textos apontaram para ativação das personagens femininas negras. Neles foi possível perceber papéis de

agência para essas mulheres que representam força ativa e dinâmica; os papéis dessas mulheres giravam em torno de três representações: a mulher negra guerreira, a mulher negra mãe e a mulher negra objeto de exploração sexual e de força de trabalho.

Para atender ao segundo objetivo (analisar as representações étnico-raciais das identidades de mulheres negras, presentes nos textos analisados, com base nas estratégias de representações discursivas mapeadas), a análise textual foi pautada nos tropos, especialmente na metáfora e na metonímia, conforme Lakoff e Johnson (2002), para entender a construção da identidade das personagens. A análise textual revelou uma construção identitária pautada na valorização da cultura ancestral africana e da cultura afro-brasileira. As personagens femininas foram apresentadas como protagonistas e insubmissas em todos os textos, com suas identidades girando em torno das mesmas questões mencionadas anteriormente: a mulher negra guerreira, a mulher negra mãe e a mulher negra objeto sexual.

Para atender ao terceiro objetivo (relacionar as representações étnico-raciais de mulheres negras presentes no *corpus* e com o que dispõe a lei 10.639/2003) relacionei as representações de mulheres negras nos textos com o que prescreve a lei, a partir das categorias de análise da ADC, especialmente na visão de discurso como forma de representação em Fairclough (2003), identifiquei que em todos os textos há diálogo com a lei 10.639/2003, pois neles há protagonismo, valorização da cultura africana e afro-brasileira e denúncia acerca do lugar social de subalternidade destinado majoritariamente a negros, devido ao processo de violências históricas e ao racismo estrutural. A lei foi atendida especialmente nas questões: inclusão da cultura negra brasileira, representação da luta dos negros no Brasil, menção à história da África e dos africanos e, de modo geral, ao ensino de história e cultura africana e afro-brasileira.

Embora os resultados tenham sido importantes por dialogarem com questões acerca de ações afirmativas, como o que prescreve a lei quando visa valorizar e reconhecer a cultura e a história africana e afro-brasileira, ainda assim vejo a necessidade de trazer algumas reflexões. Escolhi o verso “é aminhã, Luíza Mahin falô” do poema *Mahin amanhã* para nomear esta seção, pois, para mim, nenhum dos textos do *corpus* dialoga mais com os caminhos de uma mudança social como ele. As tensões e focos de lutas promovidos nas práticas sociais determinam relações de dominação, conforme Chouliaraki e Fairclough (1999), mas também revelam lutas pelo poder e, conseqüentemente, alterações nas ordens do discurso. Contudo, essas transformações

não ocorrem do dia para noite, pois percorrem um longo caminho. Seus efeitos, quando sentidos, reverberam algum tempo depois, são fatos para o “amanhã”.

Muitas mudanças sociais e culturais ocorrem após mudanças nas práticas de linguagem. Porém, é necessário ter em mente que, embora o discurso seja um momento significativo das práticas sociais, ele não é o único elemento. Pensando na articulação que ocorre no interior das práticas sociais¹⁸ e considerando o contexto desse estudo, poderíamos pensar a educação, como a estrutura, e os textos dos livros didáticos aprovados pelo PNLD, como os eventos, ambos interagindo com a prática que é composta não apenas pelo discurso, mas também pelas pessoas (alunos e professores), pelo mundo material (estrutura das salas de aula da educação básica), pelas relações sociais entre as pessoas e a ação e interação que está relacionada aos meios particulares de uso da linguagem.

Nesse sentido, chamo a atenção para que pensemos na complexidade da vida social, especialmente em se tratando de uma pesquisa social como esta. Confesso que os resultados dessa pesquisa são resultados que me agradam, pois o fato de o *corpus* atender à lei 10.639/2003, que trata do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, parece apontar para um processo de mudança social, no qual se faz possível uma educação antirracista. Isso é algo transformador, ainda mais se considerarmos o contexto Brasil, um país com passado escravocrata e com tantas pessoas em situação de vulnerabilidade social, herança dos tempos coloniais.

Djamila Ribeiro (2019, p.41-42) traz algumas observações importantes a respeito da educação antirracista. Segundo ela:

um ensino que valoriza as várias existências e que referencie positivamente a população negra é benéfico para toda a sociedade, pois conhecer histórias africanas promove outra construção da subjetividade de pessoas negras, além de romper com a visão hierarquizada que pessoas brancas têm da cultura negra, saindo do solipsismo branco, isto é, deixar de apenas ver humanidade entre seus iguais. Mais ainda, são ações que diminuem as desigualdades.

Nessa perspectiva, a educação antirracista promove construções diversas de subjetividades e diminui as desigualdades. Enquanto eu realizava a análise do universo de pesquisa e fazia o levantamento do *corpus* me chamou a atenção o fato de que as representações positivas acerca de mulheres negras que apareciam nos livros didáticos, eram produtos de escrita apenas de mulheres negras. Homens negros não aparecem

¹⁸ Ver figura 11 no capítulo 2, *O ontem – o hoje – o agora*.

construindo essa representação e as autoras e autores brasileiros não negros que constroem uma representação de mulheres negras o fazem a partir do estereótipo da escravidão, da submissão e da desumanização¹⁹. Esse fato me fez perceber o quão importante é a escrita dessas mulheres para a efetivação de uma educação antirracista e para a ruptura com apenas um modo de construção do mundo social, ancorada, sobretudo, na perspectiva eurocêntrica.

Contudo, conforme dito anteriormente, a vida social é complexa. As práticas sociais são compostas por vários elementos, que não apenas o discurso. Um dado a se pensar, por exemplo, é o fato de que entre oito coleções, apenas duas veiculam representações positivas da imagem e da cultura afro-brasileira e africana. Além disso, talvez, o mínimo de pessoas tenha acesso a esse material, uma vez que, no processo de escolha e distribuição dos livros, nem sempre esses, que veiculam textos da literatura afro-brasileira, são os escolhidos.

Sobre essa questão é necessário refletir sobre o próprio processo de escolha que não está restrito, inclusive, à indicação dos professores de cada instituição, podendo haver interferências das redes municipais e estaduais. Além disso, há antes mesmo de se chegar à escola, um processo de exclusão que não possibilita sequer a entrada desse material – que aborda a temática afro-brasileira - nas editoras, uma vez que o mercado editorial normalmente é fechado a essas produções.

É preciso levar em consideração que há uma rede de práticas, pessoas, ações e eventos envolvidos nas articulações entre as práticas sociais e é essa rede que irá determinar ou não mudanças culturais e sociais efetivas. Por isso, termino esse trabalho com a sensação de que há muito ainda para ser pesquisado acerca da exclusão da representação étnico-racial da mulher negra no livro didático, mas satisfeita com as primeiras descobertas.

Tenho a expectativa, como pesquisadora e professora da rede pública de ensino, de que essa pesquisa possa contribuir de forma significativa para reflexão de que é possível sim um ensino antirracista; mas, para que ele seja efetivamente instaurado, precisamos mudar algumas práticas, como o atendimento a lei 10.639/2003 e, conseqüentemente, a inserção de textos que valorizem a cultura afro-brasileira em todos os livros didáticos aprovados e pensar em soluções como a complementação das

¹⁹ Além dos textos do *corpus*, localizei dois textos que traziam representação da mulher negra: um fragmento de *Negrinha* de Monteiro Lobato e o fragmento *Minha vida de menina* do diário de Helena Morley.

práticas docentes por meio de debates e de cursos como parte da formação continuada dos profissionais de educação.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Luiza M; ABAURRE, Maria Bernadete M; PONTARA, Marcela. **Português: contexto, interlocução e sentido 1**. São Paulo: Moderna, 2016.
- ALMEIDA, Sílvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- ALVES, Miriam. “Escrevo porque não dá para não escrever”: entrevista com Miriam Alves. *In: Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Scielo, n. 51, 2017.
- _____. A cega e a negra. *In: BARBOSA, Marcio; RIBEIRO, Esmeralda (Org). Cadernos Negros 24: contos afro-brasileiros*. São Paulo: Quilombhoje, 2001.
- _____. Miriam Alves (depoimento). *In: QUILOMBHOJE (Org). Cadernos Negros 8 - Contos*. São Paulo: Edição dos Autores, 1985, p. 13.
- AMARAL, Emília; FERREIRA, Mauro; LEITE, Ricardo; ANTÔNIO, Severino. **Português: Novas Palavras**. São Paulo: FTD, 2016.
- AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. Jandira: Ciranda Cultural, 2018.
- BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Clara dos Anjos**. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BRAGA, Cláudio R. V. **A literatura movente de Chimamanda Adichie: pós-colonialidade, descolonização cultural e diáspora**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2021.
- BRASIL. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm> Acesso em 03 julho 2021.
- _____. Ministério da Educação. **FNDE – histórico PNLD**. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/component/k2/item/518-hist%C3%B3rico>> Acesso 03 julho 2021.
- _____. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio, Linguagens Códigos e suas Tecnologias)**. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2000.
- _____. Ministério da Educação. **PNLD 2018: Língua Portuguesa – guia de livros didáticos – Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2017.

BRASILEIRO, Ada. **Manual de produção de textos acadêmicos e científicos**. São Paulo: Atlas, 2013.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo**: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Disponível em: <https://www.patriciamagno.com.br/wp-content/uploads/2021/04/CARNEIRO-2013-Enegrecer-o-feminismo.pdf> Acesso: 07 ago 2021.

_____. Mulheres negras e poder: um ensaio sobre a ausência. *In*: Brasil. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2009.

CEREJA, Wiliam; DIAS VIANNA, Carolina; DAMIEN, Christiane. **Português Contemporâneo**: diálogo, reflexão e uso. São Paulo: Saraiva, 2016.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio editora, 2021.

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in late modernity**: rethinking critical discourse analysis. Edinburgh: University Edinburgh Press, 1999.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna. **O planejamento da pesquisa qualitativa**. Teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

DUARTE, Eduardo. Por um conceito de literatura afrobrasileira. *In*: DUARTE, E; FONSECA, M. N. (ORG). **Literatura e Afrodescendência no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento da minha escrita. *In*: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). **Representações performáticas brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

_____. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. **Revista Palmares**: cultura afro-brasileira, 2005, p. 52-57.

_____. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing Discourse**: Textual analysis for social research. London, New York: Routledge, 2003.

_____. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de; MARUXO JUNIOR, José Hamilton. **Língua Portuguesa**: Linguagem e Interação 1. São Paulo: Ática, 2016.

FÁTIMA, Sônia. Branca história. *In*: QUILOMBHOJE (org.). **Cadernos negros**, volume 9. São Paulo: Quilombhoje, 1986, p. 18.

FERREIRA, Cacio José; COSTA, Elisabeth Britto da; TEIXEIRA, Wagner Barros (Org.). **Múltiplos olhares sobre o ensino de línguas**: material didático. Manaus: EDUA, 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2014.

_____. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: editora UFMG, 2013.

HERNANDES, Roberta; MARTINS, Vima Lia. **Veredas da Palavra 1**. São Paulo: Ática, 2017.

JUSTINO, Marinice Natal. **Pesquisa e recursos didáticos na formação e prática docentes**. Curitiba: Ibpe, 2011.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002.

MAGALHÃES, Izabel; MARTINS, André Ricardo; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de Discurso Crítica**: um método de pesquisa qualitativa. Brasília: Editora UnB, 2017.

MAY, Tim. **Pesquisa social**. Questões, métodos e processos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MONTEIRO, José Lemos. **A estilística**: manual de análise e criação do estilo literário. Petrópolis: Vozes, 2009.

ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua**: literatura, produção de texto, linguagem 1. São Paulo: Moderna, 2016.

PAIVA, Andressa Munique; BARRETO, Ricardo Gonçalves; SANTA BÁRBARA, Marianka Gonçalves; e, BERGAMIN, Cecília. **Língua Portuguesa**: ser protagonista 1. São Paulo: Edições SM, 2016.

PEREIRA, Rodrigo Rosa. **Perspectivas femininas afro-brasileiras em cadernos negros (contos)**: Conceição Evaristo, Esmeralda Ribeiro e Miriam Alves. 2016. 239 f. Tese (Doutorado em História da Literatura) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2016.

QUEIROZ, Atauan Soares de; DIAS, Juliana Freitas. O potencial agentivo da leitura de obras literárias de autoria feminina: uma experiência etnográfica no contexto escolar. **Itinerarius Reflectionis**: revista eletrônica graduação/pós-graduação em Educação, Goiás, v. 15, n. 4, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/60225> Acesso em 25 junho 2021.

REIS, João José. **Rebelião escrava no Brasil**: a história do Levante dos Malês em 1835. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

RIBEIRO, Esmeralda. Guarde segredo. *In*: **Cadernos Negros**: os melhores contos. São Paulo: Quilombhoje, 1998, p. 65-72.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Esmeralda. A Escritora negra e o seu ato de escrever participando. *In*: SILVA, Luiz (Cutí); ALVES, Miriam; e XAVIER, Arnaldo (orgs.). **Criação crioula, nu elefante branco**. São Paulo: Secretaria de Estado e Cultura, 1987.

ROJO, Roxane; BATISTA, Antônio. **Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura?**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SETTE, Graça; TRAVALHA, Márcia; RIBEIRO, Ivone; STARLING, Rozário. **Português: Trilhas e Tramas 1**. São Paulo: Leya, 2016.

SILVA, Francisca Cordelia Oliveira da. **A construção social de identidades étnico-raciais: uma análise discursiva do racismo no Brasil**. 2009. 267 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

_____. A experiência de grupos reflexivos em casos de racismo e de injúria racial. *In*: ÁVILA, Tiago André Pierobom de (coord.). **Acusações de racismo na capital da República**: obra comemorativa dos 10 anos do Núcleo de enfrentamento à Discriminação do MPDFT. Brasília: Ministério Público do Distrito Federal e Territórios, 2017. Disponível em: http://www.mpdft.mp.br/portal/pdf/nucleos/ned/Acusacoes_de_racismo_na_capital_da_Republica.pdf

_____. **A representação da raça negra no Brasil**: ideologia e identidades. Dissertação (mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

_____. O uso de metáforas e a construção de identidades étnicas. *In*: VIEIRA, Josenia Antunes *et al.* **Olhares em Análise de Discurso Crítica**. Brasília: CEPADIC, 2009.

SILVA, Francisca Cordelia Oliveira da; BERNADINO-COSTA, Joaze. **Do direito a ser humano**: análise discursiva-crítica de injúrias raciais – desumanização e animalização. 2021, no prelo.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomas Tadeu. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2013.

SOUSA, J. M. S. S. SOUZA, A. L. S. O negro no livro didático: da subalternidade de papéis sociais à omissão. **Revista Scientia**, v.2, p. 68-87, 2017.

SOUZA, Florentina da Silva. **Afro-descendência em Cadernos Negros e jornal do MNU**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

THOMPSON, John. **Ideologia e Cultura Moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2011.

VAN LEEUWEN, Theo. A representação dos actores sociais. *In*: PEDRO, Emília R. **Análise Crítica do Discurso**. Lisboa: Caminho, 1998.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2013.